

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**ANA CLAUDIA TAUBE MATIELLO**

**FORMAÇÃO TERRITORIAL EM TERRA NOVA DO NORTE-MT: O  
PAPEL DA AGRICULTURA FAMILIAR**

**CÁCERES-MT  
2023**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**ANA CLAUDIA TAUBE MATIELLO**

**FORMAÇÃO TERRITORIAL EM TERRA NOVA DO NORTE-MT: O  
PAPEL DA AGRICULTURA FAMILIAR**

Dissertação apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), como parte das exigências do Programa de Pós -graduação em Geografia (PPGGeo), para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Dra. Lisanil da  
Conceição Patrocínio Pereira

**CÁCERES-MT  
2023**

**ANA CLAUDIA TAUBE MATIELLO**

**FORMAÇÃO TERRITORIAL EM TERRA NOVA DO NORTE-MT: O  
PAPEL DA AGRICULTURA FAMILIAR**

Essa Dissertação foi julgada e aprovada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia, junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGeo), da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat).

Local, dia, mês e ano.

**Banca Examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira  
Orientadora  
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

---

Prof. Dr. Jair Reck  
Avaliador Externo  
Universidade de Brasília (UnB)

---

Prof. Dr. Leonir Amantino Boff  
Avaliador Externo  
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

---

Prof. Dr. Evaldo Ferreira  
Avaliador Interno  
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

**CÁCERES – MT  
2023**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

MATIELLO, Ana Claudia Taube.

M433f Formação Territorial em Terra Nova do Norte-MT:  
O Papel da Agricultura Familiar / Ana Claudia Taube  
Matiello – Cáceres, 2024.

140 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação  
Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Geografia,  
Faculdade de Ciências Humanas, Câmpus de  
Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso,  
2024.

Orientador: Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira

Este trabalho é dedicado, com muita saudade, aos que se foram, Ermogênio da Silva Matiello (pai), Eduarda Silvino Batista Alberto (bolsista) e Yara Matiello (sobrinha). A vocês dedico esta escrita que segue. Que, em cada parágrafo, vocês estejam presentes, sobretudo minha sobrinha brutalmente violentada e assassinada (20-09-2023). Que nenhuma família viva essa dor que sinto em meu coração.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por me proporcionar saúde nesta caminhada.

A minha orientadora, Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, pela paciência e aprendizado ao longo dessa dissertação.

Aos membros da Banca Examinadora, por estarem nessa jornada acadêmica e pela contribuição com a pesquisa.

Aos meus colegas, meus agradecimentos pelos momentos bons e ruins.

Aos meus familiares pelo apoio, em especial, aos mais presentes.

A minha mãe Iloidi Taube, minha base e referência de mulher batalhadora e forte, que me ensinou a nunca desistir de nada e lutar pelo meu espaço no mundo.

Ao meu pai, que não está aqui, mas está contente pelas minhas conquistas, de onde estiver, apesar de ter enfrentado quase uma existência sem um pai, acredito que isso me fortaleceu. Nunca duvidei da minha capacidade de transformação diante dos problemas, com fé e positividade sempre.

E a todos que direta ou indiretamente participaram desta caminhada, em particular aos povos do campo inseridos nesta pesquisa, meus sinceros agradecimentos pelo apoio, acolhida e paciência, aprendi muito sobre resiliência, resistência e persistência com vocês, principalmente a amar a terra, o bem mais precioso que existe.

## RESUMO

Na presente pesquisa apresentamos um debate sobre a formação territorial do município de Terra Nova do Norte-MT, demonstrando as experiências que ocorrem, devido à forte presença da agricultura familiar, no município. A colonização deste município, por parte, temos os conflitos por posse de terra na região Sul do Brasil entre os indígenas Kaingang e os colonos. O objetivo desse trabalho é analisar a formação territorial do município de Terra Nova do Norte-MT e a agricultura familiar. Iniciamos os procedimentos adotados para a pesquisa com revisão bibliográfica, para analisar a formação do estado de Mato Grosso e o surgimento do Projeto Terranova, para compreendermos como se formou o então município de Terra Nova do Norte. Também trataremos sobre a questão do território e o lugar, bases para esta pesquisa. Além disso, apontaremos algumas experiências, como a formação das 10 (dez) agrovilas criadas durante o processo de colonização e base para a economia do município, a importância da agricultura familiar e a educação do campo, principais referências. Elaboramos mapas de localização dos locais de estudo, além da utilização de fotografias para ilustrar a formação territorial. Utilizamos como método de pesquisa a observação participante, um método em que a pesquisadora está inserida nesses grupos para melhor compreendê-los. Também utilizamos a entrevista semiestruturada, com perguntas abertas, facilitando o entendimento desses grupos em relação ao seu local e à agricultura familiar. Desse modo, esperamos como resultados uma análise desse território, que vêm se transformando ao longo do tempo, bem como as experiências, por meio dos sujeitos que influenciam, no que é hoje o município.

**Palavras-Chave:** Formação territorial. Experiências. Agricultura familiar. Terra Nova do Norte-MT

## ABSTRACT

In this research we present a debate on the territorial formation of the municipality of Terra Nova do Norte-MT, demonstrating the experiences that occur, due to the strong presence of family farming, in the municipality. The colonization of this municipality, on the other hand, includes conflicts over land ownership in the southern region of Brazil between the Kaingang indigenous people and the settlers. The objective of this work is to analyze the territorial formation of the municipality of Terra Nova do Norte-MT and family farming. We began the procedures adopted for the research with a bibliographical review, to analyze the formation of the state of Mato Grosso and the emergence of the Terranova Project, to understand how the then municipality of Terra Nova do Norte was formed. We will also discuss the issue of territory and place, the basis for this research. Furthermore, we will point out some experiences, such as the formation of the 10 (ten) farm villages created during the colonization process and the basis for the municipality's economy, the importance of family farming and rural education, main references. We prepared location maps of the study sites, in addition to using photographs to illustrate territorial formation. We used participant observation as a research method, a method in which the researcher is inserted in these groups to better understand them. We also used semi-structured interviews, with open questions, facilitating the understanding of these groups in relation to their location and family farming. In this way, we expect as results an analysis of this territory, which has been transforming over time, as well as the experiences, through the subjects who influence, in what the municipality is today.

**Keywords:** Territorial formation. Experiences. Family farming. Terra Nova do Norte-MT



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Terras Indígenas Kaingang nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo .....	29
Figura 2 - Indígenas Kaingangs contra colonos em Nonoai no Rio Grande do Sul .....	30
Figura 3 - Norberto Schwantes.....	33
Figura 4 - Imagem orbital de localização das Agrovilas no município de Terra Nova do Norte-MT.....	36
Figura 5 - Casas do Projeto Terranova em 1980 .....	37
Figura 6 - Formação da Agrovila Esteio (1ª) no Projeto Terranova em 1978 ...	37
Figura 7 - Imagem orbital da mancha urbana do município de Terra Nova do Norte/MT .....	51
Figura 8 - Mapa de localização da Comunidade São Pedro no município de Terra Nova do Norte-MT .....	59
Figura 9 - Instalações da antiga Escola Municipal São Pedro (atual AMAFPA)	60
Figura 10: Processo de extração manual do pequi na Associação (AMAFPA)	64
Figura 11: Pequi da Amazônia ou “Pequi Gigante” colhido pelos produtores da comunidade São Pedro.....	65
Figura 12: Produção de pães na Associação (AMAFPA) .....	66
Figura 13 - Imagem do gráfico do site Censo Agropecuário 2017 sobre a distribuição por sexo dos produtores rurais.....	67
Figura 14: Imagem orbital da localização do sítio J4M da produtora 01 .....	74
Figura 15: Área da piscicultura da propriedade da Produtora 1 .....	75
Figura 16: Produção no sítio J4M: A) Compotas e conservas B) Linguças Goumert C) Salame de porco D) Pequi Gigante ou da Amazônia. ....	76
Figura 17 - Pacas silvestres criadas na propriedade da Produtora 1 .....	78
Figura 18 - “Paquito” - paca de origem silvestre da Produtora 1 .....	79

Figura 19 - Imagem orbital de localização da Chácara Por do Sol da Produtora 2. ....	84
Figura 20 - Animais da Produtora 2.....	87
Figura 21 - Curral da Produtora 2.....	87
Figura 22 - Sede da Coopercana no Projeto Terranova (1979) .....	93
Figura 23 - Sede Administrativa da coopernova em Terra Nova do Norte-MT. ....	95
Figura 24 - Entrada da área agroindustrial da coopernova .....	96
Figura 25 - Loja de vendas de produtos da Coopernova.....	97
Figura 26 - Catálogo de produtos produzidos pela Coopernova .....	98
Figura 27: Queijos produzidos pela cooperativa .....	99
Figura 28 - Número de associados de 1988 a 2022.....	100
Figura 29: Número total de funcionários da coopernova de 2021 a 2022	100
Figura 30 - Recepção de leite em milhões de litros entre 2021 a 2022.....	101
Figura 31: Faturamento por atividades na Coopernova 2021 a 2022 .....	102
Figura 32: Valor do litro de leite entre 2021 a 2022.....	103
Figura 33: Imagem orbital da localização da Escola Estadual Terra Nova na comunidade Décima Agrovila ou Ribeirão Bonito .....	107
Figura 34: Imagem área da Escola Estadual Terra Nova.....	110
Figura 35: Trabalhos expostos na Olimpíada da Escola Estadual Terra Nova .....	116

## LISTA DE SIGLAS

AMAFPA	Associação de Mulheres da Agricultura Familiar do Portal da Amazônia
APRONOVA	Associação dos Produtores Rurais de Terra Nova
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COOPERCANA	Cooperativa Agropecuária Mista Canarana Ltda
COOPERNOVA	Cooperativa Agropecuária Mista Terranova Ltda
EMPAER	Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural
FAMATO	Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Mato Grosso
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MDA	Ministério de Desenvolvimento Agrário
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PACS	Projeto de Assentamento Conjunto
PDCI	Plano de Desenvolvimento Comunitário Integrado
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PPP	Projeto Político Pedagógico
PRONAF	Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SESCOOP	Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo

UNEMAT

Universidade do Estado do Mato Grosso

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Amostra dos produtores entrevistados para o diagnóstico da cadeia produtiva de leite no estado do Mato Grosso .....	49
---	----

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	A “MARCHA PARA O OESTE”: ANÁLISE DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS E A FORMAÇÃO HISTÓRICA DE TERRA NOVA DO NORTE.....	18
2.1	As categorias de análise geográfica na pesquisa: Território e Lugar.....	18
2.2	Formação territorial do estado do Mato Grosso.....	24
2.3	Projeto de Colonização de Terranova.....	26
2.4	As 10 (dez) agrovilas e/ou comunidades no município de Terra Nova do Norte.....	35
2.5	A educação do campo.....	42
2.6	A importância da agricultura familiar.....	44
2.7	Dados da agricultura familiar no município de Terra Nova do Norte e a influência da Coopernova.....	47
3	METODOLOGIA DA PESQUISA E SEUS CAMINHOS.....	51
3.1	Área de estudo.....	51
3.2	Procedimentos metodológicos.....	52
4	A AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE TERRA NOVA DO NORTE.....	57
4.1	Associação de mulheres AMAFPA.....	58
4.2	Duas histórias de sucesso do protagonismo feminino no campo.....	71
4.3	Coopernova.....	89
4.4	Escola Estadual Terra Nova.....	103
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	122
	APÊNDICE A – Roteiro de observação participante.....	132

<b>APÊNDICE B – Roteiro de entrevista Associação AMAFPA.</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICE C – Roteiro de entrevista com as produtoras da comunidade Oitava Agrovila.....</b>	<b>134</b>
<b>APÊNDICE D – Roteiro de entrevista Escola Estadual Terra Nova (Professores).....</b>	<b>135</b>
<b>APÊNDICE E – Roteiro de entrevista Escola Estadual Terra Nova (Estudantes).....</b>	<b>136</b>
<b>APÊNDICE F – Roteiro de entrevista Coopernova.....</b>	<b>137</b>

## 1. INTRODUÇÃO

“[...] então o camponês descobre que, tendo sido capaz de transformar a terra, ele é capaz também de transformar a cultura, renasce não mais como objeto dela, mas também como sujeito da história”

(Paulo Freire)

Este estudo é fruto de uma experiência e vivência com a agricultura familiar no município de Terra Nova do Norte, no Estado de Mato Grosso. Salientamos, inicialmente, que a autora deste estudo sempre viveu no campo, desde a sua infância, com pais que vieram do Sul do Brasil para as terras mato-grossenses, no período de colonização. O pai, de origem italiana, participou do movimento pela reforma agrária no estado do Rio Grande do Sul, em 1960; a mãe, de origem alemã, veio do interior de Santa Catarina. A pesquisa, assim, é parte da autora e a autora é parte dessa pesquisa, uma vez que a escolha do tema tem a ver com a história e vivência da autora<sup>1</sup>.

Ainda que houvesse problemas durante esta jornada, por um lado, havia uma preocupação em relação à familiaridade com o tema da pesquisa. O fato de ser filha de agricultores rurais e moradora do campo desde criança propiciou uma maior proximidade da autora com o tema e os sujeitos, o que facilitou a busca dos dados para este trabalho, bem como uma compreensão do objeto de estudo. Assim, trata-se de um estudo que visa e valoriza a participação de quem escreve e produz a pesquisa.

Nesta dissertação de mestrado temos como base um estudo sobre a formação territorial do município de Terra Nova do Norte, pautado em sua dinâmica de colonização, advinda dos migrantes do território sul do Brasil para as terras mato-grossenses. Cunha (2006) comenta que o fluxo migratório se trata de quase 30 anos (1970 – 1996), sendo marcado por uma grande ocupação e desenvolvimento de transformação no Centro-Oeste.

Portanto, com a chegada das populações sulistas, observamos a

---

<sup>1</sup> Essa proximidade da pesquisadora com o tema se mostra no texto, tendo em vista que, muitas vezes, ao invés de utilizar apenas a primeira pessoa do plural na escrita da dissertação, o leitor vai se deparar com a primeira pessoa do singular. No entanto, isso não compromete a seriedade e rigor da pesquisa, mas mostra um olhar de dentro do objeto de análise, que é a agricultura familiar.



implantação da agricultura familiar, bem como dos latifundiários nas localidades. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2014), em 1970, as atividades desenvolvidas na região eram, principalmente, baseadas na pecuária de expansão e na lavoura de subsistência.

Realizamos a pesquisa empírica de agosto de 2022 até abril de 2023, tendo como base fontes bibliográficas, especialmente, sobre a área rural, aliando-as à pesquisa fenomenológica e seus variados instrumentos de coletas de dados. Como objetivo principal desta pesquisa, buscamos analisar a formação territorial do município de Terra Nova do Norte, contudo, é necessário entendermos as experiências ocorridas neste município, já que a agricultura familiar é de suma importância, tanto para a sua constituição, como para as atividades econômicas, visto que o latifundiário se amplia para as terras mato-grossenses, nos últimos anos.

Como objetivos específicos temos: Caracterizar a colonização de Mato Grosso e de Terra Nova do Norte; Mapear as agrovilas rurais que formam o município; Identificar quais são as experiências decoloniais que ocorrem no município e descrevê-las detalhadamente.

Como problemática que direciona a pesquisa, temos a seguinte indagação: qual a importância da agricultura familiar na formação territorial do município de Terra Nova do Norte? Nesse sentido, temos como objetivo principal compreender a colonização do município, a agricultura familiar e suas experiências nesse território.

Quando saiu a publicação da minha aprovação no Mestrado, iniciei a jornada acadêmica, deslocando-me de outro país (Portugal) para a minha região de estudo, Mato Grosso. Minha ida a Portugal deu-se por motivos de estudo e saúde. No começo, minha pesquisa estava voltada apenas para a Associação de Mulheres da Agricultura Familiar, do Portal da Amazônia (AMAFPA), mas no decorrer do trabalho, observamos uma maior preocupação em relação ao que o município tem a oferecer: a agricultura familiar, pois uma situação se conecta a outra, fato que esclareceremos até o final deste estudo.

Com o respectivo lócus de investigação, literalmente familiar (minha cidade natal), surgiu então o compromisso de fazer uma pesquisa científica. Um verdadeiro desafio, tornar o que é conhecido em algo incomum. Em primeira instância, houve de minha parte, um olhar de preocupação em relação

à elaboração desse trabalho, porém em conversas com a orientadora, bem como sua visita, fez-me compreender que ser parte de tudo isso era o mais importante. Pois, morar na área rural desde a infância torna-me parte desta pesquisa e esta pesquisa, parte de mim.

Um das maneiras que encontrei para enfrentar os impasses foi estruturar um trabalho de campo cunhado consideravelmente na ética e conforme as circunstâncias metodológicas. Desse modo, procurei explicar e deixar claro aos sujeitos do meu estudo, o motivo de estar ali, seguindo o roteiro da observação participante e da entrevista semiestruturada ('vide' apêndice).

Em verdade, o elemento crucial para a escolha deste tema e sua delimitação deu-se por estar debruçada sobre os estudos do meio rural (com a AMAFPA) e com a visita da minha orientadora (Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira) em minha cidade natal (Terra Nova do Norte) para divulgação da II Mostra Científica e I Olimpíada Nacional de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas<sup>2</sup>, na Escola Estadual Terra Nova. Assim que realizamos nosso trabalho de campo na Associação AMAFPA e na escola, verificamos que existia uma forte ligação entre os povos do campo, advindo da formação deste município, sendo uma verdadeira colonização, que vai ao decolonialismo, não podendo, por isso, ser ignorada.

Santos (1993) analisa esse tema da seguinte maneira: o regime militar autoritário e ditatorial, estabelecido pelo Golpe de Estado de 31 de março de 1964, iniciou uma intensa ação regulamentadora da questão agrária. Até então, as ações do Estado oscilaram entre uma política de reforma agrária e uma política de colonização. A partir do início dos anos 70, a última se sobressaiu à primeira. A colonização é um sistema, através da ação de órgãos públicos e empresas privadas, que acompanhará o aproveitamento de uma nova área para o setor agrícola e pastoril, a Amazônia.

Segundo Souza (2008) o contexto histórico de colonização no norte mato-grossense é definido pela "Marcha do Oeste"<sup>3</sup>, surgida no governo de Getúlio Vargas. Tratava-se de um reflexo dos impactos ambientais e os conflitos pelo

---

<sup>2</sup> O projeto visa incentivar estudantes de escolas públicas e privadas a escreverem um artigo científico sobre a sua experiência escolar, com uma Bolsa de Iniciação Científica Júnior do CNPq.

<sup>3</sup> Trata-se de uma política pública do então governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo a fim de integrar regiões no Centro-Oeste e Norte que apresentavam baixa densidade demográfica.

uso e posse da terra, entre indígenas, colonos e a prática da escravidão, pelo avanço da agropecuária na região, causando os conflitos que permanecem até os dias atuais, pela tomada de terras, principalmente da expulsão dos povos tradicionais desses territórios. Um grande ciclo de conflito e perda de materialidade cultural.

Com o crescente avanço do latifundiário, principalmente no estado do Mato Grosso, observamos uma diminuição do conhecimento e experiência tradicionais, principalmente, da agricultura familiar, que respeita e valoriza a terra. Delgado e Bergamasco (2017) comentam que a agricultura familiar brasileira se destaca entre as maiores do mundo, que representa as diversas produções sociais materiais e imateriais, às quais correspondem múltiplos discursos identitários existentes e, com a perda desses aspectos, estamos perdendo parte de uma história.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos, com detalhes específicos em cada um deles, embora estejam interligados entre si em histórias e experiências. Um dos primeiros passos desta caminhada é expor o tema, o objetivo geral e os específicos, além da problemática e justificativa.

No segundo capítulo, da Fundamentação Teórica, expomos as categorias de análises geográficas: território e lugar. As duas são de igual importância ao estudo, estando interligadas pelas questões de vivências e experiências com o local. Já no terceiro capítulo, trabalhamos a metodologia da pesquisa, com a caracterização da área de estudo, sendo esse o município de Terra Nova do Norte-MT e os procedimentos metodológicos, tendo como base o estudo fenomenológico, a observação participante e apoio da entrevista semiestruturada para a obtenção dos dados necessários.

No quarto e último capítulo, apresentamos a agricultura familiar materializada em sujeitos no estudo, sendo esses: Associação AMAFPA; Histórias de duas produtoras no ramo rural; Coopernova e a Escola Estadual Terra Nova, todos exemplos da agricultura familiar dentro e fora do município.

Na conclusão, abordamos que a agricultura familiar não é observada como uma atividade de importância pela sociedade, apesar de ser a responsável pela maior parte da alimentação consumida. Segundo Savoldi e Cunha (2010) a agricultura familiar não é entendida como trabalho familiar, porém se trata de uma produção em família, onde ocorre a transmissão de patrimônio material e

cultural. Então, surge a importância desse estudo pautado na valorização da agricultura familiar no município de Terra Nova do Norte-MT, pois o que observamos na sociedade é um declínio em relação ao crescente latifúndio, dificultando o trabalho agroecológico familiar, e conseqüentemente propiciando a sua perda.

## 2. “A MARCHA PARA O OESTE”: ANÁLISE DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS E A FORMAÇÃO HISTÓRICA DE TERRA NOVA DO NORTE

O verdadeiro sentido de brasilidade é a Marcha para o Oeste. (Getúlio Vargas)

### 2.1 As categorias de análise geográfica na pesquisa: Território e Lugar

Para iniciarmos a discussão em torno das categorias de análise geográfica, começamos a contextualizar o espaço, esse conceito-chave da geografia, uma análise relevante que corrobora a pesquisa em questão, principalmente o espaço e o território agentes transformadores do nosso objeto de estudo o município de Terra Nova do Norte.

Os estudos da geografia tradicional não tinham o conceito de espaço como conceito-chave, de acordo com Spósito (2012). Não se considerava o espaço um conceito-chave da geografia, e somente com as discussões de Ratzel (1970) a respeito do espaço vital que surgiu a necessidade de estudar esse conceito. Conforme Corrêa (2012), o conceito de espaço é vago, está relacionado a uma parte da natureza ou ao homem de maneira particular, deixando suas marcas. Um exemplo disso é a referência de localização, seja em escala global, continental ou regional.

Para Santos (1988, p. 25), o espaço como objeto possui relações entre si e com o homem, para ele então,

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais.

O tema de espaço está vinculado pelo olhar do Geógrafo, em diferentes concepções do pensamento geográfico se definindo em cinco conceitos-chave: paisagem, região, território, lugar e espaço, como Corrêa (2012, p. 16) comenta:

Como toda ciência a Geografia possui alguns conceitos-chaves de sintetizarem a sua objetivação (...). Como ciência social a Geografia tem como objeto de estudo a sociedade que, no

entanto, é objetiva da via cinco conceitos-chaves que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território.

Devemos considerar o espaço como um conceito-chave da geografia, isto é, o espaço não é somente um pedaço de terra, porém, um conjunto constituído por: paisagem, região, território e lugar, em que a contribuição do homem é de suma importância nesse conceito. O homem é um agente transformador desse espaço.

A Geografia Tradicional surgiu entre os anos de 1870 e 1950, usando a abordagem de paisagem e região, colocando-as em discussões nos estudos da Geografia. O espaço não é considerado conceito-chave na Geografia Tradicional, porém se apresenta nas obras de Ratzel e Hartshorne, de forma implícita.

Segundo Corrêa (2012, p. 18), em relação aos estudos do pesquisador Ratzel a respeito do conceito de espaço, ele

[...] desenvolveu assim dois conceitos fundamentais em sua antropogeografia. Trata-se do conceito de território e de espaço vital, ambos com fortes raízes na ecologia. O primeiro vincula-se a apropriação de uma porção do espaço por um determinado grupo, enquanto o segundo expressa as necessidades territoriais, de uma sociedade em função de seu desenvolvimento tecnológico do total de população e dos recursos naturais.

Para Ratzel, os dois conceitos fundamentais na sua antropogeografia seriam: o conceito de território e de espaço vital. O território seria a apropriação de uma porção de espaço para as relações de poder, e o espaço vital seria as necessidades da sociedade em busca de recursos naturais para sua sobrevivência.

Outra obra importante é a de Hartshorne. Para ele o espaço é absoluto, sem pontos, não existe determinação de algo que venha do exterior. Também o conceito espacial é de fundamental importância para a Geografia, a integração de fenômenos em termos de espaço. Esse conceito está ligado também a Isaac Newton com o seu estudo de física absoluta, para ele o tempo e o espaço não são separados.

O espaço aparece como conceito-chave na história do pensamento Geográfico pela primeira vez, a partir de 1950, surgindo nos estudos da Geografia teórico-quantitativa das planícies isotrópicas (distância entre o espaço que aborda um paradigma racionalista é o hipotético-dedutivo), sendo a lógica.

De acordo com Santos (1978), encontrar uma definição única para espaço, território ou até mesmo lugar é uma tarefa difícil, uma vez que cada categoria tem diversas acepções e recebe diferentes elementos, o que resulta em uma definição que não é imutável, fixa ou eterna. Ela é flexível e pode ser modificada. Isso significa que os conceitos têm diferentes significados, historicidade, como ocorreu com o espaço e o território.

Santos (1993) aponta que, ao analisarmos a questão espacial e territorial na pesquisa, sempre houve terras disponíveis que foram sendo ocupadas por diversos grupos sociais, cujas estratégias variam conforme a situação do espaço e a época de ocupação. A colonização agrícola é uma decisão política de expansão, que não se limita a isso, mas também a uma variedade de estratégias.

Ainda Santos (1993) comenta que a colonização é, portanto, um processo social complexo e multidimensional, composto por grupos e forças sociais em conflito, devido as suas práticas econômicas, sociais, políticas e ideológicas. O processo de colonização é complexo e conflituoso, cada qual com seus próprios interesses transformando o território e o espaço.

A produção territorial camponesa é um conhecimento profundo das lutas históricas que estão localizadas, em diferentes partes do mundo. Por lutas, compreendemos os procedimentos pelos quais indivíduos submetidos ao capitalismo, patriarcado e colonialismo transformam a liberdade mínima em um impulso de libertação (Santos, 2018).

Nesta pesquisa utilizamos as categorias de análises geográficas: território e lugar, pois a compreensão dessas referências geográficas explica a importância do município de Terra Nova do Norte-MT na sua localização e o sentimento de pertencimento da população ao meio rural.

O estudo sobre o lugar passou por várias mudanças ao longo do tempo, pela sucessão das diferentes correntes de pensamento da Geografia. Iniciou-se como uma referência locacional e passou a ser, efetivamente, tratado como categoria de análise essencial da disciplina geográfica, a partir do desenvolvimento dos estudos da Geografia Humanista, quando alguns autores,

a exemplo do estudioso Paul Vidal de La Blache, que desenvolveu uma visão mais profunda e complexa das relações que o sujeito estabelece com o seu lugar a partir de suas vivências do cotidiano.

Segundo Claval (2011), a geografia humana surgiu no fim do século XIX, quando o darwinismo estava em alta. Os pesquisadores Friedrich Ratzel e Vidal de La Blache tiveram grande contribuição no desenvolvimento dessa área de estudo. Porém, ela continuava limitada, trabalhando somente os grupos humanos na modificação do ambiente, como, por exemplo, a domesticação dos animais, as técnicas de agricultura, entre outras.

Contudo, o interesse pelo lugar, como categoria de análise fundamental da Geografia, só veio a se concretizar, de forma mais significativa, com o advento da corrente humanista e crítica, a partir da década de 1970. Claval (2011) diz que os dois movimentos, embora com posturas teóricas metodológicas diferentes, têm em comum a oposição ao positivismo. Ambos fazem uma crítica aberta à ciência lógica, excessivamente preocupada com o objetivismo, deixando de lado os aspectos sociais para se fundamentar em conceitos com base na matemática e estatística.

Buscando uma renovação conceitual, teórica e metodológica, a corrente humanista fundamenta-se nas filosofias do significado, principalmente, na fenomenologia e no existencialismo. Prioriza a microescala, propondo uma análise do lugar como mundo das experiências intersubjetivas dos indivíduos. Desse modo, a categoria ascende à condição de peça-chave da Geografia, fundamental para entender os sentimentos espaciais, a partir da experiência cotidiana, do simbolismo e do apego pelo lugar.

O lugar seria as percepções, a identidade, o pertencimento de um ou mais indivíduo em um determinado espaço, criando-se laços afetivos e de pertencimento.

Para Tuan (2018, p.5):

O lugar é um centro de significado construído pela experiência. É conhecido não apenas através dos olhos e da mente, mas também através dos modos de experiência mais passivos e diretos, os quais resistem à objetificação. Conhecer o lugar plenamente significa tanto entendê-lo de um modo abstrato quanto conhecê-lo como uma pessoa conhece outra [...].



O lugar, no caso desta pesquisa, está no pertencimento da população rural, que aqui serão estudados, pois é forte esse elo de pertencimento e identidade com o seu local de vivência. Quem vive no campo, costuma criar vínculos com a terra e modos de vidas particulares, que sustentam toda uma história.

O lugar é visto por Carlos (2007) de forma hierarquizada gerada pelo modo de produção capitalista, com isso a autora se aproxima da abordagem humanista quando retrata a concepção de lugar articulada à prática cotidiana que une o local e mundial em uma teia de relações que envolvem maneiras de ser, afetos e vivência de cada habitante produtor de sentidos a sua maneira.

Carlos (2007, p. 22) define o lugar como:

Produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida.

O lugar simboliza uma rede de relações sociais com significados e sentidos que são adquiridos através da história e da cultura de um povo. As populações do meio rural, têm a terra onde moram como seu lugar de vida, com suas práticas do cotidiano, seu jeito de ser e seus afetos, por isso é um espaço importante e com significados.

O conceito de território assume diversos significados, em função dos processos históricos e das temporalidades construídas, conservando, contudo, em seu bojo a ideia de apropriação, dominação, controle social e poder. Saquet (2010, p. 24) trata o território como:

[...] significa natureza e sociedade; economia, política e cultura; ideia e matéria; identidades e representações; apropriação, dominação e controle; des-continuidades; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental; terra, formas espaciais e relações de poder; diversidade e unidade [...].

Várias disciplinas estão relacionadas à análise de território, porém as que estão ligadas diretamente, e principalmente epistemologicamente, são as Ciências Políticas (Poder) e a Geografia (Espaço Social), e posteriormente surge

a Geopolítica, estando entrelaçadas ao conceito de Poder e Estado-Nação. Souza (2012) comenta que o objeto de estudo do território significa um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, estando associado a estudos ligados ao Estado.

O território surge, na Tradicional Geografia Política, como um espaço concreto, sendo apropriado por um grupo social. Um dos primeiros registros sobre o aparecimento do conceito de território deve-se ao geógrafo alemão Friedrich Ratzel, durante o processo da unificação alemã, em 1871 e da institucionalização da Geografia enquanto Ciência, em várias universidades da Europa, no mesmo período. Para Ratzel (1871), o território consistia em uma parcela da superfície terrestre apropriada por um grupo humano, que teria uma necessidade imperativa de um território com recursos naturais suficientes para seu povoamento, os quais seriam utilizados a partir das capacidades tecnológicas existentes (Souza, 2012).

Santos (1978) afirma que "[...] a ocupação do território pelo povo cria o espaço". Sendo imutável em seus limites e apresentando variações ao longo da história. O território precede o espaço. O ambiente geográfico é mais amplo e complexo, entendido como um conjunto inseparável de sistemas de objetos e ações, no qual a dimensão social é uma expressão concreta e histórica. O conceito de território está presente em sua elaboração teórico-metodológica e representa um dado fixo, delimitado por uma área.

É importante notar que, se pensarmos apenas no território como uma área delimitada e formada pelas relações de poder do Estado, como se vê na geografia, estaríamos ignorando diferentes maneiras de abordar o seu uso, as quais não dificultam a sua compreensão, mas a tornam mais complexa por envolver uma análise que leva em conta diversos atores e muitas relações sociais (Saquet e Silva, 2008).

De fato, não existe uma definição para território, mas várias. No âmbito das Ciências humanas, da qual a geografia faz parte, alguns caminhos indicam quais são os mais abordados, na atualidade. Entre eles, o território enquanto espaço de interação humana, onde as pessoas estabelecem interações com o meio transformando-o, criando relações de poder, através do uso e apropriação, (re)construindo novas organizações econômicas e sociais.

O conceito de território é abordado por Haesbaert e Limonad (2007, p.42)

da seguinte maneira:

[...] o território é uma construção histórica e, portanto, social, a partir das relações de poder (concreto e simbólico) que envolvem, concomitantemente, sociedade e espaço geográfico (que também é sempre, de alguma forma, natureza).

O conceito de território está relacionado de maneira subjetiva, aos aspectos peculiares da cultura de um povo ou grupo social, criando vínculos. São relações cheias de significados, simbolismos ou até mesmo de poder em relação ao espaço vivido.

## **2.2 Formação territorial do Estado do Mato Grosso**

Nesta pesquisa, torna-se primordial compreendermos a formação territorial do estado do Mato Grosso, pois é a partir da sua formação que conseguimos entender toda a construção de seus municípios e seu contexto histórico. Logo, como ponto de partida temos a construção desse estado, extenso em território, riquíssimo, com uma ampla cultura e marcado também por conflitos.

De acordo com Cunha (2006), os desdobramentos do estado mencionado, apesar de sua história complexa de ocupação, começaram a desabrochar ainda no século XX, tendo como referência o avanço da frente pioneira paulista, com os bandeirantes, que vieram explorar essa nova terra.

No entanto, seu surgimento ocorreu, particularmente, como uma questão de segurança, uma vez que havia divergências em relação à delimitação da região, definindo Vila Bela da Santíssima Trindade como capital do estado; outrora o estado encontrava-se em situação de subordinação a São Paulo enquanto capitania, desta forma, após a entrada das bandeiras e a descoberta do ouro em Cuiabá (hoje capital do Estado), a Metrópole Portuguesa criou a capitania do Mato Grosso (desmembrando-a de São Paulo), através da Carta Régia de 9 de maio de 1748 (Lobato *et al.*, 2010).

Mendonça (1981) relata que com a criação da então capitania, vivenciando o período colonial, João Pedro da Câmara foi nomeado Capitão-General, pela Carta Régia em 1763, em substituição a Rolim de Moura. Após sua nomeação, ele buscou a artilharia para defender a capitania de possíveis

ataques dos vizinhos espanhóis, construindo o Forte de Conceição mobilizando soldados e oficiais e munições enviados pela Capitania do Pará e armou seis canoas devidamente guarnecida com soldados. Sua providência deu guarida ao que o estado se tornou atualmente, não fosse, talvez, este o destino dessa região, sem o governo de João Pedro da Câmara.

Com uma área territorial extensa e rica, logo surgiram rumores e expectativas de divisão do estado em Mato Grosso e, por conseguinte, Mato Grosso do Sul, que podem ser datados pelo ano de 1896, entretanto, somente posteriormente, no ano de 1900 que de fato começaram as campanhas para a divisão do estado. Em 1930, idealizaram para Getúlio Vargas tal divisão, recebendo uma negativa como resposta. Nos anos seguintes com o mesmo objetivo, o sul do estado aderiu à Revolução Paulista. Em 1963 os nortistas também apoiavam a divisão, que ocorreu apenas em 1977, por Ernesto Geisel (Mendonça, 1981).

Tratando-se, brevemente, sobre a economia e povoação da capitania do Mato Grosso têm-se o discurso de Lobato *et al.* (2010) que era, principalmente, agroexportadora, com a pecuária extensiva e a mineração como a principal responsável pelo povoamento em Mato Grosso. Em 1736, esse fato, proporcionou, rapidamente, a ocupação urbana em Cuiabá e também o surgimento de pequenos povoados, como Diamantino, São Francisco, Santana, Rosario, Coxim e Camapuã.

Até os dias atuais “A região Centro-Oeste e, particularmente, o Mato Grosso possuem uma economia com caráter essencialmente agrícola e urbanização crescente, mas ainda com extensas áreas de matas e florestas” (Cunha, 2006, p. 88). Desta forma, nota-se que através destas características são formadas as suas diversidades demográfica e ambiental, explicitando assim o seu extenso dinamismo econômico atualmente.

Dessa forma, segundo Lobato *et al.* (2010), entre outras precariedades, Mato Grosso ganhou um rápido crescimento populacional originário, principalmente, das correntes migratórias e da rápida expansão agrícola. Com o aumento da possibilidade de uma vida com qualidade, muitas famílias buscavam migrar para o novo estado promissor, sendo essas migrações, uma das maiores, dentre os estados que compõem o Centro-Oeste. Tal fato foi importante para o desenvolvimento populacional e econômico de Mato Grosso.

Ressaltamos, ainda, a necessidade de falar sucintamente sobre as atividades econômicas, pois segundo os autores supracitados, a formação do território mato-grossense deve-se em partes às atividades econômicas que eram e são desenvolvidas na região; inicialmente a mineração e a pecuária eram atividades primordiais na dinâmica da região, que deu lugar à atividade da soja nos dias atuais, ampliando o capital por meio de novas exportações, valorizando grandemente o produto exportado, neste caso a soja. (Lobato *et.al.*, 2010).

De grande importância para o desenvolvimento do estado e, por conseguinte, do País, a soja é uma cultura que representou um crescimento singular na agroindústria, proporcionando também melhoras na infraestrutura viária e da urbanização das cidades, não isentando-a, porém, dos impactos socioeconômicos e, indiscutivelmente, os ambientais.

No âmbito geográfico, vale lembrar que mesmo sendo de grande relevância determinada atividade econômica, também se deve avaliar seus impactos ambientais e socioeconômicos, para que sejam, devidamente, minimizados para favorecer também as minorias e preservar/conservar o meio ambiente para as presentes e futuras gerações, reduzindo, assim, os riscos ambientais que em determinadas situações dizimam a qualidade do solo e, por vezes, famílias, em desastres ambientais.

A colonização em Mato Grosso é um ato de ocupação e expansão. Como Santos (1993) aponta, a colonização sempre foi uma questão do estado e, portanto, uma relação de poder, um ato de poder. Não há como negar que a colonização no Brasil é uma estratégia governamental de colonização de novas terras, em diversos momentos da história recente, mas nem sempre, com base nas mesmas concepções e estratégias.

A seguir, apresentamos o Projeto de Colonização de Terranova, um território recentemente colonizado na história brasileira.

### **2.3 Projeto de Colonização de Terranova**

Para este estudo é fundamental entender os motivos que levaram ao surgimento do Projeto Terranova (atual Terra Nova do Norte) no estado do Mato Grosso, cuja origem remonta os conflitos nas terras do Rio Grande do Sul, principalmente, nas regiões nordeste do estado, em que os produtores rurais

trabalhavam em cima das terras dos indígenas Kaingang, como arrendatários, contudo, surgiram conflitos por posse de terras, que levou o governo federal a tomar uma atitude.

Santos (1993) menciona que o Programa de Colonização Terranova foi implantado nas terras públicas, às margens da rodovia BR-163, entre Cuiabá e Santarém, no quilômetro 700. Essas terras são banhadas pelos rios Teles Pires e Peixoto de Azevedo, da Bacia Amazônica, em Colíder, no norte do estado de Mato Grosso. Esta região, do lado do rio Peixoto de Azevedo, perto da Serra do Cachimbo, era território dos índios Kreen-Aka-Rore<sup>4</sup>. A primeira vez que os brancos entraram em contato com os indígenas foi um desastre, em 1967, e o então governo de General Médici tomou atitudes de pacificação, criando a reserva do Parque Nacional do Xingu.

O programa Terranova foi criado em 1978 pela COOPERCANA (Cooperativa Agropecuária Canarana) liderado pelo Luterano Norberto Schwantes, a pedido do governo federal de Ernesto Beckmann Geisel 1974-1979, para assentar agricultores da região Sul que haviam sido expulsos pelos índios Kaingang das reservas que ocupavam, há cerca de vinte anos. E também para assentar camponeses sem terras do Sul, somando 1.000 colonos, no total. Em seguida, vieram mais 32 famílias, que foram transferidas pela Cooperativa de Barra do Garças e expulsas das terras dos indígenas Xavantes<sup>5</sup>, além de 28 famílias de Cáceres e Mato Grosso do Sul (Santos, 1993).

É preciso voltar à região de origem dos colonos para compreender as razões da organização do Programa Terranova. O Rio Grande do Sul, em especial, é marcado por conflitos territoriais entre indígenas e agricultores. Os indígenas Kaingang, através de movimentos reivindicaram suas terras, como comenta Kujawa (2015, p. 73):

Os Kaingang organizaram-se em um movimento político denominado “retomada” e passaram, de forma estruturada, a pleitear territórios considerados por eles de ocupação

---

<sup>4</sup> Os Panará, também conhecidos como Krenakore, foram oficialmente contatados quando a estrada Cuiabá-Santarém estava em construção e cortava seu território tradicional na região do Rio Peixoto Azevedo. A violência do contato ocasionou morte de 2/3 de sua população, em razão de doenças e massacres.

<sup>5</sup> Espalhados pela região da Serra do Roncador e do Vale do Araguaia, os Xavantes já dominaram grande parte da região Centro-Oeste brasileira. Originários de Goiás, migraram para o Mato Grosso no século XIX fugindo dos aldeamentos de colonização no interior do estado.

tradicional, nos quais seus ancestrais viviam até meados do século XIX.

As terras indígenas foram consideradas do estado, para colonização, e, posteriormente, utilizadas pelos colonos descendentes de imigrantes com o intuito de propriedades para a agricultura familiar. Para Kujawa (2015), a divergência entre os indígenas e os agricultores era nítida, causando conflitos e agressões físicas, pois os indígenas buscavam recuperar seus territórios, que eram ocupados pelos seus ancestrais, os quais, o estado destinou para a colonização, não rompendo o laço cultural existente. Por outro lado, se tem os agricultores com a ilusão de uma política pública de colonização, por meio da qual compraram terras, que criaram vínculos econômicos, sociais e culturais.

Segundo dados do Portal Kaingang (2010), a localização das terras indígenas dos Kaingang<sup>6</sup>, ao norte do estado do Rio Grande do Sul, engloba territórios de quatro municípios distintos: limite norte de Nonoai, Planalto, Rio dos Índios e Gramado dos Loureiros. Esses municípios são considerados com uma porcentagem pequena da população, porém, depois de todo o conflito, os Kaingang perderam boa parte das suas terras. Segundo dados da Fundação Nacional de Povos Indígenas (FUNAI) (2010), atualmente as terras indígenas de Nonoai tem uma área de 19.830 hectares, onde vive uma população de 2.814 indígenas, sendo 100 deles de origem Guarani e o restante Kaingang.

A Figura 1, retirada do site oficial do Portal Kaingang (2010) ilustra as terras dos indígenas Kaingang, distribuídas por quatro estados brasileiros: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Segundo o IBGE (2010), os indígenas kaingang estão entre as cinco maiores etnias indígenas no Brasil, demonstrando, atualmente, que são os três maiores povos indígenas em tamanho e população, somando 37.470 pessoas, das quais, 31.814 vivem em terras indígenas espalhadas pelos estados, perdendo apenas para os Tikuna do Amazonas<sup>7</sup> (46 mil pessoas) e os Kaiowá-Guarani<sup>8</sup> de Mato Grosso do Sul (43 mil pessoas).

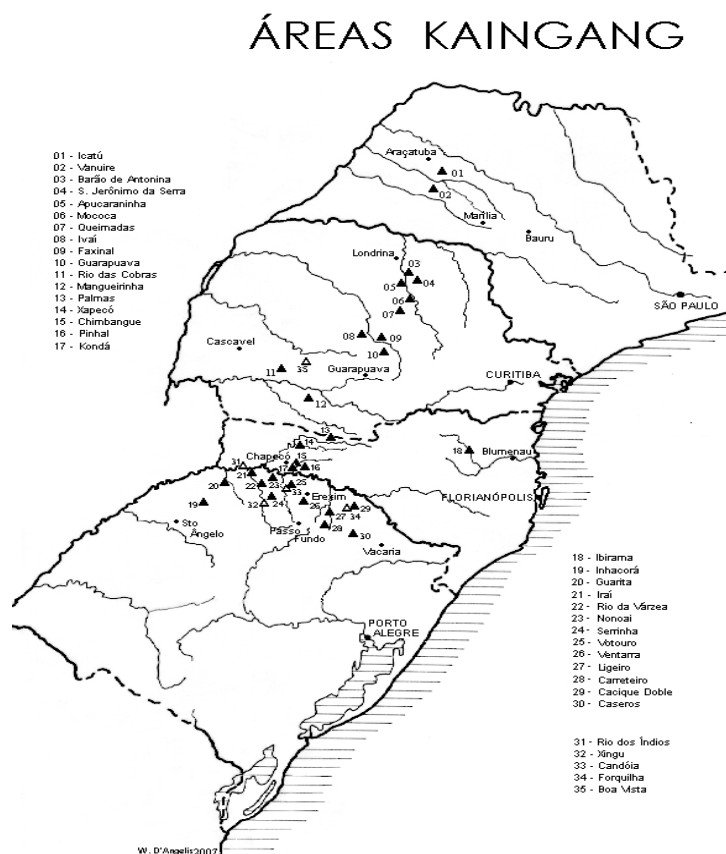
---

<sup>6</sup> Os Kaingang são um povo pertencente à família linguística Jê e integram, com os Xokleng, os Jê meridionais, sua cultura desenvolveu-se nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, com cerca de 50% de todos os povos da língua Jê.

<sup>7</sup> Tikuna ou Ticuna, uns dos maiores povos indígenas brasileiros, encontram-se na região da Amazônia, espalhados também no Peru e na Colômbia.

<sup>8</sup> Guarani-Kaiowá são indígenas que vivem na região de Mato Grosso do Sul, onde há muito lutam por seus direitos ao território.

Figura 1 - Terras Indígenas Kaingang nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo



Fonte: Portal Kaingang (2010)

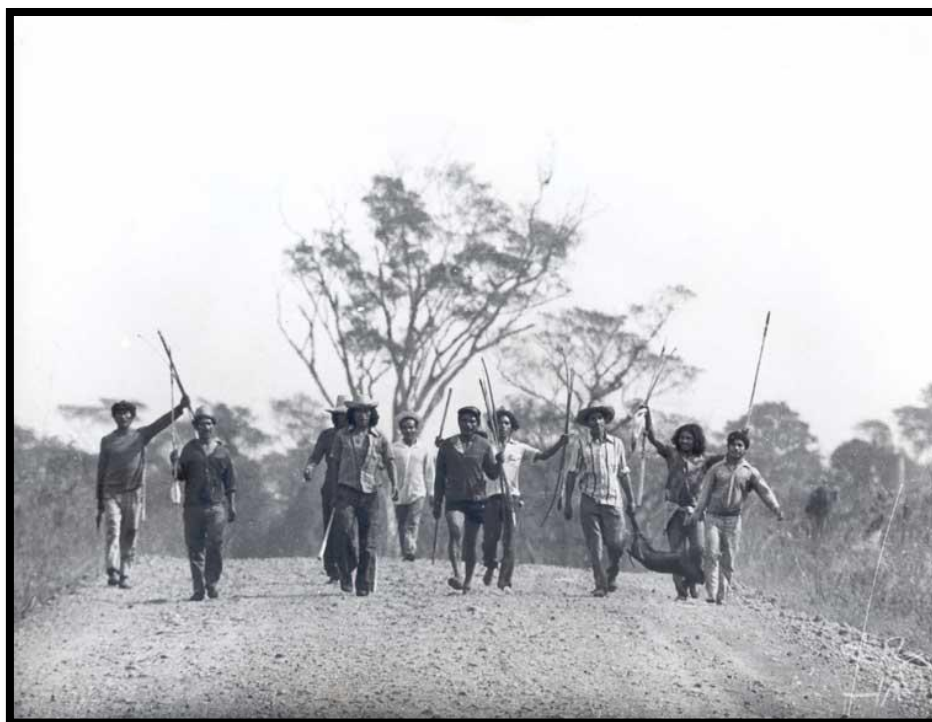
Em meados de maio de 1978, os Kaingangs expulsaram os colonos de suas terras de maneira rápida e eficaz. Os colonos tiveram que fugir, deixando quase tudo para trás e sem poder fazer a sua colheita, ficaram sem abrigo e recursos. Alguns foram para a casa de parentes, mas a maioria não teve saída, ficou acampada às margens de estradas do Alto Uruguai<sup>9</sup>. A primeira iniciativa do governo, em 18 de maio, foi retirar essas famílias, cerca de 800 pessoas, para um alojamento no Parque de Exposições de Agropecuária em Esteio, onde ficaram cerca de dois meses, sob rigorosa escolta policial.

A Figura 2, retirada do acervo do museu dos Povos Indígenas do Brasil (2020), mostra os Kaingang expulsando os colonos de suas terras em Nonoai, no Rio Grande do Sul.

<sup>9</sup> Alto Uruguai é a denominação para uma região fisiográfica do Rio Grande do Sul. Está localizada entre o rio Uruguai e o rio Ijuí, fazendo divisa com Marcelino Ramos na parte norte do estado.



Figura 2 - Indígenas Kaingangs contra colonos em Nonoai no Rio Grande do Sul



Fonte: Hoffman (1978).

Diante da emergência gerada pelos conflitos por território, o governo federal, por meio do ministro do Ministério do Interior, Mauricio Rangel Reis, como comenta Lovato (2013), no ano de 1978 convida a Cooperativa Agropecuária Mista de Canarana Ltda. (Coopercana), com o principal líder, o luterano Norberto Schwantes, para iniciar e apresentar um projeto de assentamento para os colonos no Estado do Mato Grosso e credenciar a cooperativa para acelerar o assentamento dessas famílias no estado.

Entretanto, a partir da década de 1970, crescia na região do Rio Grande do Sul um movimento dos trabalhadores rurais exigindo a reforma agrária da região, porém o governo federal viabilizou as cooperativas para a ocupação de grandes áreas no norte do Mato Grosso (Lovato, 2013, p. 04):

Observa-se que a emergência de assentar as famílias não era em si na primeira instância com a situação de calamidade em que se encontravam as pessoas, mas sim com o transbordamento do acontecimento em conflitos sociais em plena ditadura militar. Na verdade, o estado do Rio Grande do Sul nesse momento começava evidenciar conflitos e

movimentos organizados pela reforma agrária.

Então, o Projeto Terranova estava inserido em meio a um conflito por terras, contudo estava, principalmente, pelas questões da reforma agrária que ocorria na região Sul do Brasil, no ano de 1970, surgindo do capitalismo e da modernização do campo. O governo federal se apropriou disso como uma possível solução ao que estava acontecendo e, conseqüentemente, evitando uma reforma agrária eminente.

Através desses fatos, foram criados os Projetos de Assentamento Conjunto (PACs), uma parceria entre o Incra e cooperativas. Segundo Silva (2021), os objetivos dessas parcerias foram de propiciar ao colono recém-chegado o acesso à terra; condições mínimas de produção para subsistência da família; conter as tensões na região Sul; desacelerar o processo de desocupação das terras indígenas, tanto no Sul como no Mato Grosso.

A viagem das primeiras famílias começou em julho de 1978, quando uma parte delas embarcou em um ônibus, em Nonoai e o restante estava em Porto Alegre, onde tomaram um avião à meia-noite para chegar a Cuiabá. Após as duas horas da manhã, todos foram vacinados contra a febre-amarela, receberam uma quantia em dinheiro e embarcaram no ônibus para chegar ao destino. Quarenta horas depois, no quilômetro 700, chegaram ao lugarejo onde se encontrava o Programa Terranova. Esta cena se repetiu várias vezes. Em julho de 1979, já havia 580 famílias, número que aumentava significativamente. Em 1980, tinha 1.060 famílias, ou seja, uma média de 5.300 famílias, segundo Santos (1993).

Santos (1993) afirma que essas famílias foram assentadas em quatro agrovilas. O título da propriedade refere-se a 200 hectares de terra, divididos em um lote agrícola de 100 hectares e um terreno residencial na agrovila de 2 ha (a chácara), e uma quota-parte de 100 ha, na reserva florestal, em condomínio. Além de receber um crédito fundiário do INCRA para pagar a infraestrutura, como o desmatamento de 10 ha, a medição das terras, a construção das agrovilas, os móveis e as ferramentas agrícolas foram financiados pelo Banco do Brasil. A maioria dos colonos não enfrentou dificuldades para quitar o empréstimo de terras, no entanto, reembolsar o restante das dívidas não foi tarefa simples.

Os colonos chegaram e logo encontraram o primeiro obstáculo, uma vez que as moradias anunciadas não passavam de cabanas de madeira, sem portas e janelas. Entretanto, outras surpresas surgiram, como o sistema de abastecimento de água, a instalação elétrica, a falta de escolas, a falta de demarcação das terras e o desmatamento de 10 hectares, que nem havia iniciado. A alimentação também era outro agravante, pois não durou muito o preço das mercadorias ficou muito elevado, devido às condições das estradas e chuvas. Schwantes (2008) comenta que, devido à falta de tempo e urgência em assentar às famílias, isso ocorreu e, pela mão de obra escassa no período, não conseguiu entregar o que havia sido prometido pelo governo, além de que muitos colonos não contribuíam na construção do programa, se restringindo somente à caça e pesca na região.

No entanto, qual o motivo que o governo do estado do Rio Grande do Sul e o governo federal recorreram à Coopercana para a realização dessa colonização? Como afirma Santos (1993), o Programa de Colonização Canarana, lançado em 1972, pela Cooperativa de Colonização "31 de março", a COOPERCOL<sup>10</sup>, situada em Barra do Garças, região pertencente aos indígenas Xavantes, que ocupava uma área de 39.851 ha. com 81 parcelas de 470 hectares cada uma, destinadas à propriedade familiar, assentando em um primeiro momento cerca de 81 famílias, vindas principalmente das regiões de Tenente Portela, contando também com a colaboração da CONAGRO, uma empresa de colonização privada, criada naquele período, que tinha como líder Norberto Schwantes, e com esse conhecimento adquirido em uma colonização realizada em Mato Grosso, apesar de todos os obstáculos enfrentados, eles foram escolhidos pelo governo para participar do Projeto de Colonização em Terranova.

Norberto Schwantes, nascido em Carazinho, no Rio Grande do Sul, era filho de um pequeno agricultor imigrante alemão, liderou o primeiro surto migratório organizado em Mato Grosso. Ele também fundou Canarana, Água Boa e Terranova, todos os municípios entre 1972 e 1978. Além de pastor da

---

<sup>10</sup> A Coopercol, Cooperativa de Colonização 31 de Março Ltda, teve sua assembleia de criação no dia 31 de março de 1971. Ela entrou para a história como a primeira cooperativa colonizadora do país. O sonho dos agricultores era ir para Dourados, Mato Grosso do Sul, mas lá as terras já estavam inflacionadas.

igreja luterana, Schwantes também atuou como político, tendo criado a rádio de Tenente Portela, com o Jornal da Terra, que divulgava todos os eventos das colonizações.

Na Figura 03, podemos ver uma imagem de Norberto Schwantes usando um rádio amador para anunciar os feitos realizados em Canarana no Jornal da Terra, dirigido por ele mesmo, para Tenente Portela.

Figura 3 - Norberto Schwantes



Fonte: Acervo o pioneiro (2024)

Schwantes não atuava sozinho nas suas organizações e empreitadas de colonização, contou com a contribuição, principalmente, de Siegfried Roewer e Orlando Roewer, ex-presidentes da Coopercol, que anos depois entrariam em conflitos, além de Gertrud Ramminger, sua esposa, que também ajudava na administração, bem como do INCRA e o Banco do Brasil, para financiar as colonizações e organização desses colonos nas terras recém-descobertas e o apoio governamental, que muitas vezes deixava a cooperativa à mercê e desamparada, como comenta Schwantes (2008. p. 167):

Enquanto isso o Projeto de Terranova ia se deteriorando também e não conseguíamos a saída, por mais que apelássemos, por mais que mostrássemos os prejuízos desta política absurda, por mais que mostrássemos que a Coopercana foi vítima de uma tremenda irresponsabilidade do governo.

Schwantes (2008) expressa a sua calamidade, não somente no Projeto Terranova, mas também em Canarana e Água Boa. De tudo o que foi prometido

aos colonos, pouco era cumprido. Além disso, não foram escolhidos os colonos adequados para os projetos, muitos não contribuíram para o crescimento e causavam conflitos internos, desmoralizando a Coopercana de forma pública.

Santos (1993) argumenta que a sucessão de eventos levou os colonos a perceberem que as promessas anunciadas com grande entusiasmo pela Cooperativa e pelo governo não foram cumpridas em Terranova, o que os levou a perder a confiança. Uma relação conflituosa entre os colonos e a Cooperativa, com opiniões divergentes entre os colonos e as autoridades locais e também pelo estado do Mato Grosso.

Dentre os principais problemas, estavam os cortes nos repasses públicos, o que acarretava dificuldades na aquisição e entrega dos produtos necessários aos colonos. Muitos retornaram devido à miséria no Projeto Terranova I, às doenças, sobretudo, à malária, uma vez que não tinham condições de pagar médicos e medicamentos particulares. Isso gerou problemas internos que, às vezes, não era possível resolver por conta do governo que não respondia ao que havia prometido. Conforme Schwantes (2008, p. 162), “Naquele tempo, ainda em plena ditadura, bastava uma acusação anônima chegar aos ouvidos do Conselho de Segurança Nacional para alguém ser condenado [...]”.

O Projeto Terranova foi um dos primeiros projetos de colonização em Mato Grosso, quase no final de 1978 a Coopercana foi se preocupar com o projeto do núcleo urbano para Terranova, sendo às margens da BR-163, ao lado esquerdo do rio Peixoto de Azevedo, onde ficaria o apoio institucional. Silva (2021) comenta sobre as ideologias implantadas pelo regime militar, no período, se referindo ao colono desbravador, superando todos os obstáculos e desafios, conquistando terras e colocando em prática todo projeto.

Em continuação, Silva (2021) diz que o Projeto urbano de Terranova foi realizado pelo alemão Joachim Dirr, tendo como ideia principal o modelo da aldeia dos indígenas Xavantes, em formato de célula de feijão, sendo adaptada para o projeto solicitado, localizado na floresta amazônica.

#### **2.4 As 10 (dez) agrovilas e/ou comunidades no município de Terra Nova do Norte**

Nesta parte do trabalho abordamos a respeito da formação das agrovilas e/ou comunidades do município de Terra Nova do Norte: (1ª) Esteio; (2ª) Planalto; (3ª) Nonoai; (4ª) Guarita; (5ª) Xanxerê; (6ª) Miraguaí; (7ª) Charrua; (8ª) Minuano; (9ª) Norberto Schwantse; (10ª) Ribeirão Bonito, todas receberam o nome de municípios do Rio Grande do Sul.

Três delas desmembraram-se por meio da emancipação própria: Agrovilas Planalto (2ª), Nonoai (3ª) e Guarita (4ª), formando atualmente o município de Nova Guarita.

Segundo Schwants (2008), o processo de assentamento das famílias não poderia demorar muito tempo, devido à urgência em assentar as famílias que estavam desabrigadas, especialmente no Parque de Exposições Agropecuárias em Porto Alegre, onde o estado do Rio Grande do Sul precisava iniciar os eventos rurais naquele ano de 1978. Para começar os projetos, foi necessário levar três produtores rurais para conhecer o Programa Canarana e as terras no Projeto Terranova, a fim de avaliar e compartilhar com os demais. No entanto, devido à mídia, tudo isso foi desmoronando, o que levou ao atraso no início do assentamento. Entre 1978 e 1980, a maioria dos colonos foi colocada no projeto. Depois disso, a maioria desses colonos voltaram para o sul, por causa das condições do projeto.

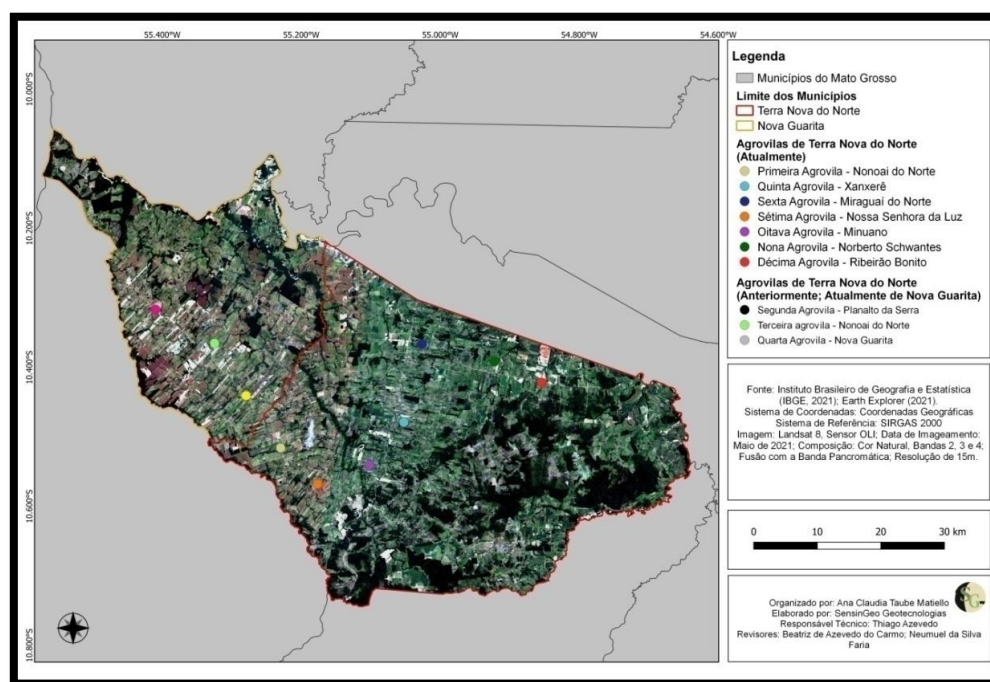
As agrovilas foram distribuídas dentro das áreas rurais, bem como no limite entre os municípios de Terra Nova do Norte e Nova Guarita, uma das antigas agrovilas do município (Figura 4).

O processo de formação dessas agrovilas, acima mencionadas, iniciou-se nos anos sessenta. E no dia 19 de julho de 1978 foram transferidas as primeiras famílias para o então Projeto Terranova, que vinham de Nonoai, no Rio Grande do Sul. Schwantes (2008) comenta sobre o que a cooperativa colonizadora Coopercana realizou logo na chegada dos assentados, contando sobre um ato solene na recepção, além de detalhes de como foi a instalação deles:

Na frente da agrovila, três mastros com as bandeiras do Brasil, do Estado de Mato Grosso e do Rio Grande do Sul esperavam festivamente os pioneiros. No fim de tarde de 5 de julho, eles foram recebidos com o Hino Nacional que ecoava pelo alto-falante. Fiz um brevíssimo discurso de boas-vindas. Imediatamente, ali mesmo, na frente da agrovila sorteamos os lotes e todos foram a pé procurar sua casa. Depois passaram os

ônibus descarregando as malas. Dentro da casa coberta de lona estava tudo que fora prometido. Faltava apenas a motosserra que chegaria dali alguns dias. Todos tinham recebido mantimentos para 30 dias (Schwantes, 2008, p. 156).

Figura 4 - Imagem orbital de localização das Agrovilas no município de Terra Nova do Norte-MT



Fonte: Organizado pela autora e elaborado por Sensigeo (2022)

A partir do relato de Schwantes, percebemos que o Projeto Terranova estava se desenvolvendo. A promessa do governo Rangel Reis de assentar os colonos sem-terra do Rio Grande do Sul era de 200 hectares para cada família que desejasse ir para Terranova. Além disso, a proposta previa uma pequena residência de 48 metros quadrados, com os utensílios necessários para a cama, mesa e banho, bem como um conjunto de ferramentas agrícolas e uma motosserra. Prometeu também que 10 hectares seriam desmatados e prontos para o plantio, escolas e todo apoio do governo (Schwantes, 2008).

Na Figura 5, apresentamos algumas das casas construídas no Projeto Terranova.



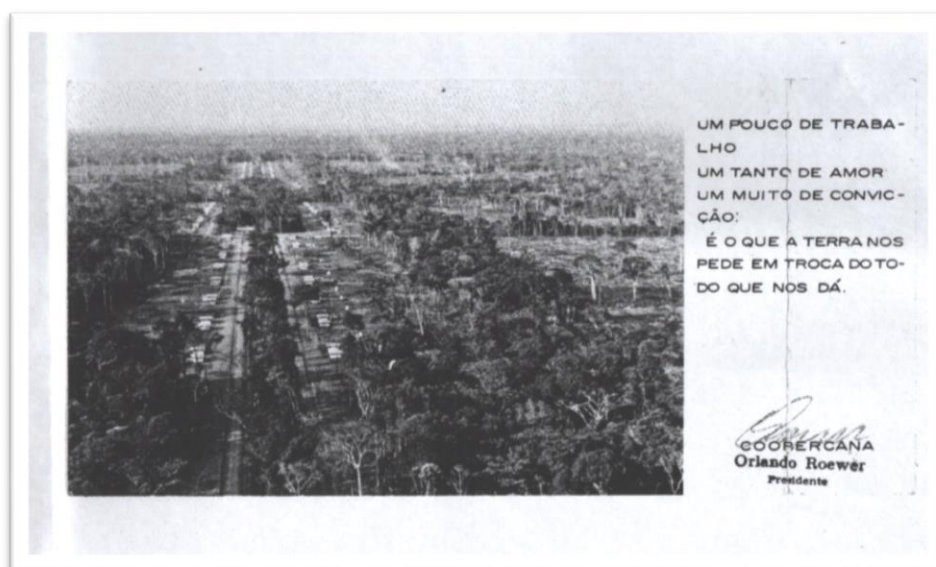
Figura 5 - Casas do Projeto Terranova em 1980



Fonte: Schwantes (2008).

Devemos salientar, no entanto, que logo após a chegada dos colonos, a realidade se mostrou diferente, as casas anunciadas eram apenas cabanas de madeira sem janelas e portas, algumas até mesmo sem telhados. Em vez disso, foram utilizadas lonas para se proteger da chuva. Com o tempo, os alimentos foram se esgotando e, devido ao preço elevado, muitos não puderam adquiri-los. Já de início, os problemas começaram a surgir no Projeto Terranova,

Figura 6 - Formação da Agrovila Esteio (1ª) no Projeto Terranova em 1978



Fonte: Lovato (2010).



A Figura 6, retirada de Lovato (2010), demonstra as primeiras derrubadas realizadas para a chegada dos colonos nas terras do Projeto Terranova em 1978, como mencionado por Schwantes. Os colonos foram assentados em barracos de lona, no meio de estradas recém-abertas nas então agrovilas já formadas. Elas foram denominadas por: A - Agrovila Esteio (1ª), B - Agrovila Planalto (2ª), C - Agrovila Nonoai (3ª), D - Agrovila Guarita (4ª), E - Agrovila Xanxerê (5ª), F - Agrovila Miraguaí (6ª).

Conforme Lovato (2010), a distribuição das terras naquele período ocorreu da seguinte forma: cada família recebeu um lote rural de 100 ha, um lote para-rural, na agrovila e mais 100 ha de reserva floresta. Essas áreas compõem os 50% destinados à reserva legal. Contudo, devido à vinda de mais migrantes da região Sul, em 1980, grande parte das reservas legais foram ocupadas. O lote para-rural tinha cerca 1,6 ha até 1,8 ha distribuídos ao longo das ruas projetadas no setor administrativo das agrovilas, tendo no centro áreas destinadas aos setores comerciais e econômicos.

Em continuação ao assentamento das famílias que estavam nas terras indígenas, foi executada a segunda parte do Projeto Terranova II, chegando cerca de 210 famílias em dezembro de 1979 a fevereiro de 1980, em regime de precariedade, devido a fortes chuvas. Chegando-se a um total de 434 famílias assentadas nos setores G- Agrovila Charrua (7ª), H- Agrovila Minuano (8ª), I- Agrovila Norberto Schwantes (9ª). Esse projeto foi finalizado em dezembro de 1980, com colonos vindos das regiões de Nonoai.

Em caráter de emergência o então governador gaúcho, pressionou a Coopercana para assentar as famílias pelos gastos que estavam ocorrendo no Estado do Rio Grande do Sul (Lovato, 2010).

Ainda Lovato (2010) diz que no fim de 1982, o Incra assentou o último núcleo, ocupando o setor H, chamado de 10ª Agrovila ou Ribeirão Bonito, sendo essas 160 famílias que estavam ocupando uma área destinada a indígenas, no município de Barra das Garças, além de moradores dos fundos da 5ª Agrovila. No total foram assentadas 1.051 famílias nos Projetos Terranova I e II, criando-se as agrovilas e seus centros de atendimentos.

Segundo as diretrizes do Projeto Terranova I (1978), o crédito de compra dos lotes era de 100% do valor do lote, para pagamento em 14 anos, com carência de quatro anos, e uma taxa de juros de 12% ao ano, sem correção. A

garantia era a hipoteca do lote e a documentação fornecida era o contrato de compra e venda. Os assentados fizeram o financiamento para a aquisição do lote, bem como instrumentos agrícolas e ajuda de custo na lavoura, com o Banco do Brasil, através do Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agroindústria do Norte e do Nordeste (PROTERRA).

Assim, surgem as agrovilas que hoje são conhecidas por municípios. Segundo o Plano Diretor (1981), o núcleo urbano de Terranova deveria ser às margens da BR-163, sentido Cuiabá-Santarém, às margens do rio Peixoto de Azevedo, conforme as demandas sociais e econômicas previstas. Porém, devido ao Programa estar em fase inicial e com problemas de infraestrutura em relação ao repasse governamental, o núcleo urbano iniciou-se na Agrovila Esteio (1ª), com as principais sedes administrativas: hospitais, posto policial, escolas, farmácias, mercados, sede administrativa da Coopercana, assim suprimindo as necessidades naquele período.

Para uma melhor compreensão deste estudo, vamos contextualizar o conceito de comunidade para compreendermos a questão do pertencimento da população que habita essas áreas e como isso interfere na dinâmica desses locais, uma vez que as populações do campo têm um forte laço familiar com seus locais de moradia. Santos (2005) aponta que, além da questão territorial, o território usado é uma categoria indispensável para a elaboração do futuro. O uso do território é determinado pela dinâmica dos lugares. O lugar e a ordem local são compostos por uma população de objetos que estão espalhados pelo território e, como tal, regidos pela interação, pela contiguidade, que também denomina horizontalidades.

Entender sobre o conceito de comunidade é importante para compreendermos os fatores de pertencimento e solidariedade existentes nesses locais. Nos estudos sobre comunidade, há principalmente duas perspectivas. Os autores clássicos que consideram como principais características a coesão social e as relações recíprocas, com destaque para autores como Tönnies (1973), Maclver e Pager (1973), Fichter (1973), Aldous (1995), entre outros. A outra perspectiva é representada pelos contemporâneos, considerando as novas tecnologias da informação e da comunicação para a formação de uma comunidade estética, onde se fundamentam padrões e comportamentos individualistas. Os autores que se destacam são: Bauman (2003), Durham

(2004), Peruzzo (2002 e 2009), Silva e Hespanhol (2016).

Para Fernandes (1973), a ideia de comunidade está ligada ao sentimento de vida em comum fundado nas relações de parentesco e vizinhança, com base na reciprocidade, norteadas por laços de afetividade, ligando os indivíduos que convivem em um mesmo espaço físico e nele adquirem os recursos básicos para a sua sobrevivência.

A comunidade é caracterizada por uma base territorial, com a distribuição de instituições, homens e suas atividades no espaço, que se trata de uma vida em conjunto fundada no parentesco, vizinhança e interdependência econômica, uma vivência baseada na economia e interesses mútuos (Wirth, 1973).

Nesses aspectos, comunidade pode ser definida como um grupo com relações recíprocas. Além, dos sentimentos de união, solidariedade e reciprocidade deve-se considerar a localidade, ou seja, a base territorial, como aponta Wirth (1973) e Maclver e Pager (1973) que enfatizam a base territorial de uma comunidade como aspecto fundamental, além da coesão social.

Maclver e Pager (1973) afirmam que, geralmente, os sujeitos são membros de pequenas comunidades, já que os interesses se tornam iguais em uma área restrita. Entretanto, mesmo vivendo em uma pequena área, podem pertencer a uma comunidade maior. Nenhuma comunidade civilizada está totalmente isolada de outra comunidade maior, quaisquer que sejam os interesses que seus governantes possam estabelecer. Em outras palavras, as relações sociais não se restringem, exclusivamente, à comunidade em que se vive.

Assim, acredita-se que as comunidades sofreram mudanças e, conseqüentemente, o conceito de comunidade passou por várias redefinições. Sobre esse assunto, Palácios (2001) diz que a localidade não passa a ser característica principal de uma comunidade, tendo em vista que, mesmo à distância, o sujeito pode se sentir pertencente a um dado lugar. O sentimento de pertencimento se torna relevante, já que se pode pertencer ao lugar mesmo distante.

Bauman (2003, p. 7) comenta que:

[...] a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante [...] Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à

espreita; temos que estar alertas quando saímos prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto.

O conceito de comunidade para este autor significa um local de segurança, e a pessoa que faz parte sente-se acolhida e segura, de alguma forma. Mesmo assim, retrata sobre as inseguranças da sociedade atual, pois o “ser comunitário”, que habita nos homens, está cada vez mais distante, sobrando apenas o individualismo.

A partir dessas características, a terminologia “comunidade” tem sido bastante vinculada à área rural, sendo que nessa perspectiva se destacam os autores Fichter (1973) e Gomes (1999). Nas comunidades rurais, os indivíduos ou grupos se identificam por um sentimento de pertencimento comum, de partilha e de coesão social, com valores e tradições, sendo passados de geração para geração, reforçando os laços de pertencer a uma comunidade com a qual se identificam e se reconhecem.

Ao examinarmos as comunidades que compõem o município de Terra Nova do Norte, fica evidente a questão de pertencimento que se desenvolveu desde o início da colonização. Para Santos (1993), no que diz respeito à questão territorial e cultural, os descendentes de colonos têm a ideologia de repassar terras agricultáveis para manter as tradições. O cooperativismo também faz parte desse processo, em que a ajuda voluntária e o companheirismo são elementos fundamentais.

O conceito de comunidade, usualmente, é vinculado ao meio rural, sendo mais significativo o sentimento de pertencimento ao território e às relações de reciprocidade, em virtude de se vivenciar de maneira mais intensa os costumes, tradições e crenças. Tönnies (1973) comenta que as análises sobre as comunidades rurais sempre valorizaram a vida do campo, porque é nela que a comunidade é mais forte e viva entre os homens.

A comunidade representa um grupo unido por tradições e objetivos comuns. Nesse sentido, é mais facilmente aplicável ao mundo rural. O espaço urbano é, em grande parte, marcado por diferenças, por estar em constante mutação, em que existem regras gerais básicas de convívio. O campo, ao contrário é caracterizado pelas tradições, hábitos e costumes que estão

relacionados com a terra e com o lugar, ligado à identidade e ao sentimento de pertencimento, para a sobrevivência do próprio grupo (Gomes, 1999).

Na educação do campo, demonstraremos como esse tipo de educação é crucial para a manutenção das populações em seus territórios e, sobretudo, nas suas comunidades, conforme comentamos anteriormente.

## **2.5 A educação do campo**

A educação do campo teve início no fim do século XIX e, tardiamente, em comparação ao meio urbano. Segundo o IPEA (1990), o desenvolvimento do ensino rural decorreu da necessidade de mão de obra especializada, devido à expansão da monocultura cafeeira e do fim da escravidão. Diante dessa realidade, os grandes agricultores aceitaram a implantação das instituições de ensino nos seus domínios para suprir as suas necessidades no campo.

A educação rural no Brasil, segundo Leite (1996), de certa forma sempre foi relegada, por motivos socioculturais, com planos inferiores, baseado em um elitismo existente no processo educacional brasileiro pelos jesuítas e a oligarquia agrária, que sempre considerou a população do campo como inferior, sem necessidades de estudos e somente os da cidade, como detentores da educação. Somente com o capitalismo e a modernização do campo que houve uma ruptura e necessidade da educação rural.

Para Arroyo (2007), as políticas educativas e públicas foram, em geral, pensadas para o urbano, por isso se acredita que são eles os cidadãos de direitos. Há uma ideologia distorcida que o campo é um lugar de atraso, ao qual a cidade possui a civilização e os direitos, por este motivo a educação e saúde tem políticas voltadas, principalmente, para o urbano. O campo é uma extensão da cidade e como um quintal.

Nesse pensamento, os profissionais não tiveram nenhuma política pública de formação específica como educadores do campo. Esses profissionais que são da cidade vão para as escolas rurais, ensinando seus saberes da educação, com algumas adaptações. As crianças e adolescentes por conta de políticas de nucleação de escolas precisam andar horas e horas de ônibus, até chegar ao destino, causando desistências estudantis.

Os movimentos que começaram a revolucionar a educação no campo surgiram através dos Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), pois a partir do momento que começaram a lutar pela terra, iniciou-se a luta pela educação de qualidade para o campo. Caldart (2003) comenta que, sobretudo, iniciaram a cultivar em si mesmos o valor do estudo e do próprio direito de lutar por ele. As famílias sem-terra mobilizaram-se por uma educação de qualidade que atenda às necessidades dos povos do campo, com uma pedagogia voltada para o modo de vida rural.

É importante comentar que a Educação do Campo surgiu através dos movimentos dos camponeses por uma política educacional para os assentamentos de reforma agrária. Este é um dos fatores importantes para se compreender na história da educação do campo. Também nasceu o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea) e a Coordenação Geral de Educação do Campo, que se completam. A educação que surge na Reforma Agrária e para o desenvolvimento dos assentamentos, torna-se parte essencial no desenvolvimento do campo. (Fernandes, 2005).

A Escola Estadual Terra Nova é um exemplo de educação no campo, que se preocupa com os conhecimentos educacionais que respeitam o campesinato, como aponta Oliveira (2007), que nos últimos anos, um número, cada vez maior, de estudiosos da agricultura têm procurado uma explicação não apenas para a permanência, mas também para o aumento do número de produtores rurais na agricultura, dentro do processo de desenvolvimento do sistema capitalista de produção. Isso demonstra como a estrutura escolar que apresenta esse tipo de ensino é de suma importância para a permanência das populações rurais em seus territórios.

Os povos do campo necessitam de uma educação diferenciada, como comenta Leite (1996, p.15), “[...] pensar a escola rural é pensar no homem rural (...)”, pois o homem do campo possui um contexto diferente da pessoa que vive na cidade, constitui uma ligação com os processos produtivos e com o profissional. Seu modo de vida é voltado para a valorização da terra, sentimento de pertencimento e apego com o seu lugar de vivência, e essas experiências devem ser levadas em conta no momento da educação, o que não ocorre na maioria das escolas.

## 2.6 A importância da agricultura familiar

A agricultura familiar é uma das fontes de alimentação mais diversificadas que existem, sendo ela a responsável pela maior parte do que chega à mesa dos brasileiros, entretanto é a mais desvalorizada pela sociedade. Demonstrar a importância dessa agricultura é primordial para este trabalho, pois o município de Terra Nova do Norte é organizado basicamente pela agricultura familiar, por se tratar de um território, em sua maior parte, rural, além da sua colonização ser praticamente de colonos advindos da região Sul do Brasil, que trouxeram essa agricultura para o local, como fonte de renda e subsistência.

Segundo dados do Censo Agropecuário (2017), a agricultura familiar é a principal responsável pela produção de alimentos disponibilizados na alimentação brasileira, é constituída por pequenos produtores rurais, povos e comunidades tradicionais, assentados, pescadores, extrativistas, entre outros, sendo 77% da produção de alimentos, gerando renda para 10 milhões de pessoas, ocupando uma área de 23% dos estabelecimentos agropecuários.

Nesse viés, vale ressaltar que o setor da agricultura familiar é um grande ponto positivo na produção de empregos e alimentos, em virtude, principalmente, do autoconsumo, destaca-se que a produção familiar é a fonte de recursos, para a população de menor poder aquisitivo, o que a torna o centro de toda uma economia familiar (Guilhoto *et al.*, 2007).

No geral, pode-se corroborar que o desenlace da agricultura familiar se relaciona diretamente com as formas de colonização, a valorização da terra, assim como a rentabilidade de cada produto determinado e produzido por cada terra específica. Sob essa óptica, esclarece-se que é consideravelmente possível, que analisando o contexto das últimas décadas, as áreas que eram familiares, continuaram com esse aspecto; este fato, no entanto, precisa ser devidamente comprovado por estudos abrangentes e específicos no Brasil como um todo (Guilhoto *et al.*, 2007, p. 2).

Desta forma, segundo Guilhoto *et al.* (2007), demonstra-se a determinação do IBGE que fala sobre o crescimento da produção nos últimos tempos devido à participação da produção familiar de cada município e suas atividades rurais.

Schneider (2006) comenta que a crescente projeção da agricultura

familiar no Brasil, se dá pelo seu reconhecimento e legitimação, contudo isso demandou uma ampla mobilização, protestos e ações, principalmente, por parte dos agricultores, além das políticas governamentais, cada vez maiores, como o Pronaf um dos exemplos de ações voltadas para a área rural, na produção agroecológica de alimentos.

Pode-se destacar que, no Brasil, foi apenas em meados da década de 60 (sessenta) que a agricultura começou a se modernizar, expandindo-se até a década de 80 (oitenta) em regiões como o Centro-Oeste. Por meio do que foi chamado de Revolução Verde, a agricultura passou a manter uma relação de dependência com a indústria, dos combustíveis fósseis e do monopólio genético das plantas cultivadas, sendo também compradora de produtos e fornecedora de matéria-prima, conforme Guimarães; Ribeiro; Echeverría (2011).

Segundo os autores (2011), ainda há um preconceito e estereótipo equivocados sobre os trabalhadores do campo e aqueles que sobrevivem da agricultura familiar, tendo em vista que o pensamento enraizado é que os agricultores precisam estar no campo, porque se forem para a cidade não encontrarão emprego digno, devido à escolaridade exigida no mercado de trabalho.

Há muito tempo, os homens têm procurado adotar estilos de agricultura menos agressivos ao meio ambiente, que preservem os recursos naturais e sejam duráveis no tempo, fugindo do modelo convencional de agricultura, que se tornou dominante, a partir dos novos avanços científicos em química agrícola, biologia e mecânica, ocorridos no início do século XX. Em diversos países, surgiram agriculturas alternativas, sob diferentes denominações: orgânica, biológica, natural, ecológica, biodinâmica, permacultura, dentre outras. Cada uma delas segue uma filosofia, princípios, tecnologias, normas e regras específicas, conforme as correntes a que estão alinhadas, de acordo com Caporal e Costabecer (2004).

Segundo Altieri (2004), a agroecologia oferece uma estrutura metodológica que permite uma compreensão mais aprofundada, tanto da natureza dos agroecossistemas, quanto dos princípios que os regem. Esta é uma nova abordagem com base em princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos para compreender e avaliar o impacto das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade na totalidade.



A Escola Estadual Terra Nova ou Escola Agrícola, objeto deste estudo, oferece o ensino técnico em Agroecologia para os seus alunos, sendo extremamente importante esse tipo de ensino e aprendizagem, uma vez que os conhecimentos que respeitam a agricultura e o meio ambiente estão cada vez mais perdidos, em meio ao crescente desconhecimento. Oliveira (2007) considera o modo capitalista também como uma forma de modificar o pensamento e a ação, quando o campesinato não é compreendido como uma classe social distinta da classe dominante.

Pereira e Reck *et. al* (2023, p. 10) trata essa escola da seguinte maneira:

Consideramos significativo registrar a importância de políticas públicas para espalhar boas sementes, lembramos desde o princípio, da construção do Plano Estadual de Educação no Estado de Mato Grosso, ainda em 2005, quando educadores (as) dessa comunidade de Terra Nova também se somaram nessa tarefa, depois nos processos de formação continuada, que resultou no livro: “Novas Perspectivas para a Educação do Campo no MT- Contextos e Concepções: (Re) Significando a Aprendizagem e a Vida”.

Então, a produção sustentável ou a agroecologia é determinada pelo equilíbrio entre as plantas, os solos, os nutrientes, a luz solar, a umidade e outros elementos que compõem o ecossistema, esses ensinados na Escola Estadual Terra Nova, onde são espalhadas boas sementes. Alteri (2004) diz que a produção agroecológica é, atualmente, extremamente necessária devido às intensas tendências de destruição do meio ambiente.

Entretanto, os agricultores familiares são donos de grande conhecimento sobre terras e formas de cultivos, todavia, para acompanhar o desenvolvimento da agroindústria, faz-se necessário uso de insumos que prejudicam o Meio Ambiente. Cabe ressaltar ainda que o uso demasiado da terra e as formas de produção inadequadas prejudicam a saúde do solo e, conseqüentemente, a qualidade de vida humana, interferindo diretamente em sua renda.

É importante mencionar que nem sempre o pequeno agricultor consegue recursos para investir nas suas terras e produzir para a sobrevivência do seu negócio, muitas vezes é necessário ultrapassar limites das burocracias bancárias para conseguir investimento para seu negócio, desta forma, muitos proprietários de pequenas porções de terras preferem vendê-las, a procurar auxílio bancário, por medo do insucesso e das possíveis dívidas, além do

processo burocrático que precisará enfrentar.

A seguir, apresentamos dados sobre a agricultura familiar em Terra Nova e a influência que a Coopernova tem nesse município, em termos de economia e sustentabilidade.

## **2.7 Dados da agricultura familiar no município de Terra Nova do Norte e a influência da Coopernova**

Para uma melhor compreensão deste estudo, analisaremos dados relevantes sobre a agricultura familiar no município de Terra Nova do Norte e como a Cooperativa Agropecuária Mista Terranova Ltda., ou Coopernova contribui para a sua manutenção. O objetivo é buscar esses dados em sites, documentos, livros e artigos que tratam desse tema, enfatizando estudos em torno desse campo, sobretudo, acerca do município.

Assim, iniciamos com a busca de dados retirados de Ferro e Vechi (2014). Para os autores, no estado do Mato Grosso existem dois tipos de sistemas produtivos: agricultura empresarial e a agricultura familiar, que apresentam padrões distintos, demandas e relações próprias com necessidades de políticas governamentais ora iguais e ora diferentes. Em relação à agricultura familiar, eles dizem:

A agricultura familiar, por sua vez, se caracteriza por explorar e fazer a gestão de suas unidades produtivas com o trabalho da própria família, tendo como base relevante às atividades da: agropecuária, extrativismo, pesca e outras o seu modo peculiar de vida. Neste caso a propriedade rural supera a função econômica da exploração para se constituir no espaço vital do indivíduo e da sua família. A diversidade, modo de vida, inserção social que constituem essa agricultura, tornando-a dependente da ação do Estado que deve editar políticas voltadas a esses segmentos com o intuito de promover sua inserção multidimensional (técnica, social, econômica, ambiental, política), respeitando suas peculiaridades (Ferro; Vechi, 2014, p. 5).

A agricultura familiar no estado do Mato Grosso ganhou força nos últimos anos, principalmente, pela quantidade de famílias de pequenos produtores que regularizaram suas terras, e de novos produtores que se instalaram pelos incentivos de programas de regularização e da reforma agrária implantado. Segundo o INCRA, no ano de 2000 foram criados no estado do Mato Grosso,

274 projetos de assentamentos de reforma agrária, com cerca de 53.470 famílias beneficiadas pelo programa.

Além disso, Ferro e Vechi (2014) dizem que a agricultura familiar necessita de apoio de políticas públicas que facilitem o acesso às novas tecnologias, apesar de ser a maior responsável pelo alimento que chega à mesa das famílias brasileiras. Cerca de 90% dos agricultores exploram a atividade de cultura da mandioca, fruticultura e pecuária do leite, muito diversificada.

Entre as principais cadeias de fontes produtivas na agricultura familiar no Mato Grosso estão:

- cadeia produtiva do leite;
- cadeia produtiva da piscicultura;
- cadeia produtiva de frutas, legumes e verduras – FLV;
- cadeia produtiva da mandioca; –
- cadeia produtiva da apicultura;
- sistemas agroflorestais - SAF's;
- cadeia produtiva da avicultura (frango tipo caipira);
- cadeia produtiva de grãos (arroz, feijão e milho).

(Ferro; Vechi, 2014, p. 8).

Segundo a Famato (2012), juntamente com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural no Estado de Mato Grosso - (Senar-MT) e o Serviço Nacional de Aprendizagem em Cooperativismo no Estado de Mato Grosso - (Sescoop-MT), entre os anos de 2010 e 2011 foi realizado um diagnóstico da cadeia produtiva de leite no estado do Mato Grosso, observando-se baixos níveis de produção, nas faixas de até 50 litros s/dia; de 51 a 100; de 101 a 200; de 201 a 500 e acima de 500 litros/dia, em 11 municípios que concentram a maior produção de leite do estado (Tabela 01) extraída.

Tabela 1 - Amostra dos produtores entrevistados para o diagnóstico da cadeia produtiva de leite no estado do Mato Grosso

Município	FAIXA DE PRODUÇÃO DE LEITE (LITRO E DIA)					Total
	até 50	de 51 a 100	101 a 200	201 a 500	Acima de 500	
Pontes de Lacerda	24	11	9	3	1	48
Guarantã do Norte	23	8	8	1	1	41
Araputanga	19	8	7	2	0	36
Terra Nova do Norte	18	8	7	2	0	35
Cáceres	17	8	6	2	1	34
Rondonópolis	17	8	6	2	2	35
Colíder	17	7	6	2	1	33
Alta Floresta	16	7	6	2	1	32
São José Quatro Marcos	16	7	6	2	0	31
Jaurú	15	7	6	2	0	30
Mirrasol do Oeste	13	6	5	0	0	25
<b>Total</b>	<b>195</b>	<b>85</b>	<b>72</b>	<b>7</b>	<b>7</b>	<b>380</b>

Fonte: Elaborado pela autora com base em Famato, Senar e Sescop (2012)

O município de Terra Nova do Norte possui destaque em relação à produção leiteira, como observado na Tabela 01 em quarto lugar, e a Coopernova é a principal responsável. Como comenta Lovato (2013), tendo em vista a trajetória do município em sua formação, sempre esteve ligada à agropecuária, como base de sustentação as cooperativas. As principais atividades da Cooperativa atual são: Bovinocultura de leite responsável por 85% (oitenta e cinco por cento) do quadro social e a fruticultura iniciado em 2002 com 212 produtores no cultivo do cajueiro anão.

Porém, a atividade leiteira é a principal produzida pela cooperativa, segundo dados do site Coopernova (2013) sendo produzidos diariamente cerca de 122.000 litros de leite. A base do rebanho são as raças Gir e Holandês, predominando o cruzamento das duas raças, adaptadas ao clima da região quente e úmido. A alimentação do rebanho é quase em sua totalidade “regime a pasto” com suplementação alimentar nos períodos de seca que vai de maio a setembro.

Atualmente, são 1.150 associados produzindo leite, na sua maioria agricultores familiares, com média de 80 litros diários, depositados em resfriadores individuais ou coletivos nas comunidades do município, coletados a cada 48 horas, em caminhões com tanques isotérmicos, com destino à Indústria de laticínios. A entrega do leite produz queijos de muçarela<sup>11</sup>, prato, provolone, coalho, parmesão e derivados, como manteiga, creme de leite, doce de leite, requeijão e bebidas lácteas, sendo comercializados nos estados do Mato Grosso, São Paulo e Rio de Janeiro. Além disso, a Coopernova atualmente conta com uma nova aquisição industrial de soro em pó, leite em pó e leite condensado, que está em fase final de teste. Coopernova (2021).

Ainda, Coopernova (2021), a fábrica de polpas, também é uma importante fonte de renda para os produtores do município, cerca de 249 associados desenvolvem essa atividade, cujas áreas de produção se localizam nas comunidades do município. Como principais frutas cultivadas e entregues temos: maracujá, caju, manga, acerola, cupuaçu, abacaxi, tamarindo, goiaba, graviola, açaí, taperebá ou cajá, todas processadas em forma de polpas, além da castanha de caju.

Além da produção de leite e de polpas de frutas, a Coopernova conta com uma loja de frios, instalada no ano de 2012, com a venda de produtos agroindustriais da cooperativa e de produtos coloniais, vindos da agricultura familiar, como conservas, vinho, embutidos, frutas, verduras e legumes. A Associação AMAFPA, por exemplo, entrega seus pães, cucas e bolachas artesanais, bem como a Produtora 2 entregam salames, conservas, pequis, doces, entre outros produtos, que serão apresentados a seguir.

Sendo assim, a Coopernova desempenha um papel importantíssimo para a agricultura familiar no município, já que contribui de maneira diversificada na compra de produtos, bem como incentiva a produção familiar. Como comentam Moraes e Schwab (2019), as cooperativas são organizações fundamentais para o contexto socioeconômico, na medida em que atuam apoiando o desenvolvimento, principalmente, das pequenas propriedades rurais, onde juntas reúnem forças para conseguirem adentrar no mercado competitivo e terem espaço.

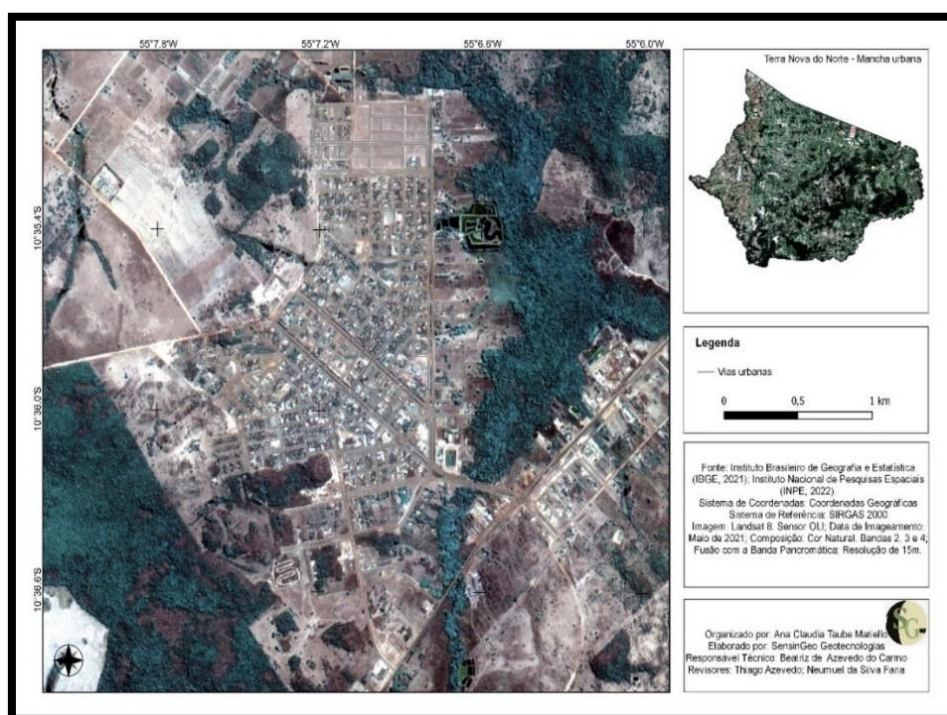
---

### 3. METODOLOGIA DA PESQUISA E SEUS CAMINHOS

#### 3.1 Área de estudo

Como área de estudo temos o município de Terra Nova do Norte/MT. Segundo o censo do IBGE (2021), a cidade possui uma população aproximada de 9.284 habitantes, uma densidade demográfica que, em 2010, era de 4,41 hab./km<sup>2</sup>, e uma taxa de escolarização de 6 a 14 anos de 98,8%. A Figura 7, apresenta o mapa de localização da mancha urbana do município.

Figura 7 - Imagem orbital da mancha urbana do município de Terra Nova do Norte/MT



Fonte: Organizado pela autora e elaborado por Sensigeo (2022)

Trata-se de um município com um número de população pequeno, residindo na área urbana, sendo a sua maioria de moradores situados nas áreas rurais; segundo o IBGE (2010), o percentual da população urbana é de 44,77%, a rural é de, aproximadamente, 55,23%. Entre as principais fontes econômicas, destaca-se o extrativismo mineral e vegetal, já a agricultura se manifesta por pequenas lavouras de subsistência, a pecuária encontra-se em expansão, para o gado de recria, corte e leiteiro.

Segundo dados do Serviço de Apoio às Micros e Pequenas Empresas

(SEBRAE, 2019), em Terra Nova do Norte, cerca de 45,88% dos estabelecimentos estão ligados à agropecuária; 29,02% ao comércio; 9,80% à indústria; e 15,29% à prestação de serviço, sendo que a prestação de serviço é a que mais emprega, aproximadamente, 38,76%. Ainda, nos mostra os seguintes dados em relação à educação no município, o analfabetismo, de 1991 a 2010, caiu 14%, o Ensino Superior encontra-se em 54º colocado mato-grossense; em relação aos cursos técnicos profissionalizantes, é ofertado pela Escola Estadual Terra Nova e EPP Lucas Auxilio Toniazzo, e essas escolas se localizam na área rural do município.

### **3.2 Procedimentos metodológicos**

O materialismo histórico-dialético é o método de abordagem teórica que será usado nesta pesquisa, pois, enquanto enfoque metodológico, busca compreender a realidade social; portanto, vincula-se a uma realidade do mundo e de vida, que objetiva o sujeito em estudo e seu pensamento transformador.

De acordo com Minayo (2009), o método dialético visa analisar os contextos históricos, as determinações socioeconômicas e as relações sociais, sejam elas de produção ou de dominação. Para compreendermos a formação territorial do município de Terra Nova do Norte e as experiências decoloniais que ocorrem, é relevante um método que forneça os elementos necessários para compreender o contexto histórico, o pertencimento com o lugar e a formação desse território.

Utilizaremos os seguintes métodos para a realização dessa pesquisa. Na primeira etapa, utilizamos a pesquisa bibliográfica, que foi desenvolvida com base em material já existente, sobretudo em livros e artigos científicos. As pesquisas bibliográficas apresentam como principal vantagem o fato de o investigador ter acesso a uma vasta gama de fontes, ao contrário de qualquer outro tipo de pesquisa (Gil, 2002).

A pesquisa bibliográfica foi útil para obtermos dados relevantes, como a formação do Mato Grosso e, posteriormente, compreendermos a formação do município de Terra Nova do Norte, e, dessa forma, unir a pesquisa no contexto histórico necessário, para, enfim, desenvolver os resultados que necessitam deste tipo de procedimento. Os autores mais utilizados são Mendonça (1981),

Pereira (2000), Santos (2005), Lovato (2013-2017), Tuan (2018), Silva (2021) e outros pesquisadores relevantes para fundamentação dessa pesquisa.

Em seguida, foram elaborados mapas para compreender a dimensão espacial dos fenômenos, sendo mapas de localização orbital geográfica do município de Terra Nova do Norte-MT, das 10 (dez) agrovilas, de duas propriedades rurais colonizadas e da Escola Estadual Terra Nova, com o uso de dados do IBGE e do Google Earth, que buscamos usando o sistema do Landsat para processar os mapas, produzidos pela Sensigeo, Laboratório de Geoprocessamento Universidade do Estado de Mato Grosso campus de Sinop-MT.

No segundo passo, utilizamos o método de observação participante, pois é caracterizado pela participação efetiva no conhecimento do cotidiano. Segundo Gil (2002), na observação participante, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Ao se utilizar dessa técnica, é possível compreender a vida de um grupo a partir do seu interior, captando informações específicas. Sendo assim, é uma atividade de pesquisa, orientada pela participação.

A observação participante permitiu ter uma perspectiva precisa sobre os sujeitos do estudo. Ao conhecer a realidade, ficou fácil compreender toda a extensão do que ocorre nesses grupos estudados, como a associação AMAFPA, Escola Estadual Terra Nova e produtoras da agricultura familiar; no total foram entrevistados cinco sujeitos para a obtenção dos dados. Essa integração com os grupos só ocorre se o pesquisador tiver certa intimidade, como aponta Minayo (2009). Somente um pesquisador com certo conhecimento dos grupos poderá se inserir nele de forma integral e com riqueza de detalhes. Neste caso, como moradora do município desde a infância e com conhecimento e intimidade prévia com os sujeitos desta pesquisa, ficou fácil alcançar os resultados desse estudo que segue.

Essa observação é útil para este tipo de pesquisa, pois estamos lidando com uma temática que requer maior interação com os sujeitos em estudo. Como aponta Minayo (2009), os grupos sociais precisam ser pesquisados com mais profundidade e, para isso, o pesquisador precisa fazer parte dele. Dessa forma, fui até os lugares de estudo e, como parte da rotina, tive acesso às informações necessárias.



Usamos experiências decoloniais na pesquisa para explicar o novo paradigma, como cita Quijano (2005), que produz conceitos que facilitam a compreensão: a colonialidade do ser, do saber e do poder. Este conceito, em particular, é fundamentado no surgimento da noção de raça própria das relações coloniais e suas implicações para a constituição do capitalismo colonial/moderno e euro centrado. A raça e a divisão social do trabalho estão intimamente relacionadas e reforçam-se mutuamente.

E todas as observações feitas ao longo deste estudo foram extremamente relevantes eticamente, mas, como cidadão do campo, também faço parte dessa realidade. Utilizar uma experiência decolonial para auxiliar na abordagem dos sujeitos em estudo é importante, já que, de acordo com Oliveira e Lucini (2021), a atitude decolonial é o "grito de espanto" que ocorre individualmente, ou seja, é a reação do indivíduo.

Iniciamos, assim, com a AMAFPA. No início, por não ter familiaridade com a Associação e nem com a sua história, não consegui uma integração imediata. Contudo, após três observações, fui convidada a fazer parte dela como associada, ajudando com as produções, como pães, pastéis e na preparação do pequi para venda. Dessa forma, conheci todos os associados, pois a maioria só é possível conhecer durante a colheita do pequi entre os meses de agosto e dezembro, quando começa a queda do fruto e sua entrega pelos produtores da comunidade.

A integração entre as duas produtoras, que serão apresentadas como Produtora 1 e Produtora 2, foi por aproximação. A produtora 1 veio por intermédio da orientadora, uma vez que surgiu a curiosidade de conhecê-la através dos comentários satisfatórios das associadas da AMAFPA sobre sua relação com ela e de suas produções agrícolas no município, pois eu possuía um contato prévio com a produtora. Já a produtora 2 é uma pessoa que vive no campo, mas a orientadora também a conheceu e achou relevante a sua trajetória na agricultura familiar, e eu também a conhecia bem. A inserção na Escola Estadual Terra Nova deu-se através da II Mostra Científica e I Olimpíada Nacional de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas, que a orientadora da presente pesquisa (Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira) e coordenadora do projeto incentivou e colaborou para a produção de 16 (dezesesseis) trabalhos com 36 (trinta e seis) bolsistas de Iniciação Científica Júnior do Conselho Nacional de

Desenvolvimento Científico e Tecnológico, conhecido como CNPq, juntamente com os professores e coordenação da escola. Dessa forma, foi necessário investigar essa instituição, uma vez que ela é extremamente importante para a educação do campo no estado do Mato Grosso, um exemplo para a agroecologia e a agricultura familiar no município.

Também são usadas imagens tiradas durante as observações participantes, realizadas entre agosto de 2022 e janeiro de 2023. Esses registros são das produções e dos ambientes de estudo, permitindo, dessa forma, ilustrar de forma visual os locais estudados e como são realizadas as atividades e produtos da agricultura familiar.

Como terceira e última etapa, usamos a técnica de entrevista semiestruturada, que, de acordo com Lakatos e Marconi (2003), é uma conversa entre duas pessoas, a respeito de um determinado assunto, com profissionalismo. É um processo que auxilia na investigação ou tratamento de um problema social. A entrevista semiestruturada é a que melhor se adéqua a este trabalho, pois, como aponta Minayo (2009), combina com perguntas fechadas e abertas, as quais o entrevistado tem a liberdade de se expressar livremente, sem se limitar à pergunta formulada.

A participação dos entrevistados e dos sujeitos desta pesquisa está conforme os dados apresentados. Foram assinados termos de uso de imagem e som para a divulgação dos dados, consoante a devida ciência por parte dos participantes. Esses termos permaneceram sob a posse da pesquisadora e serão arquivados durante cinco anos, segundo o prazo estabelecido pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONEPE). Após este período, os termos serão descartados de forma devida.

A entrevista semiestruturada foi utilizada com cerca de cinco sujeitos estudados. Realizar a entrevista foi de suma importância para esse estudo, conforme segue nos apêndices A, B, C, D, E. As perguntas foram usadas para esclarecer algumas dúvidas em relação ao estudo, sobretudo, acerca da agricultura familiar presente, a fim de validar a pesquisa em relação ao assunto.

Na associação das mulheres AMAFPA, foi entrevistada somente uma mulher com o respectivo vínculo: Presidente 1. Essa entrevista foi a mais relevante, pelo cargo que ela ocupa de presidente. As outras associadas têm uma rotina diferente, indo ao trabalho somente quando há um número maior de

solicitações ou na época do pequi.

As duas são produtoras rurais, sendo uma da comunidade Oitava Agrovila. Na pesquisa, elas foram denominadas de: Produtora 1 e Produtora 2. Ambas foram entrevistadas, nosso objetivo foi o de compreender como a agricultura familiar interfere em suas vidas. Uma das entrevistadas vive desse ramo desde a infância e a outra abraçou a agricultura familiar, transformando-a em uma empresa de sucesso.

A entrevista com a Escola Estadual Terra Nova foi aplicada a duas alunas, uma do primeiro ano "A" e outra do quarto ano "B". Ambas têm realidades e percepções diferentes, uma está entrando na escola e a outra saindo, assim conseguimos observar como a agricultura familiar é visualizada.

A pesquisa com os professores revelou a importância de um único professor, que, na pesquisa, denominamos de Professor 1. A escolha deste se deu pelo fato de ser um estudante da primeira turma na escola no ano de 2005, quando ainda era apenas um projeto. Após a sua formação, trabalhou na escola como técnico. Posteriormente, passou na universidade, a Universidade do Estado do Mato Grosso, campus de Ponte de Lacerda, no curso de Zootecnia, e foi bolsista Capes. Após a sua formação, voltou à escola e trabalha como docente e morador do campo. A sua entrevista é relevante para este estudo, pois ele é considerado um exemplo a ser seguido.

A entrevista semiestruturada foi aplicada a esses sujeitos, porque eles representam as experiências existentes no município, como a Associação de Mulheres que vive da colheita do pequi e da produção de pães caseiros, que são vendidos para a Escola Estadual Terra Nova, referência na educação do campo, com formação técnica em agroecologia e com estudantes de famílias da agricultura familiar, que se utilizam da Cooperativa Mista Terranova, que faz a venda de produtos agrícolas e que compra parte da produção tanto da Associação quanto da escola, e, por fim, as duas produtoras colonizadoras que contribuíram para o que é hoje a agricultura familiar.

#### 4. A AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE TERRA NOVA DO NORTE

[...] A enxada respondeu: de fato vivo no chão.

Para poder dar o que comer e vestir o seu patrão.

Eu vim no mundo primeiro quase no tempo de Adão. Se não fosse o meu sustento ninguém tinha instrução. Vai-te caneta orgulhosa, vergonha da geração. A sua alta nobreza não passa de pretensão. Você diz que escreve tudo, tem uma coisa que não. É a palavra bonita que se chama educação.

Zico e Zeca (A caneta e a enxada).

Não é de hoje que os camponeses se sentem excluídos diante dos estudiosos, como filha de colonos senti a necessidade de me fortalecer como estudante, a partir da escrita. Como sempre estudei em escolas da cidade, me sentia deslocada e até mesmo “fora dos padrões” estabelecidos por meus colegas de classe. Fui chamada de “jeca”, “suja de barro”, “do mato”, e não foi só na escola que me senti assim, na própria universidade uma colega me disse: “esse não é seu lugar de fala”, naquele momento senti a necessidade de me fortalecer e ainda respondi: “Uai!! então aonde devo falar?”. Portanto, qual é o meu lugar de fala? Nada poderia ser dito a respeito dos camponeses, a não ser se fosse dito por um sujeito do campo, nesse caso, eu me coloco neste lugar de camponesa, que fala desse lugar do campo, mas também me coloco no lugar de quem estuda/pesquisa as questões do campo e dos sujeitos do campo, assim, falo também desse lugar da pesquisa, juntamente com muitos outros estudiosos.

A canção "A Enxada e a Caneta", interpretada por Zico e Zeca, apresenta o comportamento de uma enxada e uma caneta, como metáfora das relações hierárquicas entre o campo e a cidade. A enxada e a caneta são símbolos do ensino na Escola Estadual Terra Nova (EETN). O estudante aprende a teoria com a caneta e a lidar com a terra com a enxada.

Isso demonstra que o camponês tem a capacidade de buscar o conhecimento e adequá-lo à sua realidade, como será demonstrado na Escola Agrícola que será apresentada ao longo desta escrita, não somente deles, mas de todo o contexto. A seguir, abordamos um conceito sobre a relação entre o camponês e a educação em todo o seu estudo, que é relevante.

#### **4.1 Associação de mulheres AMAFPA**

Neste quarto capítulo, analisamos as práticas da agricultura familiar em Terra Nova do Norte-MT, tomando como primeiro caso a Associação de Mulheres da Agricultura Familiar do Portal da Amazônia (AMAFPA). Apresentamos a história, dificuldades e a relação íntima dessas mulheres com a agricultura familiar. Conforme mostrado na introdução, procuramos confrontar a realidade pesquisada com a literatura revisada, mas preferimos privilegiar os interlocutores da pesquisa, em seu lugar de fala. Então, muitas vezes, para compreender as questões do campo, recorreremos a memória da nossa infância e adolescência no meio rural.

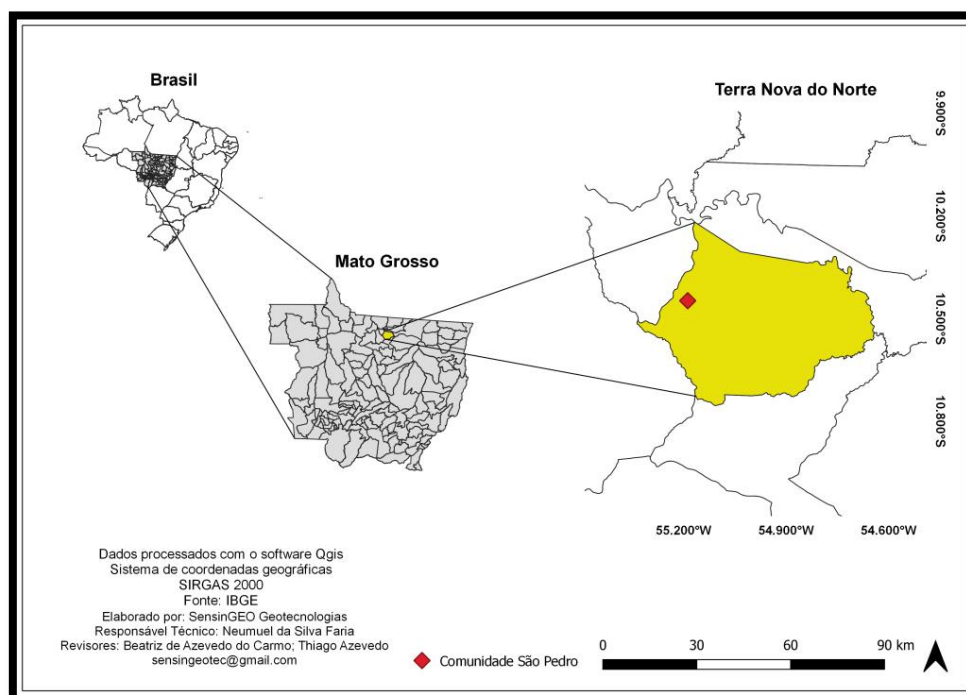
Esta pesquisa, como já dissemos, é fundamentada na observação participante e na inserção da pesquisadora na associação, contribuindo nas atividades realizadas, buscando, através da entrevista semiestruturada, objetivar o estudo, dando ênfase aos sujeitos da pesquisa, já que necessitamos de suas falas durante o trabalho para compreendermos melhor como é a funcionalidade da agricultura familiar.

A entrevista foi realizada somente com uma associada, a presidente da associação, pois as outras não se sentiram confortáveis, alegavam incapacidade para o diálogo, já que não tinham estudo e, para evitar situações desconfortáveis, não seguimos adiante com a ideia. A associada entrevistada será denominada de Presidente 1.

A AMAFPA está inserida no município em estudo, na comunidade conhecida como São Pedro ou Mané Barriga. Essa associação é formada somente por mulheres do campo, em um total de 11 (onze) associadas ativas. Trataremos de compreender o funcionamento e a importância da associação para a agricultura familiar.

A comunidade São Pedro está localizada na zona rural de Terra Nova do Norte/MT, a cerca de 30 km de distância do município, seguindo pela BR MT 208 que liga Terra Nova do Norte ao município vizinho de Nova Guarita. Na comunidade, a AMAFPA, se localiza na antiga estrutura da Escola Municipal São Pedro, na avenida principal. A Figura 8, apresenta a localização da Comunidade São Pedro, no município:

Figura 8 - Mapa de localização da Comunidade São Pedro no município de Terra Nova do Norte-MT



Fonte: Organizado pela autora e elaborado por Sensigeo (2022)

A Associação está instalada na antiga sede da Escola Municipal São Pedro, Figura 9, que foi fechada no ano de 2010. A escola fechou mediante a alegação de falta de alunos para preencher as vagas necessárias e pela infraestrutura estar em péssimas condições de utilização. As associadas aproveitaram a oportunidade e ganharam o direito para utilizar do espaço pelo processo de “Cessão de Uso 10” (a cada 10 anos é renovado o contrato com o Município). No entanto, é importante salientar que as associadas conseguiram este local, em meio a um cenário triste. Não é uma situação animadora uma escola do campo fechar suas portas em nenhuma circunstância. Muitos moradores da comunidade dependiam do trabalho na escola para sobreviver, mas as maiores prejudicadas foram as crianças e jovens, que agora se deslocam cerca de 20 km para estudar em outra comunidade.

Rodrigues (2017) comenta sobre esse assunto, que hoje ainda é visto como um problema de inúmeras comunidades, tendo entre tantos motivos a falta de estrutura escolar, professores qualificados, gestão municipal, que deixam de investir em profissionais adequados, preferindo gastar em transporte para levar os estudantes para outras localidades gerando a nucleação.

Figura 9 - Instalações da antiga Escola Municipal São Pedro (atual AMAFPA)



Fonte: A autora (2022)

Bremm (2017, p.18) traz o seguinte argumento sobre a nucleação das escolas rurais:

Na maioria dos casos o argumento principal em defesa da nucleação girava em torno da melhoria da educação oferecida às crianças do meio rural e devido ao insuficiente número de alunos para a manutenção das classes escolares. No entanto, a bibliografia também evidencia objetivos como a racionalização dos custos do poder público, a descentralização dos deveres educacionais do Estado e a educação privilegiando a formação para o trabalho urbano, ocasionando o desenraizamento dos sujeitos rurais.

Isso mostra o descaso das políticas públicas com os povos do campo, que não dão importância as suas realidades, expondo-os a situações de risco. Uma das observações participantes, após o almoço, questionei as crianças, uma vez que elas sempre estão na Associação, sendo cuidadas pelas suas mães. Uma associada disse-me que elas só chegariam por volta das 13 (treze) horas da escola, já que a viagem era longa até em casa. Quando elas chegaram, uma delas se aproximou de mim e disse: *"tia, que difícil é estudar viu!! Estou morrendo*



de fome" (*Informação Verbal*<sup>12</sup>) isso me tocou profundamente. Era nítido o cansaço, entre as crianças de 4 e 10 anos, saindo de casa de madrugada e retornando naquele horário, logo correram com seus pratos para se alimentarem, em todo momento reclamando do cansaço, se entregando a uma soneca.

Além, dessa dificuldade relatada pelos alunos, a Associação surgiu através dessa realidade do fechamento da escola, como é relatado em uma entrevista com a presidente 1:

Ideia da dona I..., de uma família em necessidade, amiga nossa, ela ficaria desempregada porque a escola fechou as portas, ela era faxineira, mãe solteira, sem saber o que ia fazer da vida, não tinha nada para fazer aqui na comunidade, nenhuma diária, ela não tinha condições de ir para a cidade trabalhar e nem alugar um lugar para ela, ai, surgiu a associação dessa necessidade (*Informação Verbal*<sup>13</sup>).

A associada trabalhava como faxineira na instituição de ensino, conforme relatado na entrevista acima. Quando recebeu o aviso de demissão, desesperada, mãe solteira e sem nenhuma perspectiva de emprego, reuniu-se com uma líder da comunidade. Essa reunião foi marcada com todas as mulheres, chegando-se à conclusão que naquele momento o melhor a se fazer era trabalhar com a produção de pães, bolachas e cucas, o trabalho com o pequi viria posteriormente.

Um dos primeiros projetos começou na comunidade, da organização sem fins lucrativos, Instituto Ouro Verde, com o projeto denominado "Sementes do Portal". Em 2010, os moradores interessados no projeto receberam mudas de pequi da Amazônia, para serem plantadas, principalmente, nas APP - (Áreas de Preservação Permanente) em degradação, com o uso de uma planta nativa, que, posteriormente, forneceria frutos à comunidade e renda, se possível. Muitos moradores se interessaram e fizeram o plantio. Janete Mantovani, primeira presidente e fundadora da Associação, percebeu o interesse dos moradores e iniciou o projeto de colheita e processamento do Pequi na comunidade, com o apoio da associação recém-criada.

O Instituto Ouro Verde se localiza no município de Alta Floresta, no estado

---

<sup>12</sup> Filho de umas das associadas da AMAFPA, Terra Nova do Norte,

<sup>13</sup> Entrevista aplicada com a presidente 1 na AMAFPA, Terra Nova do Norte, 03-04-2023.



de Mato Grosso, é uma organização sem fins lucrativos, que conta com o apoio financeiro do Banco Nacional de Desenvolvimento Sustentável (BNDES) e do Fundo do Portal da Amazônia. O Boletim (2011) informa que o Instituto Ouro Verde iniciou seus projetos em março de 2010 com o projeto “Sementes do Portal”, esse projeto conta com o apoio do Fundo do Portal da Amazônia, no valor de 5,4 milhões, tendo o prazo de 36 meses para a sua execução. A área de abrangência do projeto é composta por sete municípios, no extremo norte do Mato Grosso: Apiacás, Alta Floresta, Carlinda, Nova Guarita, Nova Canaã do Norte, Terra Nova do Norte, Peixoto de Azevedo e Matupá.

O projeto teve como objetivos, promover a recuperação de 1.200 hectares de áreas degradadas e o regaste da agricultura familiar em seis municípios, através da difusão de sistemas agroflorestais, que combinam o uso sustentável da floresta com geração de renda. O projeto é financiado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)<sup>14</sup>, através de um roteiro prévio do que será realizado, comunidades específicas serão escolhidas em cada município para a implantação.

Foi através do projeto “Sementes do Portal” que a AMAFPA encontrou uma oportunidade de empreender o pequi plantado pelos moradores da sua comunidade. Porém, o pequi leva um tempo de produção, segundo a Embrapa (2000), a produção do pequi inicia-se a partir do quarto ano após o plantio e ocorre de agosto a outubro, e a produtividade de um pequizeiro adulto, em condições naturais, varia de 500 a 2000 frutos por planta/ano e equivale a 5 a 20 caixas por planta. Assim, as associadas não poderiam contar de início com a produção do pequi para seu sustento naquele momento acima mencionado e após reuniões decidiram iniciar com a produção de pães e bolachas, e quando os pequizeiros estivessem prontos para produzir o projeto se iniciaria.

Essa importante produção realizada pela Associação, a colheita do fruto conhecido como piqui ou pequi de nome científico *Caryocar brasiliense camb* origina-se do Tupi “pysqui”, em que as palavras significam pys: casca e qui: espinho, também conhecido popularmente como pequizeiro, encontrado principalmente no Cerrado. Porém, existem variadas espécies de pequi

---

<sup>14</sup> BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social é uma empresa pública federal, cujo principal objetivo é o financiamento de longo prazo, tendo como missão o desenvolvimento sustentável e competitivo da economia brasileira em regiões desfavorecidas.

espalhados pelas regiões do Brasil, como no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais e São Paulo, cada uma possuindo características diferentes, no seu tamanho, sabor e coloração (Almeida; Silva, 1994).

O Pequi, um fruto típico do Cerrado, conforme Santos (2015), é muito apreciado na sua área de ocorrência natural, sendo quase unânime no Centro-Oeste. O seu consumo já era hábito das populações indígenas muito antes dos bandeirantes adentrarem em seus territórios. Como alimento, é bastante consumido, sendo considerado a “carne dos sertanejos”, podendo ser cozido inteiro ou sozinho, no arroz, no frango, utilizando a polpa e a semente para outras preparações de alimentos, bebidas adocicadas, óleos e condimentos.

O extrativismo desse fruto é realizado pela Associação no período de agosto a outubro, dependendo da safra até final de dezembro, quando o fruto está pronto para ser colhido. Além disso, a exploração do fruto ainda é de forma extrativista e há poucas iniciativas de comercialização, observa-se isso na AMAFPA, onde os produtores vendem o fruto colhido em suas propriedades e são levados à Associação, preparado para venda de forma rudimentar (na abertura do fruto) pelas mulheres sem muito incentivo.

Na Figura 10, demonstramos como é realizado a abertura do pequi para a extração da polpa (caroço) essa foto foi tirada no mês de outubro, período em que os trabalhos de colheita e preparo para a venda do pequi está em alta, pois é o mês que mais o fruto cai do pequizeiro, sendo colhido pelos produtores e entregue às associadas para a abertura, seleção, higienização e embalagem; já o pagamento aos produtores, é realizado por quilos de pequi abertos e aproveitáveis.

Figura 10: Processo de extração manual do pequi na Associação (AMAFPA)



Fonte: A autora (2022)

Na Figura 11, é possível notarmos o pequi da Amazônia, que é colhido principalmente pelos produtores da comunidade São Pedro para a AMAFPA. No entanto, ele não é o único comercializado pela Associação. Contudo, torna-se o mais procurado pelos compradores, devido ao seu tamanho e sabor diferenciados, tratando-se de um produto com maior poder de venda do que o pequi conhecido como do cerrado, com um tamanho menor e o sabor é mais acentuado em relação ao pequi da Amazônia, que é mais saboroso, possuindo muito mais polpa, além de não ser produzido em qualquer local.

Figura 11: Pequi da Amazônia ou “Pequi Gigante” colhido pelos produtores da comunidade São Pedro



Fonte: A autora (2022)

E necessário ressaltar que a associação é composta por 11 mulheres camponesas que residem na comunidade, tendo como objetivo empreender no município, possuindo sua própria fonte de renda e a sua valorização como trabalhadoras do campo. Trabalhando com a venda de pães, cucas e bolachas para o abastecimento das escolas no município, principalmente à Escola Estadual Terra Nova, através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Brasil (2014) nos apresenta que o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) ou popularmente conhecido como merenda escolar, sob a Lei n. 11.947 de 2009, trata-se de um programa que visa a alimentação adequada e saudável aos estudantes das escolas públicas e privadas de todo o país, respeitando a cultura, tradições e os hábitos saudáveis, além do desenvolvimento sustentável, com incentivos à aquisição de gêneros alimentícios locais, preferencialmente da agricultura familiar.

Esta política pública é gerenciada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), criado por lei pelo Ministério da Educação (MEC), atendendo de forma complementar todos os alunos das escolas da educação básica. Nos últimos anos o programa teve um aumento expressivo, um pouco mais de 33 milhões em 1995 para mais de 43 milhões em 2013, aumentando o valor do FNDE repassado aos municípios e estados, chegando a 3,5 milhões em 2013. Brasil (2014).

Na Figura 12, apresentamos uma das produções de pães prontos para

serem entregues na Escola Estadual Terra Nova (principal consumidora dos produtos) através do PNAE. Cerca de duzentos pães foram produzidos neste dia, ocorrendo durante uma observação participante na Associação. Ao observar, percebemos a preocupação em utilizar produtos de origem orgânica como fermento de batatinha, não se tratando de uma produção industrializada, e sim artesanal.

Figura 12: Produção de pães na Associação (AMAFPA)

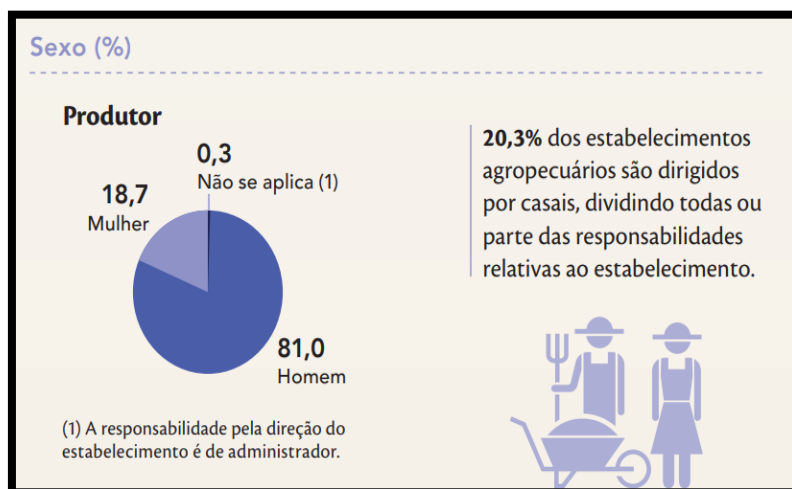


Fonte: A autora (2022)

Segundo o Censo Agropecuário do ano de 2017 foram identificados cerca de 5.073.324 locais agropecuários no Brasil, deste total, cerca de 19% são gerenciados por mulheres, valor superior ao Censo Agropecuário de 2006 (IBGE, 2017).

A Figura 13 trata-se de um gráfico retirado do site do Censo Agropecuário de 2017, onde demonstra distribuição de produtores rurais por sexo no Brasil.

Figura 13 - Imagem do gráfico do site Censo Agropecuário 2017 sobre a distribuição por sexo dos produtores rurais



Fonte: Site Censo Agropecuário (2017)

A Figura 13 mostra como as mulheres do campo estão ganhando seu espaço, apesar de ser um percentual reduzido em relação aos homens. Como Ramos (2014) aponta, é perceptível que as mulheres brasileiras lutam ao longo do tempo para conquistar o seu espaço na sociedade, pelo acesso às políticas públicas, sobretudo, as de regiões com maior desigualdade de gênero. São as mulheres rurais que possuem maior carência de infraestrutura, como acesso à água potável, energia, saúde, segurança e educação, o que as torna invisíveis diante do trabalho masculino.

Em uma pergunta para a entrevistada foi questionado: Qual a maior dificuldade na Associação? A Associada 1 relatou o seguinte:

Geral, engloba a falta de conhecimento da gestão, falta espaço para as crianças, para poder as mães trabalhar, uma sala apropriada para as crianças, tendo uma sala fica mais fácil para as mulheres trabalharem, o preconceito que existe e a rixa entre as comunidades e o município, rixa que existe com as mulheres no ramo do negócio, e a questão de capital de giro né Claudia, porque ninguém quer trabalhar porque acredita que não vai receber, porque demora né... às vezes demora, tem questão de estação, igual nota, ficamos 60 dias sem receber da escola agrícola porque eles tiveram problemas com recurso, ficamos esperando, ninguém vem trabalhar sem dinheiro. Falta também formação das meninas, se tivesse formação todas podia ajudar (Informação Verbal<sup>15</sup>).

<sup>15</sup> Entrevista aplicada com a presidente 1 na AMAFPA, Terra Nova do Norte, 03-04-2023.

Dessa forma, percebemos que as dificuldades que a Associação enfrenta são várias como a infraestrutura do local, sobretudo, pela falta de espaço para as crianças, o preconceito e a questão educacional. São problemas que assolam as associadas na busca por melhorias no ramo rural, uma vez que uma escola aparentemente adaptada não é um local ideal para se trabalhar, além da falta de apoio, tanto comunitário quanto político e familiar. A adaptação da escola ainda é rudimentar, observa-se o descaso, apesar de muitos recursos surgidos ao longo da criação da Associação.

Para compreendermos este estudo, devemos ter em mente que as associadas são mulheres que possuem um baixo nível de escolarização, a maioria não terminou o Ensino Médio. Dessa forma, analisamos a falta de conhecimento ao lidar com financiamentos e projetos, sobretudo de origem pública. Uma das questões aplicadas na entrevista semiestruturada perguntou qual o nível de escolarização das associadas: *“Olha, temos uma que fez curso técnico, uma que fez faculdade de Educação Física, Ensino Médio completo, eu no caso e as outras só Ensino Fundamental incompleto e quase todas as mais velhas” (Informação Verbal<sup>16</sup>)*.

Atualmente, a presença feminina nas formações educacionais em todos os níveis é marcante, porém nem sempre foi assim. As mulheres ingressaram na escola tardiamente em comparação aos homens, principalmente sua educação era voltada aos cuidados com o lar e à família. A escola compreende as diferenças, distinções e desigualdades. Na verdade, a escola produz esse tipo de ação. Segundo Louro (2003), a escola exerceu uma ação distintiva, desde seu início, separando quem tinha acesso de quem não tinha. Realizando múltiplos mecanismos de classificação, daquele que era rico ou pobre, e assim foi entre as meninas e os meninos.

Para Manoel (2008), apesar da obtenção do direito de ler e escrever, a educação feminina ainda era voltada para currículos tradicionais, com disciplinas como: moral cristã, doutrina católica e prendas domésticas, foram as principais nas escolas femininas. Essa educação não era voltada à formação profissionalizante, como a destinada ao sexo masculino, porém, pautava-se em uma maneira de controlar o sexo feminino em volta do universo doméstico e

---

<sup>16</sup> Entrevista aplicada com a presidente 1 na AMAFPA, Terra Nova do Norte, 03-04-2023.



religioso, a fim de dominação disciplinar.

Além das questões educacionais que afetam à Associação, dificultando a vida dessas associadas, compreendemos, por meio da observação participante e da entrevista semiestruturada, que essas mulheres sofrem também com o patriarcalismo, pois os homens possuem a dominação sobre essas mulheres, oprimindo-as como trabalhadoras.

O preconceito e a discriminação são uns dos problemas a serem enfrentados por essas mulheres. Em uma entrevista realizada com a presidente 1, a seguinte pergunta foi realizada: Vocês sofrem discriminação ou preconceito por serem mulheres no empreendimento? Como resposta temos: “Com certeza, sempre tem, da comunidade em geral, principalmente, até das mulheres a gente sofre preconceito, e dos maridos também, que não deixa trabalhar” (Informação Verbal<sup>17</sup>).

Muitas estudiosas falam sobre o que significa o patriarcado, contudo as que mais se destacam neste estudo são: Beauvoir (1908-1986), Safiotti (1934-2010) e Patemam (1940). São autoras que escreveram para os movimentos feministas, trouxeram luz aos questionamentos de gênero, divisão sexual do trabalho, violência e patriarcado, estavam à frente da sua época e pensamentos. Entender o contexto histórico feminino é compreender um passado esquecido pela sociedade.

O patriarcado é histórico, levou cerca 2.500 anos para estar completo, persistindo atualmente, nos valores, costumes, leis e papéis sociais. Segundo Patemam (1993) o patriarcado é um contrato entre homens, cujo objeto são as mulheres. A diferença sexual é convertida na esfera política, passando a se converter ou em liberdade, ou em sujeição. Sendo o patriarcado uma expressão do poder político.

O contrato original é um pacto sexual-social entre o homem e a mulher, um exemplo disso é o casamento, porém, muitos teóricos acreditam que há 300 anos o patriarcalismo foi extinto, contudo, feministas afirmam o contrário, fazendo campanhas ativistas e mobilização nas esferas políticas. Entretanto, nenhuma dessas campanhas foi suficiente para persuadir a todos, a não ser uma minoria de ativistas do sexo masculino, afirmando que o direito patriarcal ainda

---

<sup>17</sup> Entrevista aplicada com a presidente 1 na AMAFPA, Terra Nova do Norte, 03-04-2023.



existe, necessitando de estudos e mobilizações políticas eficientes (Patemam, 1993)

Safiotti (2004) trata do patriarcado, a dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino sob a liberdade feminina. Ainda que o patriarcado tenha se modificado ao longo dos séculos, existem homens matando suas parcerias com crueldade, ateando-lhes fogo, esfaqueando-as, esquartejando-as, entre outras formas possíveis de violência, em razão da dominação masculina. Para isso, os (as) teóricos (as) feministas precisam se libertar das ideais patriarcais.

Sobre isso, Safiotti (2004, p. 56) ainda afirma que:

[...] Efetivamente, quanto mais avançar a teoria feminista, maiores serão as probabilidades de que suas formuladoras se libertem das categorias patriarcais de pensamento. Ou melhor, quanto mais as(os) feministas se distanciarem do esquema patriarcal de pensamento, melhores serão suas teorias. Colocar o nome da dominação masculina – patriarcado – na sombra significa operar segundo a ideologia patriarcal, que torna natural essa dominação-exploração [...].

Enquanto estudos feministas forem se distanciando das categorias patriarcais, poderá ser renomeado de patriarcado o regime atual entre homem-mulher, igualmente abandonarão o alcance do poder paterno e direito patriarcal e o entenderão como direito sexual. Isso significa que o pai deixará de ser o único no poder familiar, pois o pai tem o direito antes do marido. Porém, a figura forte é a do marido, pois é através dele que o contrato sexual e o direito surgem.

O patriarcado é histórico, sempre demonstrou que os homens detêm todo o poder concreto, e à mulher lhe resta a sujeição e a exploração. Beauvoir (1970, p. 179) comenta: “[...] desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro [...]”.

A mulher não possui um papel de protagonista na história, sempre esteve ocultada e dependente de um homem, e atualmente ainda é notória essa falta de protagonismo feminino na sociedade, principalmente as da área rural, além de existir uma visão do masculino dominando todo o poder. Essas mulheres desempenham desde muito jovens as atividades do meio rural, como ajudar nos trabalhos domésticos dentro de casa, capinar a horta e, exclusivamente, são

essas mulheres as responsáveis pela transmissão às futuras gerações, sempre associada à figura feminina as atribuições do trabalho doméstico.

As mulheres da associação enfrentam um longo caminho, seja pelas questões de infraestrutura, educação e preconceito, mas a agricultura familiar é uma grande contribuição para sua emancipação, buscando uma renda já é um indicativo de melhorias. Quando questionada se você é uma parte da agricultura familiar? A presidente 1 responde: “Sim, além de viver no campo, quero fazer acontecer esse lugar, crescer, não tenho vontade de sair daqui, eu amo isso.” (Informação Verbal<sup>18</sup>).

Assim, percebemos a relevância que a agricultura familiar tem para essas mulheres, o impacto de serem parte de um lugar que as acolhe. Nas observações participantes, o acolhimento e a reciprocidade são características marcantes da Associação. Tratam-se como uma família, compartilhando seus medos, anseios e alegrias. Para Tuan (1983), o lugar é marcado pela percepção, experiência, valores, esses com relações íntimas próprias.

Cunha (2019) argumenta que as disputas territoriais, a intensificação do extrativismo de recursos minerais e energéticos, as culturas intensivas com uso de agrotóxicos, entre outras razões, têm resultado em conflitos territoriais sérios e trágicos, nos quais se pratica violência contra as populações que resistem ou se opõem de maneira sistemática. Dessa forma, percebemos o papel que essas mulheres têm diante do aumento da violência e a não representação social do que é realizado por elas, em sua comunidade, não é somente o patriarcado o seu maior desafio, mas a negação do seu espaço.

Dessa forma, chegamos à conclusão de que a Associação AMAFPA é uma experiência relevante para esta pesquisa e para a sociedade na totalidade, pois mulheres que lutam por seu espaço, ainda mais no campo, devem ser valorizadas e estudadas com mais profundidade para compreendermos as dificuldades e perspectivas para o futuro.

A seguir, continuamos o estudo com as mulheres no campo no município de Terra Nova do Norte, apresentando duas histórias do protagonismo feminino em suas comunidades, seja profissional, econômica, familiar ou até mesmo pessoal, dando ênfase à agricultura familiar como sua principal fonte de renda.

---

<sup>18</sup> Entrevista aplicada com a presidente 1 na AMAFPA, Terra Nova do Norte, 03-04-2023.

## 4.2 Duas histórias de sucesso do protagonismo feminino no campo

Para iniciarmos a nossa discussão, devemos partir do seguinte pressuposto: o que é o sucesso? Poderíamos medir o sucesso? O sucesso para as mulheres que convivemos e analisamos em nossa pesquisa está intimamente ligado à agricultura familiar, que transforma a vida das mulheres, que as fazem alcançar seus objetivos e protagonismo.

Em continuidade ao estudo sobre a agricultura familiar no município e as mulheres no ramo rural, vamos estudar duas produtoras de igual relevância para esta pesquisa. Antes de iniciarmos nossa discussão, devemos deixar claro que, consoante à ética e às normas do trabalho acadêmico, denominaremos essas duas mulheres de Produtora 1 e Produtora 2, por questões de preservação de imagem e diferenciação entre as duas. Dessa forma, abordaremos a produção dessas mulheres em suas propriedades, uma vez que elas vivem da agricultura familiar e conquistaram um protagonismo em suas vidas.

Os procedimentos são com base na observação participante, em que a pesquisadora é inserida nas propriedades das entrevistadas (ver Anexo A). Além disso, a entrevista semiestruturada também foi utilizada para compreender os eventos (ver Apêndice B) com perguntas que buscam os objetivos em relação à agricultura familiar, transformando as respostas em transcrições, para serem analisadas no trabalho. Nem todas as transcrições foram usadas na pesquisa, pois algumas apenas confirmam o que já está presente no corpo do trabalho.

Como aponta Guran (2011), também usamos fotografias para ilustrar as produções realizadas por essas produtoras. A fotografia é um processo de comunicação e informação social, além de indispensável na construção do conhecimento, sobretudo nas ciências sociais, pois a imagem é uma extensão da visão, materializando o visível em uma forma de documentação importante na pesquisa. Salientar que a fotografia é uma forma de registrar o que é produzido por essas produtoras, assim como no corpo do trabalho.

A discussão sobre o camponês, segundo Santos (1978), começa com a personificação da forma de produção simples de mercadoria, na qual ele tem os meios de produção, como a terra, objeto de seu trabalho. Ao produzir essa mercadoria, ele a vende e, posteriormente, compra outras mercadorias que satisfaçam as suas necessidades. No entanto, essa é a forma de trabalho que

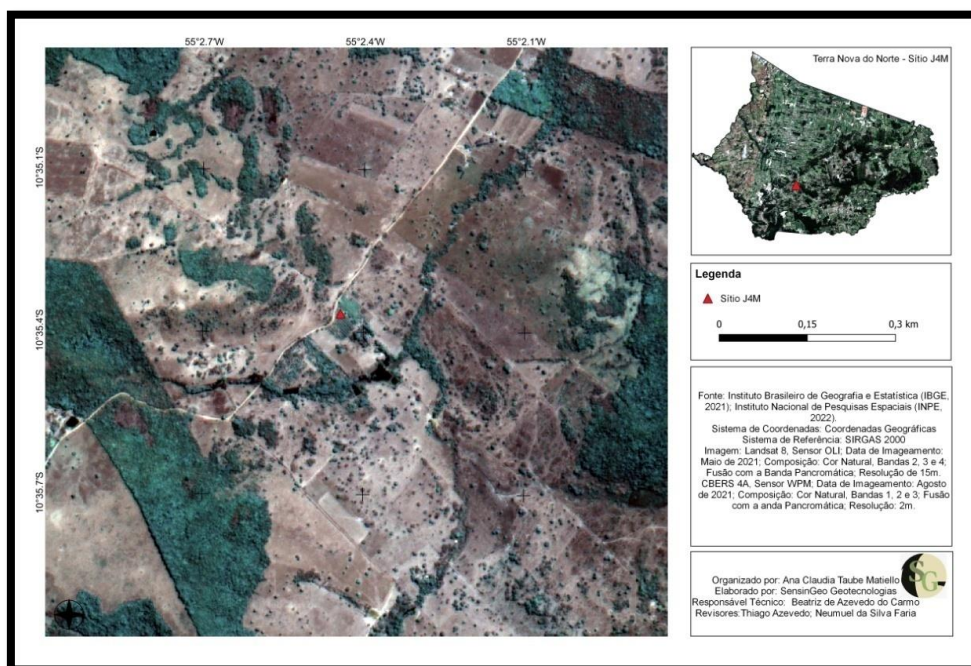
tm base na mercadoria-dinheiro-mercadoria, ou seja, o processo de vender para comprar, e na maioria das vezes a compra de produtos não produzidos por esse camponês para sua subsistência.

Herrera (2012) comenta que são as mulheres camponesas que mantêm o seu núcleo familiar na área rural. São aquelas que realizam as tarefas domésticas, as atividades produtivas, como o plantio e a colheita da produção para o autoconsumo da família e da comunidade, a ordenha das vacas, a produção de queijo, a produção em pequena escala para comercialização de produtos agrícolas, participação e organização de eventos comunitários, os festejos, procissões, novenas, entre outros trabalhos extras.

A agricultura familiar, como Mesquita (2011) aponta, é um conceito que caracteriza as unidades de produção rural, que estão estruturadas no trabalho familiar, ao qual os indivíduos se identificam e se relacionam com a terra, o trabalho e a família. Sendo o vínculo familiar um meio de produção essencial, compreender o papel das mulheres nessa relação familiar e no trabalho torna-se fundamental, uma vez que são essas agricultoras que, através de seu trabalho, mantêm as suas famílias no meio rural ao longo das gerações. No entanto, esse trabalho não é valorizado, já que é visto apenas como uma mera ajuda, sobrepondo o trabalho masculino.

Dado que as mulheres são importantes no meio rural, vamos começar com a história da Produtora 1. Possui uma propriedade de aproximadamente vinte alqueires, toda em produção, como se pode ver na Figura 14. A localização do sítio é de aproximadamente 5 km de distância do núcleo urbano de Terra Nova do Norte, sentido Peixoto de Azevedo pela BR-163, está em uma comunidade conhecida como Cedrinho, bem próximo a um local muito conhecido.

Figura 14: Imagem orbital da localização do sítio J4M da produtora 01



Fonte: Organizado pela autora e elaborado por Sensigeo (2022)

A propriedade tem uma grande variedade de produção: pequi, criação de (pacas), que são vendidas com autorização do IBAMA para comercialização e criadas em cativeiro. Também temos gado de corte, geleias e doces, conservas de pequi, pimenta e especiarias, linguças gourmets de frango e carne de porco com ou sem pequi, salame de porco, matrinxã recheadas e defumadas, que são criadas na propriedade, possuindo uma área destina para a piscicultura, como podemos ver na Figura 15. Além da venda de produtos para a Cooperativa, como frutas típicas para produção de polpas: caju, graviola, açaí, goiaba e a castanha de caju.

Essas são alternativas viáveis e indispensáveis para os agricultores aumentarem seus rendimentos e, conseqüentemente, a permanência no campo, melhorando a qualidade de vida, conseguindo a subsistência familiar dentro da propriedade. Sendo essa uma propriedade com produção diversificada, entendemos que é aquela que mantém mais de uma exploração, conseguindo se manter, sendo essa uma alternativa indispensável aos produtores de pequenas propriedades rurais, uma vez que, devido às questões climáticas, à instabilidade do mercado, elas causam problemas nos rendimentos, com uma produção diversificada o produtor consegue manter sua propriedade ativa e atuando em vários mercados (Marion, 2014).

Figura 15: Área da piscicultura da propriedade da Produtora 1



Fonte: A autora (2022).

Na Figura 16, estão demonstradas algumas das produções do sítio J4M. Essas fotografias foram tiradas durante uma observação participante na propriedade. A Produtora 1 mostra seus produtos e o local aonde grande parte é produzida. Essa produtora não conta com a ajuda de funcionários, apenas de uma que vem uma vez por semana faxinar a casa, sendo a produção toda realizada por ela e o marido.

O sítio possui uma diversidade de produtos, como observamos na Figura 16: A) compotas e conservas de: goiaba; caju; manga; abobora; figo; pequi fatiados; pequi com pimenta e ervas B) linguças gourmets: frango com queijo; carne de porco com pequi C) salame de porco D) Pequi da Amazônia e do Cerrado, este entregue na Associação AMAFPA e também para outros consumidores na região. Demonstrando a variedade de produções que uma propriedade é capaz de possuir, os produtos são cultivados de maneira correta, natural e sem a utilização de agrotóxicos e conservantes.

No entanto, salientamos a criação de pacas silvestres que produtora 1 realiza. As pacas ou *cuniculus paca* é um animal encontrado em duas regiões distintas nos Andes e na América do Sul. De acordo com Correia e Francisco (2016), esses animais têm hábitos noturnos e costumam viver em torno de lagos e rios. A criação de pacas está sendo uma alternativa para a manutenção da



espécie, uma vez que ela está em processo de extinção.

Figura 16: Produção no sítio J4M: A) Compotas e conservas B) Linguiças Goumert C) Salame de porco D) Pequi Gigante ou da Amazônia.



Fonte: Organizado pela autora (2022).

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais – IBAMA (1997), por meio da portaria n.º 117/97, trata sobre a comercialização da paca. No Art. 7º, estabelece que o criadouro de animais da fauna silvestre brasileira com fins comerciais, devidamente registrados pelo IBAMA, poderá comercializar somente animais, produtos e derivados provenientes de reprodução, recria ou manejo em cativeiro.

A paca pode ser considerada uma oportunidade relevante para a agricultura familiar, como apontam Lui e Neto (2008), uma vez que a população da Amazônia já tem o hábito de comer carne de animais silvestres, o que indica um mercado promissor para carnes exóticas. A carne da paca é rica em proteína, além disso, seu couro tem uma grande procura no mercado internacional, o que favorece o seu consumo, evitando a caça predatória na região, diminuindo a perda da fauna e flora.

Ainda a respeito da criação de pacas, Correia e Francisco (2016, p. 82) dizem que:

Na tentativa de reduzir a caça predatória, tem-se buscado a criação de pacas em cativeiro, principalmente na forma de manejo intensivo. Essa atividade representa uma alternativa de conservação, no que tange ao aumento de sua reserva populacional, diminuição da caça e do tráfico, além de contribuir para a conservação das áreas marginais às florestas ou às reservas.

A criação de pacas em cativeiro e sua comercialização, de acordo com as normas do IBAMA, é uma boa oportunidade para a agricultura familiar, como demonstra a Produtora 1, que encontrou nas vendas boa fonte de renda familiar, apesar de ter dificuldades em obter as documentações no início, enquadrando-se nas normas exigidas para a criação de pacas em cativeiro, só vendendo o animal vivo e, no máximo, dez quilos de carne por pessoa. Na Figura 17, trazemos fotografias das pacas, tiradas durante uma observação participante na propriedade.

A criação de pacas se torna um diferencial da produtora 1, despertando a curiosidade dos visitantes e compradores. Essa criação está localizada atrás da sua residência, com instalações adequadas com telas e casinhas adaptadas para os animais. A alimentação das pacas é praticamente oriunda da propriedade, como: caju, manga, cascas de pequi, mandioca, abobora, plantadas no sítio ou sobras das vendas.



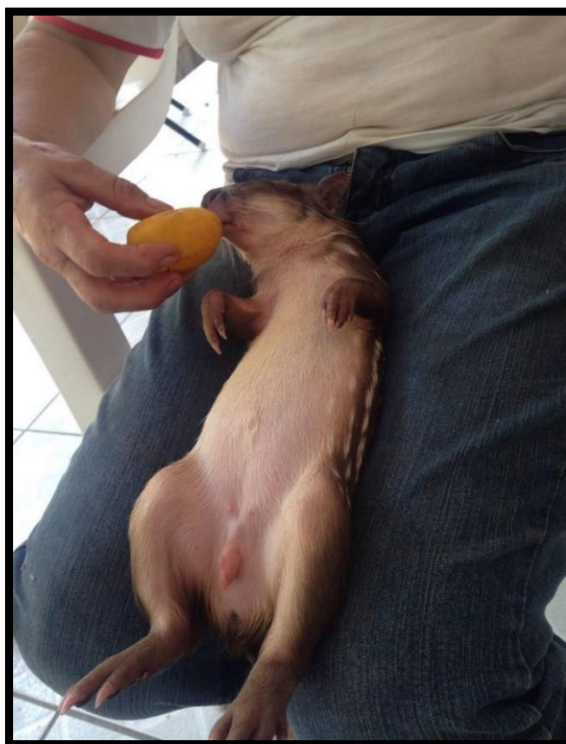
Figura 17 - Pacas silvestres criadas na propriedade da Produtora 1



Fonte: A autora (2022).

A Produtora 1 conta que, há alguns anos, ela recebeu uma paca para lhe servir de alimento. O animal foi adquirido de forma irregular (caça predatória), contudo ela não teve coragem e nem o seu esposo para abater o animal, acabaram adotando a paca como animal de estimação. A paca, segundo a Produtora 1, é muito dócil e mansa, convivendo com a família, igual a um animal doméstico. A Figura 18 mostra a foto da paca silvestre conhecida como Paquito.

Figura 18 - “Paquito” - paca de origem silvestre da Produtora 1



Fonte: Bosco (2014)

Mesmo tendo morrido, a produtora 1 relata o amor pelo animal, dizendo ser muito dócil, que dormiu no quarto do casal, um grande incentivo para a criação e comercialização das pacas no sítio. Isso deu à produtora o título de uma das primeiras no estado do Mato Grosso a comercializar esse animal silvestre de forma regular e com autorização do IBAMA, para comercializar por toda a região mato-grossense.

Observamos que a Produtora 1 é uma agricultora, com uma ampla visão de negócio no ramo rural, diversificando suas produções. Isso se deve a sua capacidade de administrar a sua propriedade de maneira adequada. Podemos dizer que isso foi possível, porque ela tem o Ensino Superior completo em Administração e cursos técnicos, fornecidos pelo Senai e Senar, o que contribuiu para sua visão de negócio no campo. Observamos também que a Produtora 1 procurou ajuda técnica para a correção do solo, adubação, recursos bancários que apoiem o desenvolvimento e o crescimento econômico.

A Produtora 1, por meio do apoio, procura, sobretudo, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), um dos principais programas de incentivo e crescimento dos produtores da agricultura familiar. De

acordo com Brasil (2011), o PRONAF é uma das políticas públicas do governo federal que apoia os agricultores familiares. Sob a coordenação do Programa, temos o Ministério do Desenvolvimento Agrário, por meio da Secretária da Agricultura Familiar. Também é possível contar com a participação de outras organizações governamentais estaduais, municipais, cooperativas de crédito, locais governamentais e não governamentais de assistência técnica rural, além do Serviço Brasileiro de Apoio aos Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE). O objetivo principal desse programa é facilitar as atividades produtivas mediante financiamentos rurais adequados para os produtores familiares.

Trazemos para reflexão uma das perguntas da entrevista semiestruturada (Anexo B): “Qual a importância da agricultura familiar para você e sua família?” A produtora 1 disse:

Tá associado à rentabilidade, pois se a pessoa aprender a vender seu produto, promovendo o produto, vender ele da forma certa e saber valorizar seu trabalho como produtor como coisas diferentes e boa, mexer com isso dá trabalho, mas é bom. As pacas me dá muito retorno, se não fosse a velhice ia ter mais, problema que não damos mais conta, só dá muita renda, além do pequi que também dá muito dinheiro e rentabilidade, se a pessoa souber manusear dá bastante renda para a família (Informação Verbal<sup>19</sup>).

Essa produtora acredita na rentabilidade da agricultura familiar, o que contribui de forma significativa para a renda. No entanto, um fator preocupante chama a atenção não somente dessa produtora, mas de muitos que moram na região rural. Trata-se do envelhecimento da população rural e o êxodo dos jovens. Puntel e Paiva (2011) apontam que a expectativa de vida da população vem aumentando, cada vez mais, a população idosa nas áreas rurais. No entanto, a saída dos jovens do campo é preocupante, uma vez que eles não se percebem na realidade que vivem e procuram outras que satisfaçam suas percepções, causando uma mudança sem precedentes.

Portanto, quando na entrevista foi questionado a Produtora 1 sobre: Qual a importância da educação para o produtor rural e a importância da Coopernova? Ela relata o seguinte:

Acho válido a educação rural, olha a escola agrícola,

---

<sup>19</sup> Entrevista aplicada com a produtora 1 na sua propriedade, Terra Nova do Norte, 04-03-2023.

principalmente ela, está saindo bastante profissionais bons, claro se tiver vontade de estudar e a Coopernova é muito importante para mim, sempre me ajudou e me incentivou, me levou em várias feiras e estudos, com tudo pago, através do SEBRAE e SENAR (Informação Verbal<sup>20</sup>).

A partir da fala da entrevistada, podemos compreender que a educação na área rural é relevante, pois contribui para o crescimento profissional e pessoal das populações do campo, como é observado com a Produtora 1, uma vez que ela possui graduação e especializações no ramo. Na AMAFPA, a situação é inversa, falta esse tipo de apoio educacional, dificultando o crescimento das associadas.

A Produtora 1 atingiu o seu objetivo, uma vez que se orgulha de fazer parte da agricultura familiar e das suas produções diversificadas, o que a torna um sucesso profissional e pessoal, pois, apesar do cansaço diário, consegue ter uma boa rentabilidade e manter a propriedade em funcionamento, formando as duas filhas em boas universidades, construindo uma casa nova, além do orgulho de ser uma das produtoras, mais requisitadas no município.

A seguir, apresentamos a história da Produtora 2, que, assim como outras, encontrou na agricultura familiar o seu protagonismo, sucesso profissional e pessoal, encontrando tudo isso no ramo leiteiro, alcançando seus objetivos, apesar de muitas dificuldades.

A história da produtora 2, na agricultura familiar, começa com uma pequena propriedade de aproximadamente três alqueires. Durante a sua vida, sustentou a família através da venda de leite para a Coopernova, além da venda de verduras nas residências do Município. Ela veio da região Sul do Brasil, do estado de Santa Catarina, das colônias alemãs que habitavam aquela região no período da colonização alemã e italiana. Chegaram às terras mato-grossenses com toda a sua família (marido e três filhos) no ano de 1980, logo no início da construção do Projeto Terranova II.

Durante a sua chegada às terras recém colonizadas, ela logo se depara com a dificuldade enfrentada pelos colonos, devido à falta de infraestrutura, doenças, fome, clima diferente do que estavam acostumados, entre outros fatores. Em sua entrevista, a Produtora 2 fala sobre o impacto da sua chegada no então Projeto Terranova II:

---

<sup>20</sup> Entrevista aplicada com a produtora 1 na sua propriedade, Terra Nova do Norte, 04-03-2023.

Foi muito calor, o sol muito quente, a gente ia ao sol e se queimava e achava que não queimava mais, queimava, tinha muito mato na sede velha, aonde descemos, puro mato. Não tinha mais índio aqui quando cheguei, mais tinha, porque ouvi histórias. Era muita chuva na época que chegamos, chovia, chovia direto, quanta água que caía, meu Deus! Porque chegamos em janeiro. Passei muita dificuldade, vim com três filhos, o pequeno tinha 6 anos, dificuldade era bastante, arrumei serviço na cidade, trabalhava e eles ficaram na casa da minha irmã na roça, eles choravam muito, porque era difícil, muita fome. Fui trabalhar de faxineira no P... numa casa, mais era por mês, um salário mínimo, aí apareceu uma oportunidade na Rodoviária para fazer salgado e as coisas, era dois salários e meio, trabalhei 4 meses só, era muito difícil as coisas ali, muito serviço, muita gente que chegava e queria comer. Quando cheguei o transporte era ruim, cheguei de caminhão aqui, fui direto na minha irmã, não deu de levar a mudança até a casa, tivemos que levar de carroça uns mil metros, trouxe muitos móveis, fogão, cama, guarda-louça, e minha irmã morava no sítio na sede velha, na antiga Terra Nova do Norte, tudo muito difícil (Informação Verbal <sup>21</sup>).

Santos (1993) aponta que, nos primeiros anos de colonização, a fome foi um problema, pelo menos durante a estação das chuvas, o que tornou as estradas intransitáveis, o que impedia as queixas dos colonos junto ao INCRA e ao Ministério do Interior. Apenas as famílias que, naqueles anos, retornaram em massa devido às condições precárias para relatar à mídia e ao governo o que estava acontecendo. O que estava acontecendo? O programa pode ser resumido a privações, exploração dos comerciantes e mortes. Não se podia mais contar quantos morreram nesses primeiros anos de colonização devido à fome e a doenças, principalmente, a malária, que ainda era desconhecida pelos colonos, além das condições climáticas.

Ribeiro (2005) diz que o território é onde vivem pessoas vivas e mortas, definidas pelo tempo e pela cultura. Ao examinar a análise de Santos (1985) em relação a sua compreensão do território, que, para ele, é a dimensão das relações de poder impostas a partir e por meio dos usos, espaço é sinônimo de espaço banal, uma vez que é necessário identificar a diversidade de usos do espaço.

Com este relato, e tendo em vista que a adaptação inicial dessa produtora

---

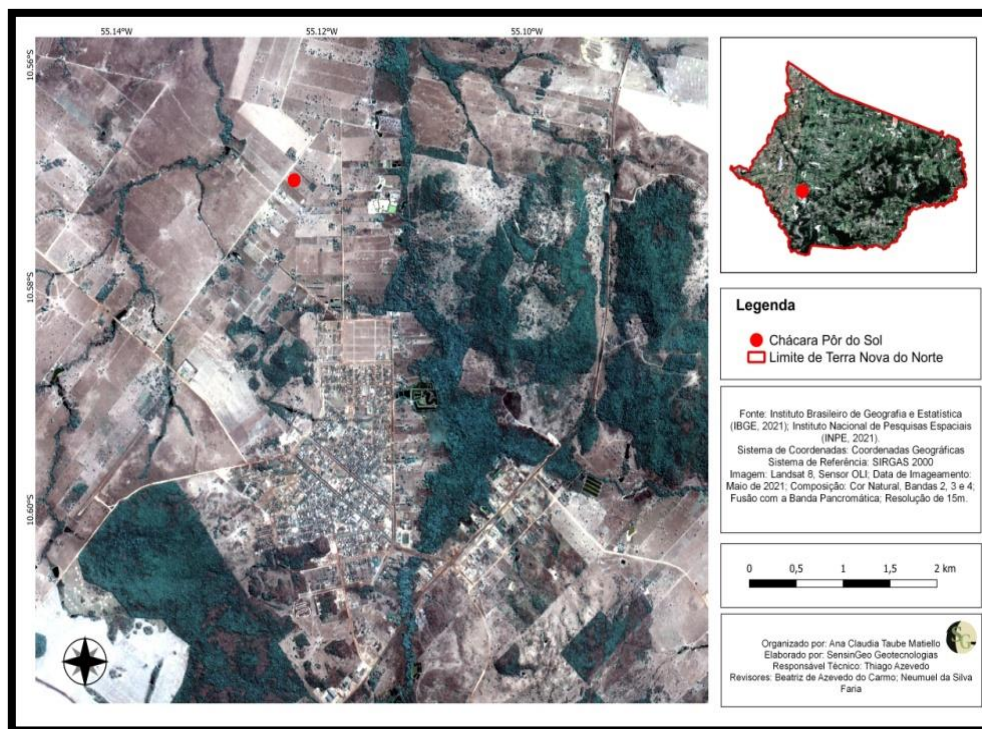
<sup>21</sup> Entrevista aplicada com a produtora 2 na sua propriedade, Terra Nova do Norte, 04-03-2023.

2 e de outros colonos foi difícil, cada colono, ao chegar à terra prometida, teve uma reação diferente. Lovato (2011, p. 03) afirma que "[...] muitos choravam, alguns riam surpresos e outros queriam voltar no mesmo ônibus". A autora relata que algumas mulheres diziam: "Isso aqui é o fim do mundo!".

Dessa forma, muitos colonos, como mencionado, voltaram naquele período devido às dificuldades que existiam no Projeto Terra Nova. A Produtora 2 é um exemplo. Ela chegou ao município no Projeto Terranova II em 1980, onde 434 famílias foram assentadas naquele ano, em um período de chuvas intensas, como ela relata em uma entrevista. No entanto, a Produtora 2 era do estado de Santa Catarina e não estava no programa de assentamento para os colonos do Rio Grande do Sul, esses retirados das terras indígenas. Na esperança de conseguir uma propriedade, o INCRA havia estabelecido que somente os que faziam parte do programa receberiam terras gratuitamente.

Após um período morando em Terra Nova do Norte, enfrentando diversas dificuldades, a Produtora 2 recebeu uma herança, adquirindo, assim, sua propriedade rural no município. A Figura 19 apresenta o mapa de localização da propriedade chamada Chácara Por do Sol, situada a, aproximadamente, 5 km de distância da Cidade na comunidade Oitava Agrovila, após o conjunto habitacional da cidade, também bem próximo outra comunidade do município, Sétima Agrovila, sendo essa uma rota bastante utilizada pela Cooperativa para capacitação do leite entregue, uma vez que se encontra entre duas comunidades.

Figura 19 - Imagem orbital de localização da Chácara Por do Sol da Produtora 2.



Fonte: Organizado pela autora e elaborado por Sensigeo (2022)

A propriedade adquirida pela Produtora 2 fazia parte do programa de assentamento, pertencente a uma das comunidades formadas pela Oitava Agrovila ou Minuano. A propriedade foi adquirida por um produtor que desejava retornar à região Sul, tendo apenas o documento de compra e venda pertencente à Coopercana. Atualmente, o processo de escrituração da propriedade foi finalizado.

O ramo leiteiro surgiu na vida dessa produtora logo após a aquisição da propriedade. Com filhos pequenos, ela necessitava de uma renda e um meio de alimentar a família em necessidade. Como sempre trabalhou nesse ramo, ela comentando, em uma das entrevistas aplicadas, sobre a relevância da agricultura familiar para ela e sua família: “É nosso sustento, eu vendia leite na rua para sustentar a família, vaca-leiteira, pecuária, né que fala, tinha horta, quantia de horta que eu tinha, agora estou preguiçosa, estou aposentada (risos)”. (*informação verbal*).<sup>22</sup>

<sup>22</sup> Entrevista aplicada com a produtora 2 na sua propriedade, Terra Nova do Norte, 04-03-2023.



A Produtora 2 está inserida no ramo de produção leiteira há anos e, mesmo após a aposentadoria, continua no ramo, pois começou na sua infância com seus pais na região Sul do Brasil, como comenta em uma das entrevistas aplicadas, onde foi questionada qual era a fonte de renda familiar antes de chegar ao Mato Grosso:

Não tinha muita renda também não, tirava leite e ganhava porcentagem para o meu finado pai, era pouco, não dava um salário mínimo, aí trabalhava também numa padaria para ganhar um salário mínimo, uns quatro anos. Eu vim para cá através da minha irmã e cunhado, que falavam aqui tem muito ouro!! Muito dinheiro!! Muita coisa boa!! Vim com dois dos meus irmãos que iam para o garimpo trabalhar, meu irmão V... e meu irmão C... mais novo (Informação Verbal<sup>23</sup>).

A entrevista semiestruturada revela que a Produtora 2 tem como uma das principais fontes de renda familiar a produção leiteira, apesar da pequena propriedade. Conforme o IBGE (2006), 58,15% da agricultura familiar está concentrada na produção leiteira no país. Esses produtores são de pequeno porte e com uma grande variedade de produção em suas propriedades, superando, dessa forma, as dificuldades de oscilação de preço dos produtos. Contudo, são os mais vulneráveis a problemas políticos e da situação econômica, faltando o acesso às políticas públicas e tecnologias como máquinas de ordenha.

O IBGE (2016) aponta que Mato Grosso é o décimo maior estado produtor de leite do Brasil, tendo uma queda desde 2014. Além disso, tem a maior variedade de produtores neste ramo, que vão desde o pequeno produtor até o grande, com maior predominância de produtores da agricultura familiar e de menor porte de produção, esses são responsáveis por cerca de 72,18% da produção no Estado.

Segundo o IMEA (2012) a produção de leite envolve milhares de famílias, sobretudo, as de pequenas propriedades rurais, que, geralmente, têm baixo índice econômico e de desenvolvimento, com pouca ou nenhuma tecnologia na produção, como ordenha mecânica, adubagem e calagem. Isso se dá pela falta de incentivo aos pequenos produtores rurais, uma vez que eles não têm acesso

---

<sup>23</sup> Entrevista aplicada com a produtora 2 na sua propriedade, Terra Nova do Norte, 04-03-2023.



aos meios de desenvolvimento, como é fornecido aos grandes produtores para aumentar o nível de produção leiteira.

Na entrevista, a Produtora 2 relata que enfrentou dificuldades no ramo leiteiro, ao falar sobre a experiência de dificuldade como produtora rural:

Não tinha muito acesso para arrumar a propriedade, coloca calcário, adubo, nós não tínhamos esse dinheiro para investir na terra, hoje temos, hoje temos investimento, olha passei adubo no pasto, tá bonito agora! Não tinha calcário na época, acho que não existia né, nunca tivemos um veículo, era tudo na bicicleta, só andava com uma bicicleta, coloca lá na dificuldade isso, andávamos a pé também. A renda é pouca, da agricultura familiar, ai tudo é mais difícil, não dá muita renda, só tenho um alqueire de terra, como não gosto de banco aí é mais difícil e quando eu ia atrás de alguma coisa era sempre negado, ninguém explicava para nós como funciona, só passava raiva. (Informação Verbal<sup>24</sup>).

O relato da Produtora 2 demonstra os problemas enfrentados pelos agricultores de pequenas propriedades rurais na área de produção leiteira. A maioria das propriedades rurais é composta por membros das famílias que têm poucos animais e extensões de terras, mas encontram no leite sua principal fonte de renda. E nesses espaços, as atividades são robustas por ser um compromisso diário, sem mecanização ou incentivo das políticas públicas, exigindo compromisso de toda a família no trabalho para garantir a renda no final do mês (Carlotto; Filippi; Marcello, 2011).

A propriedade da Produtora 2 é pequena, com três hectares de terra, neste caso cem de largura por trezentos de comprimento (100x300). Atualmente, a propriedade tem dez cabeças de gado. Entre esses animais, duas vacas-leiteiras e o restante são machos. A produtora, nos anos 2000 a 2016, tinha sete vacas-leiteiras em produção, entregando uma média de 30 litros por dia para a Coopernova, e de 15 a 16 litros por dia entregues na rua. Essas entregas na cidade eram uma renda extrafamiliar, além da venda dos produtos da horta e dos queijos produzidos.

Na Figura 20 e 21 temos a imagem do gado atual dessa produtora e também o curral onde é tirado o leite.

---

<sup>24</sup> Entrevista aplicada com a produtora 2 na sua propriedade, Terra Nova do Norte, 04-03-2023.

Figura 20 - Animais da Produtora 2



Fonte: A autora (2022)

Figura 21 - Curral da Produtora 2



Fonte: A autora (2022)

Além de o produtor ou de um membro da família assumirem a administração da propriedade rural, os homens, geralmente, confundem a figura do administrador com a de proprietário nos ambientes de economia familiar.

Demonstrando também que em propriedades de economia familiar, geralmente, não possuem um controle de gastos, gerando dificuldades de administração dos lucros e giro de capital.

Salientamos que os microempreendedores e empreendedores no ramo leiteiro, esposas, filhos e funcionários, apresentam um nível de escolaridade muito baixo, sobretudo em pequenas propriedades rurais, depositando as esperanças nos filhos para qualificação profissional. No entanto, a educação rural é precária em vários setores, impossibilitando que esses jovens retornem as suas residências na área rural, abandonando o ramo pelas dificuldades encontradas anteriormente. Zoccal; Pereira; Oliveira (2015).

A Produtora 2 tem apenas o Ensino Fundamental incompleto. Ela disse que parou de estudar para ajudar em casa com os afazeres domésticos e na lavoura, além de não ter mais séries disponíveis para estudar no local onde morava. Quando questionada sobre qual a relevância da educação para o produtor rural, ela responde:

Eu estudei até a sétima série, sempre trabalhei com a terra, como eu não estudei, não acho muito difícil ser produtora rural sem estudar, agora meus filhos eu incentivo a estudar, é bom, eu tive acesso à educação meu pai deixava, mas como na escola só tinha até o ginásio aí estudei até a sétima série, aí tinha que ir longe estudar o resto, aí como tinha muito serviço em casa, muito serviço eu parei para ajudar, porque minha mãe não fazia nada em casa, só ia à roça, minha mãe fazia nada, nada, nada, das minhas irmãs eu fui a que mais estudei, minha irmã sabe nem escrever, só sabia namorar e as outras nem na escola foi das mais velhas. Mais o produtor tem que estudar para ficar esperto né (Informação Verbal<sup>25</sup>).

Como podemos ver, a Produtora 2 não estudou porque teve que sair da escola para ajudar em casa e os pais; não havia escola para continuar os estudos e as irmãs mais velhas não foram nem à escola. Isso demonstra que a educação é de suma importância para os produtores rurais. Comparando o nível de produção da Produtora 1 com a Produtora 2, é possível verificar a diferença na rentabilidade de cada uma. Nesse sentido, a educação contribui, significativamente, para a gestão da agricultura familiar, uma vez que, a partir de

---

<sup>25</sup> Entrevista aplica com a produtora 2 na sua propriedade, Terra Nova do Norte, 04-03~2023.

conhecimento, a Produtora 1 utilizou de financiamentos para melhorar sua propriedade e sua renda.

No entanto, devemos enfatizar a relação entre a Produtora 2 e a Cooperativa, discutida durante o estudo com ela, que é extremamente importante para a manutenção da agricultura familiar e de pequenos produtores do município e região. A empresa fornece aos produtores rurais oportunidades de emprego e crescimento no ramo leiteiro e em outras áreas, como na fruticultura, além de fornecer produtos agropecuários para compra.

O cooperativismo pode proporcionar diversos benefícios para os produtores rurais, como a facilidade de organizar o sistema de produção e também o melhor plano de negócio no leite. Os produtores têm acesso a conhecimento e tecnologias, além de facilidade para obter capital para investimentos. Dessa forma, eles estão sendo incentivados às mudanças e modernização. Com esses benefícios, tornou-se possível agregar valor ao leite a partir da comercialização em conjunto com os mercados locais, de outras regiões e outros estados (David, 2009).

David (2009) aponta que as cooperativas de leite da agricultura familiar têm uma estrutura organizacional leve, fácil de administrar e resistente, aceitando mudanças em momentos críticos, o que é um fator positivo de competitividade quando comparadas a outras organizações com grandes estruturas. O sistema de produção tem sido cada vez mais utilizado, porém é preciso ter em mente que ele não funciona sozinho, é preciso que os cooperados sejam fortes e não desistam diante de obstáculos.

Durante a entrevista, questionamos: Qual a relevância da Coopernova para o município? A produtora respondeu o seguinte:

Não sou sócia, mas vendo leite desde 2002, meu falecido esposo nunca deixou eu me associar, ele era muito malvado comigo, porque bebia sabe. A Cooperativa incentiva a agricultura familiar, através do leite e frutas, que faz as polpas, compra os produtos, paga certinho, dá nota fiscal para o produtor se aposentar, paga o imposto, tu deves saber, trabalhou lá né (risos) (Informação Verbal<sup>26</sup>).

A cooperativa desempenha um papel crucial para os produtores rurais,

---

<sup>26</sup> Entrevista aplica com a produtora 2 na sua propriedade, Terra Nova do Norte, 04-03-2023.

incentivando a produção leiteira e outros ramos relevantes, através deste relato e de outros que serão mencionados ao longo desta pesquisa. No entanto, é possível notar que a Produtora 2 não se associou à Cooperativa devido ao companheiro que não a deixou. Além disso, outra vez é possível notar a imposição masculina no meio rural, como comentado durante a escrita.

Dessa forma, chegamos à conclusão de que a Produtora 2 atingiu os seus objetivos e sucesso. Atualmente, ela está aposentada como produtora rural, graças à venda de leite para a cooperativa, onde conseguiu as notas fiscais para o aposento. Trabalhou cerca de quinze anos nesse ramo, além da venda de produtos na rua para o sustento familiar. Conseguiu formar três filhos, esses alunos da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e bolsistas pela Fundação e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES).

Podemos concluir que a cooperativa é relevante para a economia do município, pois capta o leite vendido pelos produtores, dando condições de trabalho e força para uma associação. A seguir, apresentamos essa cooperativa e sua história no município, sendo essa primordial para esse estudo, uma vez que incentiva a agricultura familiar.

### **4.3 Coopernova**

A agricultura familiar do município de Terra Nova do Norte tem sua dinâmica pautada na Cooperativa Agropecuária Mista Terranova Ltda., conhecida como Coopernova, fundada após o desmembramento da Cooperativa Agropecuária Mista Canarana Ltda., conhecida como Coopercana, que é responsável pela colonização de Terranova I e II, contudo por questões de má gestão e controle governamental acabou perdendo sua posição e poder entre os colonos e sendo retirada do município.

Ao abordarmos em relação a questões governamentais, Santos (1993), Schwantes (2008) e Oliveira (2016) mencionam casos em que o governo, durante o regime ditatorial, dificultava repasses públicos para a colonização e a gestão dos projetos em andamento no Mato Grosso. Sobre esse assunto, Schwantes (2008, p. 162) diz:

A visita do presidente a Terranova – mostraram esses grupos naquela noite aos coronéis - contrariava frontalmente os interesses desses empresários. Juraram que nós éramos uns aventureiros e que o projeto Terranova era um enorme prejuízo para a região. Se dizíamos que o nosso interesse era meramente de ordem social – argumentavam – estávamos enganando o governo. Foi entregue, então, um dossiê secreto sobre a nossa atividade em Barra do Garças. Tudo isso viemos saber muito mais tarde, através de uma testemunha que participara, naquela noite, de encontro de Alta Floresta.

De acordo com Schwamtes (2008), o governo, durante a ditadura, tentava manipular o que acontecia nas colonizações, sobretudo através da mídia. A visita do presidente da república nunca ocorreu no Projeto Terranova, tudo por interesse de grandes grupos econômicos que investiam na região como a Indeco, de Ariosto Riva que tinham interesse nas terras em expansão.

Oliveira (2016) aponta que na região centro/norte do estado, na área de atuação da Cuiabá-Santarém, a lógica predominante foi a da articulação entre as empresas de colonização privada e os colonos. A expansão da cultura da soja, nos últimos anos, trouxe um novo componente para a região sul desta região, mas não alterou a lógica anterior, que a atribui ao componente da mercadoria mundial da soja. Além disso, neste período, o governo militar tentava de todas as formas controlar a colonização e estabelecer as suas vontades em relação à expansão, o que causou problemas entre as gestões e o governo, refletindo nos colonos.

A Coopercana sentiu toda essa repressão que reverberou nos colonos. Porém, para Santos (1993), a sucessão de eventos fez com que os colonos percebessem que as promessas anunciadas com grande entusiasmo pela Cooperativa não foram cumpridas em Terranova, o que gerou conflitos entre a Cooperativa e os colonos, o que agravava ainda mais essa relação, uma vez que, em 1982, não havia mais do que 40 associados, em comparação com Canarana, que tinha 600 associados. Além disso, houve problemas com os créditos agrícolas, grilagem de terras, favorecimento a apoiadores em outros projetos, como Lucas do Rio Verde. Tudo isso gerou conflitos e o êxodo da maioria dos colonos do programa, causando não só problemas econômicos como sociais.

É relevante mencionar aqui que a autora desse estudo trabalhou na Coopernova por três anos no setor administrativo (pagamento do leite e frutas) e alguns meses como secretária do Presidente e Vice-presidente. Nesse sentido, adquiriu um grande conhecimento sobre o funcionamento desta instituição e também dos produtores rurais que entregam leite e frutas para a cooperativa. Essa experiência foi utilizada para a elaboração dos dados que serão apresentados a seguir.

Como aponta Minayo (2009), as observações participantes, tais como a rotina de trabalho, os cuidados com o corpo, a maneira de se alimentar ou de preparar um alimento, as conversas e a vida social, só podem ser consideradas por pesquisadores que estejam inseridos naquela realidade, tendo a capacidade de extrair as informações necessárias para atingir os objetivos da pesquisa. Dessa forma, o estudo se torna efetivo.

Outra fonte de pesquisa utilizada para a realização deste trabalho foi uma conversa com o Vice-presidente da Coopernova, onde foram disponibilizados alguns dos materiais utilizados, como fotografias e dados relevantes, que estão presentes no corpo desta pesquisa. Sem esse tipo de contato, seria difícil obter dados, uma vez que a maioria das informações disponíveis na internet não está atualizada, especialmente na página da empresa.

O Plano Municipal de Desenvolvimento Rural - PMDR (1996), que se refere ao município de Terra Nova do Norte, foi elaborado conforme as diretrizes do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, o PRONAF, e com a contribuição de membros da Prefeitura Municipal da época, Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (EMPAER), Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso (INDEA), Coopernova e produtores de diferentes comunidades cerca 2.400 famílias também participaram desse plano. O documento apresenta uma análise da comercialização de quase todas as culturas agrícolas, com a Coopernova, o que requer ajustes e melhorias nas suas lojas de comercialização e armazenamento de produtos naquele período, início de tudo.

Dada a trajetória histórica de Terra Nova do Norte, sua economia sempre foi baseada na agropecuária e passou por três fases distintas: a primeira, data do início da colonização, a partir de 1979, quando a agricultura de subsistência foi significativa, com as lavouras formadas após a derrubada da mata e os

cultivos realizados de forma manual. A Coopercana fornecia produtos para a alimentação e mercadorias para a família do colono, controlando, em uma caderneta de papel timbrado, a entrega dos produtos de abastecimento (Lovato, 2010).

Como aponta Santos (1993), a primeira fase de colonização da cooperativa auxiliava no manejo correto e na fabricação de insumos, bem como na orientação para o crédito rural. A EMATER foi a primeira companhia pública de extensão rural a ser criada no Projeto Terranova, mas os colonos reclamavam que não foi uma grande ajuda, pois ocorriam desvios dos repasses públicos.

A Figura 22 mostra a foto da Coopercana, cooperativa colonizadora do município, localizada na cidade de Colíder, um antigo distrito municipal.

Figura 22 - Sede da Coopercana no Projeto Terranova (1979)



Fonte: Lovato (2010)

As consequências que levaram à queda da Coopercana como principal administradora, segundo Lovato (2013), estão ligadas a vários fatores, entre eles escândalos envolvendo a Cooperativa e Norberto Schwantes, esse principal líder responsável pela colonização, através de várias denúncias feitas para o então governo de General Emílio G. Médici, desmarcando sua visita ao município, sendo realizados cortes de recursos financeiros para o Projeto Terranova e mudanças ocorreram a partir disso, principalmente entre os colonos.

Em novembro de 1978, o Governo Federal foi contrário à transferência de terras para a então cooperativa, e oficialmente no ano de 1979, foi decretado



pela lei número 041/1978, que as terras do Projeto Terranova passariam ao INCRA e à União, posteriormente, iriam ser titulares aos colonos. A Cooperativa começou a perder força depois disso, principalmente pelo não repasse de recursos financeiros pelo Governo. Em 1980, foi o ano mais crítico, devido à falta de repasse financeiro, a Cooperativa racionou mantimentos e auxílios, e assim iniciaram-se conflitos entre os colonos e a Coopercana, criando protestos dentro da sede da Cooperativa, pois ela queria descontar antes do prazo as dívidas dos colonos (Lovato, 2013).

Ainda para Lovato (2013), os colonos endividados por intermédio da Cooperativa com o Banco do Brasil, além de uma crise da doença conhecida por Malária (até então desconhecida por esses colonos vindos do Sul) e com o fechamento do hospital e abertura de particulares pelos próprios médicos, causou um grande colapso, mais de 80% dos colonos desistiram do Projeto Terranova I e retornaram para o Sul do Brasil, cerca de 10% dos pioneiros permaneceram, porém, a maioria foi morar na cidade em busca de emprego e melhorias. Uma segunda leva de migrantes chegou denominados de compradores colonos (Projeto Terranova II), que vinham da região Sul, mediante o rumor de notícias de que o governo federal estava vendendo lotes a preços irrisórios, assim o Projeto Terranova cresceu novamente.

Do mesmo modo, a Coopercana virou uma sede na cidade e o núcleo urbano de Terra Nova do Norte começou a crescer ao seu redor, como posto de gasolina, supermercado e hospitais, porém enfraquecida tanto por movimentos dos colonos e do governo federal, acabou sendo incorporada pela Coopernova. A partir de 1990, com a criação da Associação dos Produtores Rurais de Terra Nova (APRONOVA) e com o desenvolvimento do Plano de Desenvolvimento Comunitário Integrado (PDCI), que começou a ser criado projetos de melhorias na produção agrícola, amenizando os impactos do garimpo na região e por constituinte o surgimento da Coopernova (Silva, 2021).

Nesse início houve três grandes mudanças, a primeira fase foi a produção agrícola, voltada para o plantio de lavouras como feijão, milho, arroz e café, a partir da derrubada da mata. Na segunda fase a atividade agrícola perdeu força com a descoberta dos garimpos de ouro na região, trazendo problemas como mais malária. Na terceira fase, a atividade agrícola se tornou uma subsistência da família, dando espaço para a atividade da pecuária como a principal no

município, e devido ao tipo de solo, topografia e renda familiar de pequenas propriedades a melhor escolha foi a pecuária leiteira.

Segundo o site oficial da Coopernova (2021), a cooperativa foi fundada em 31 de outubro de 1987, pelo desmembramento da Coopercana e por 201 associados. Sua sede administrativa localiza-se no município de Terra Nova do Norte, no estado do Mato Grosso. A Figura 23 mostra a sede administrativa logo na entrada da cidade, que desenvolve atividades agropecuárias nos municípios de Terra Nova do Norte, Nova Guarita, Carlinda, Colíder, Nova Santa Helena, Peixoto de Azevedo, Matupá e Garantã do Norte, com cerca de 98% de produtores da agricultura familiar, cujas propriedades fazem parte de assentamentos da região do INCRA, totalizando, em 2020, 2.293 associados.

Figura 23 - Sede Administrativa da coopernova em Terra Nova do Norte-MT



Fonte: A autora (2023).

Além de sua sede administrativa, ainda possui um parque agroindustrial com uma indústria de laticínios, fábrica de ração e suplementos minerais, contando também com uma indústria de polpas com processamento. A Coopernova possui seis unidades de atendimento ao público com lojas, sendo uma no município e outra na comunidade Nona Agrovila, e as outras nos municípios de Nova Guarita, Colíder, Garantã do Norte e em Novo Progresso, no estado do Pará, com lojas de vendas de produtos agropecuários, posto de recebimento de leite e de recepção de grãos.

A Figura 24 mostra a entrada da parte industrial da Coopernova.

Figura 24 - Entrada da área agroindustrial da coopernova



Fonte: A autora (2022)

Outro setor relevante da cooperativa é a loja de produtos coloniais, que está situada na sede administrativa próxima à cidade, conforme mostra a Figura 25, onde são vendidos produtos produzidos na Cooperativa, como queijo mussarela e variados tipos de queijos, requeijão, manteiga, doce de leite, iogurte, leite desnatado e em pó, bem como outros produtos, produzidos por produtores locais da região, como a Associação AMAFPA, que entrega cucas e roscas. A Produtora 1 entrega pequis, embutidos, conservas, matrinxã recheada e a Produtora 2 entrega leite e frutas, e a Escola Estadual Terra Nova, que está, atualmente, com um projeto de entrega de leite, além de ser uma consumidora dos produtos agrícolas que abastece a escola e sua produtividade, além de receber apoio da cooperativa em vários outros setores.

A loja apresenta uma grande variedade de produtos, conforme será demonstrado a seguir. A Coopernova atua em diversos setores da agroindústria no município, fornecendo, também, produtos agrícolas, medicamentos, e insumos para o trabalho diário dos produtores. Além disso, o Departamento

Técnico é um setor relevante, com técnicos e veterinários que auxiliam nos projetos e análises de produções dos associados e da população em geral.

Figura 25 - Loja de vendas de produtos da Coopernova



Fonte: A autora (2022)

A Coopernova apresenta os produtos comercializados e produzidos, conforme demonstrado na Figura 26 por meio de um catálogo fornecido pela cooperativa. O sistema de capacitação de leite é composto por um sistema bem estruturado, no qual os produtores de diferentes regiões retiram o leite da sua propriedade e o distribuem em resfriadores privados ou comunitários. Os caminhões com tanque refrigerado transportam o leite *in natura*, o que resulta na produção industrial desse produto, composto por nata, requeijão, doce de leite, leite *in natura* desnatado, iogurte e polpas de frutas, transportadas pelos caminhões ou entregues pelos próprios produtores à cooperativa, onde são processadas e transformadas em polpas, distribuídas em escolas do município e, também, adquiridas pelo Estado do Mato Grosso.





Figura 27: Queijos produzidos pela cooperativa



Fonte: A autora (2023).

Os queijos produzidos pela Coopernova, especialmente a muçarela, são bastante consumidos e comercializados nas regiões do Mato Grosso, São Paulo, Rio Janeiro e Espírito Santo por representantes nesses estados, o que proporciona à Cooperativa uma grande variedade de vendas pelo Brasil e retorno financeiro. Além disso, os produtos da Cooperativa tornam-se conhecidos por todos, sendo de qualidade superior, dando visibilidade ao município e gerando empregos para a população local, contribuindo para o crescimento econômico.

Apresentamos alguns dos dados fornecidos pela Coopernova na última assembleia-geral do ano de 2022, que mostra o balanço anual da Cooperativa em relação ao ano anterior de 2021 para os associados, apresentando o número de associados, o número de funcionários, a recepção de leite em litros, o preço médio do leite, a venda de lácteos e o faturamento total, a fim de demonstrar como a Cooperativa nesse estudo contribui para a geração econômica do município. Esses dados foram fornecidos pelo Vice-presidente e tirado fotos pela autora na última assembleia ordinária do ano de 2022.

Figura 28 - Número de associados de 1988 a 2022



Fonte: Coopernova (2023)

De 1988 a 2022, conforme demonstrado na Figura 26 acima, o número de associados aumentou significativamente. Em 1988, ano de fundação da Cooperativa, 201 associados que já faziam parte da antiga cooperativa fundaram a cooperativa. Dessa forma, a Cooperativa começou a ganhar força no município, aumentando o número de associados. Em 2022, na última assembleia, havia um total de 2.157 associados ativos na Cooperativa.

A Figura 29 apresenta o número de funcionários da cooperativa entre 2021 e 2022, incluindo a sede administrativa, a indústria e as filiais.

Figura 29: Número total de funcionários da coopernova de 2021 a 2022



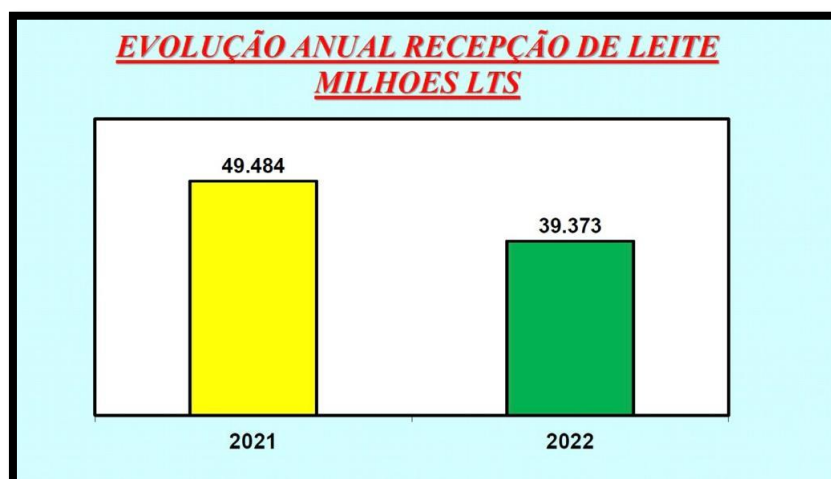
Fonte: A Coopernova (2023)

É possível notar que o número de associados e de funcionários diminuiu entre 2021 e 2022, devido à queda na produção leiteira e à maior mecanização da indústria da Cooperativa. No período de 2020 a 2022, verificou-se uma

redução significativa na produção e captação de leite *in natura*, devido à queda no consumo do produto e ao aumento da monocultura nas cidades.

A Figura 30 mostra a evolução da recepção de leite em milhões de litros anuais de 2021 a 2022.

Figura 30 - Recepção de leite em milhões de litros entre 2021 a 2022



Fonte: A Coopernova (2023)

Conforme os dados do Instituto de Economia Agrícola (2022), o ano de 2021 foi desfavorável para a pecuária leiteira no país, devido a diversos fatores que podem ter contribuído para isso, mas um dos principais fatores é a queda no consumo de leite fluido. No ano anterior, 2020, iniciou-se a pandemia causada pela Covid-19. A expectativa era de que produtos como queijos e iogurtes, bem como o leite fluido, tivessem seu consumo diminuído. Inicialmente, houve uma redução, mas, aos poucos, com a mudança de hábitos e o auxílio de 600 reais concedido pelo governo federal, a situação se estabiliza.

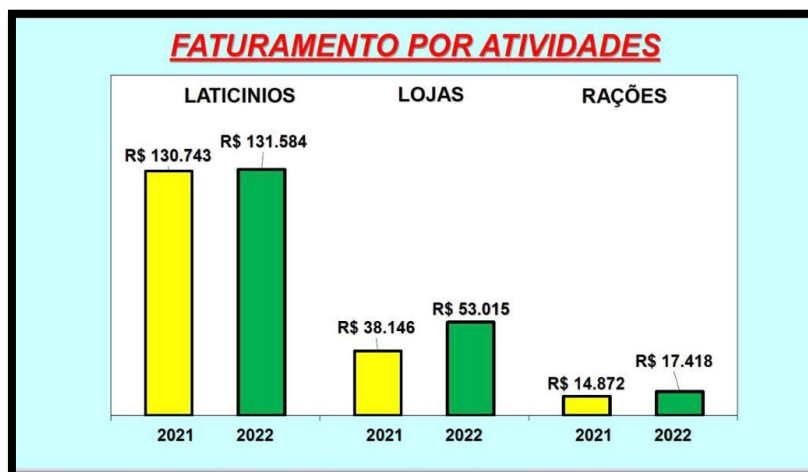
No entanto, em 2021, a diminuição do Auxílio Emergencial teve um impacto significativo no consumo da população mais carente, desempregada e em trabalhos informais. Com a redução nos custos, sobretudo dos produtos lácteos, como queijos e iogurtes, além do leite fluido, há uma redução de 20% na renda. Outra questão foi o aumento nos custos de produção, em particular com relação à alimentação dos animais, que é crucial durante a entressafra em 2021 devido aos pastos afetados pelo clima, resultando em um aumento na suplementação alimentar do gado leiteiro. Isso levou ao abandono da atividade leiteira, com a venda de parte do rebanho e até a migração para outras



atividades, o que diminuiu ainda mais a produção (Instituto de Economia Agrícola, 2022).

A Figura 31 apresenta o faturamento das atividades da cooperativa, tais como laticínios, lojas e rações.

Figura 31: Faturamento por atividades na Coopernova 2021 a 2022



Fonte: A Coopernova (2023)

Por meio desses dados, obtidos da Coopernova, conseguimos compreender que a cooperativa tem um faturamento alto no município, ajudando na economia e no seu desenvolvimento. Entre 2021 e 2022, percebemos um aumento nas vendas, principalmente das lojas agropecuárias, sendo importante para todos.

A seguir na Figura 32 é demonstrado o valor do litro de leite entre 2021 e 2022 e a evolução no preço mensal de janeiro a dezembro. Observamos um aumento expressivo no preço do litro de leite entre os anos, principalmente a partir de março até dezembro, onde o preço saiu de 1,67 por litro para 2,04 até chegar no valor de 2,27 em dezembro. Seu maior valor foi em agosto de 2022 chegando a 2,73 por litro de leite.

Figura 32: Valor do litro de leite entre 2021 a 2022



Fonte: Coopernova (2023)

A partir dos dados obtidos na Figura 32, chegamos à conclusão que a Cooperativa exerce um papel fundamental na economia do município de Terra Nova do Norte, gerando renda, empregos e principalmente o cooperativismo entre os produtores da região, não somente local, mas dos municípios vizinhos e até mesmo de outro estado, como e o caso do Pará, fortalecendo o vínculo e a manutenção da agricultura familiar, que atualmente se encontra enfraquecida, devido à grande presença do agronegócio em Mato Grosso, que vem destruindo os saberes dos povos do campo.

Em continuação à importância da Cooperativa, vamos abordar sobre uma escola, muito conhecida. Ela encontra-se na zona rural do município e forma estudantes em técnicos em agroecologia, para atuar por toda a região de Mato Grosso, sendo uma incentivadora dos saberes e fazeres do campo. A Coopernova contribui como parceira dessa escola, como apresentado no Projeto Político Pedagógico (PPP) (2019), em que a escola e a cooperativa (Coopernova) empenham seus esforços no sentido de promoção do desenvolvimento sustentável e solidário no campo, integrado as conquistas sociais e principalmente comunitárias, formando assim uma parceria mútua entre as duas na manutenção da agricultura familiar do município e região.

#### 4.4 Escola Estadual Terra Nova

Nesta etapa da pesquisa, vamos nos concentrar na Escola Estadual Terra Nova, uma instituição do campo e no campo, o que torna relevante neste estudo, uma vez que ela incentiva a agricultura familiar no município e região, oferecendo o Ensino Médio integrado ao curso Técnico em Agroecologia.

De acordo com o Programa Nacional de Educação do Campo (PRONACAMPO), publicado em 2012, a educação do campo, tratada como Educação do Campo, na legislação, ocupa os espaços das florestas, da pecuária, das minas e da agricultura, ultrapassando, ao acolher os ribeirinhos, extrativistas e caiçaras, um leque de possibilidades, pois vai além do perímetro não-urbano, pela ligação existencial social.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) (2019) da Escola Estadual Terra Nova, mais popularmente conhecida como Escola Agrícola, trata da sua relevância para o município, sobretudo no que se refere ao curso técnico em Agroecologia, uma vez que os agricultores necessitam ofertar aos seus filhos uma educação que contribua para o desenvolvimento da sua realidade. A escola, juntamente com a Coopernova, dedica-se à promoção do desenvolvimento sustentável e solidário do campo, dando protagonismo ao camponês que, através de seus esforços e diversificação das atividades, sustenta a sua família e a comunidade.

A educação no campo é fundamentada nas lutas dos movimentos sociais e organizações do povo, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), visando um ensino-aprendizagem que seja adequado a sua realidade, atendendo os sujeitos que vivem no campo. De acordo com Freire (1987, p. 32), “[...] ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou construção”. Freire (2000, p. 52) continua dizendo:

Não são poucos os camponeses que conhecemos em nossa experiência educativa que, após alguns momentos de discussão viva em torno de um tema que lhes é problemático, param de repente e dizem ao educador: “Desculpe, nós devíamos estar calados e o senhor falando. O senhor é o que sabe; nós, as que não sabemos” (Freire, 2000, p. 52).

A fala do camponês demonstra, em toda a sua humildade, que ele acredita que a educação não lhe serve, que o educador é superior, e por trabalhar no campo e com a terra, não tem necessidade do conhecimento acadêmico. A Escola Agrícola tem quebrado esse paradigma, assim como outras instituições que ensinam o modelo de ensino no campo e do campo, mostrando aos jovens camponeses que o conhecimento é indispensável para o crescimento e desenvolvimento da agricultura familiar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394/1996 (LDB), trata da Educação Rural da seguinte maneira, em seu artigo 28:

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III – adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Dessa forma, a educação rural deve se adequar à realidade dos jovens que vivem no campo. Não podemos nos limitar a um modelo de ensino que não valoriza a vivência e a experiência. É preciso instituir uma educação que atenda com metodologias, calendários, organização adequada à realidade do campo. A escola agrícola trabalha com esse tipo de educação, que será confirmada consoante a escrita deste trabalho.

Além da observação participante, também usamos a entrevista semiestruturada, como já mencionamos, para obter informações sobre o funcionamento e relevância dessa escola para a manutenção da agricultura familiar no município em questão. Um dos professores da escola, que será chamado de Professor 1, foi entrevistado para fornecer os dados que serão apresentados a seguir (ver Apêndice C) com as questões aplicadas. A relevância desta entrevista, está no fato desse professor ter sido ex-aluno da escola, quando ainda participava do projeto denominado Viver do Campo na Escola Municipal São Pedro (atual associação AMAFPA). Ele iniciou a sua carreira como funcionário técnico e, posteriormente, graduou-se e voltou à escola como professor na área de Zootecnia. A sua experiência é extremamente importante para o nosso trabalho.

Uma estudante da escola, que será chamada de Estudante 1, está no quarto ano, o último, uma vez que a escola necessita, além dos três anos do Ensino Médio, um quarto ano para apresentar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obter o diploma no Curso Técnico em Agroecologia. Analisamos a opinião dessa estudante em relação à escola, uma vez que ela está deixando a escola e pertence à zona rural de Santa Helena, município vizinho a Terra Nova do Norte (Apêndice D).

Para iniciarmos nossa discussão a respeito da escola, seu funcionamento, relevância e surgimento, trazemos a resposta do Professor 1 em relação à importância da Escola para sua carreira. Vejamos um trecho:

Esta escola tem como importância para mim me ajudar no desenvolvimento da área de Licenciatura, que não é minha área de formação, pois sou bacharel, mas como bacharel poderia estar dando aula em cursos superiores e cursos técnicos enfim, então assim me ajuda a me desenvolver nesse ramo, então meio é como se eu tivesse construindo uma segunda opção de trabalho, além de ser técnico e dar assistência, consigo dar aulas, no meu caso aqui na escola eu dou aulas na área de agrárias, de produção animal, faz com que eu me desenvolva na questão de dar aulas, em preparar aulas, na oratória, na logística, na interação aluno e professor e estudar sempre, porque sempre tem que estar estudando e estar sempre se atualizando, e essa escola me dá essa oportunidade, em outras escolas normais não teria essa oportunidade, somente escolas técnicas permitem um profissional da área de agrárias (Informação Verbal<sup>27</sup>).

A partir da entrevista, podemos dizer que a instituição de ensino tem um papel crucial no progresso não apenas dos estudantes, como será demonstrado a seguir, mas também dos professores, que, apesar de não terem formação acadêmica, em Licenciatura, podem adquirir conhecimentos sobre o ensino agrícola, oferecendo oportunidades de trabalho para diversos profissionais da área agrícola, incentivando os jovens a buscarem o conhecimento.

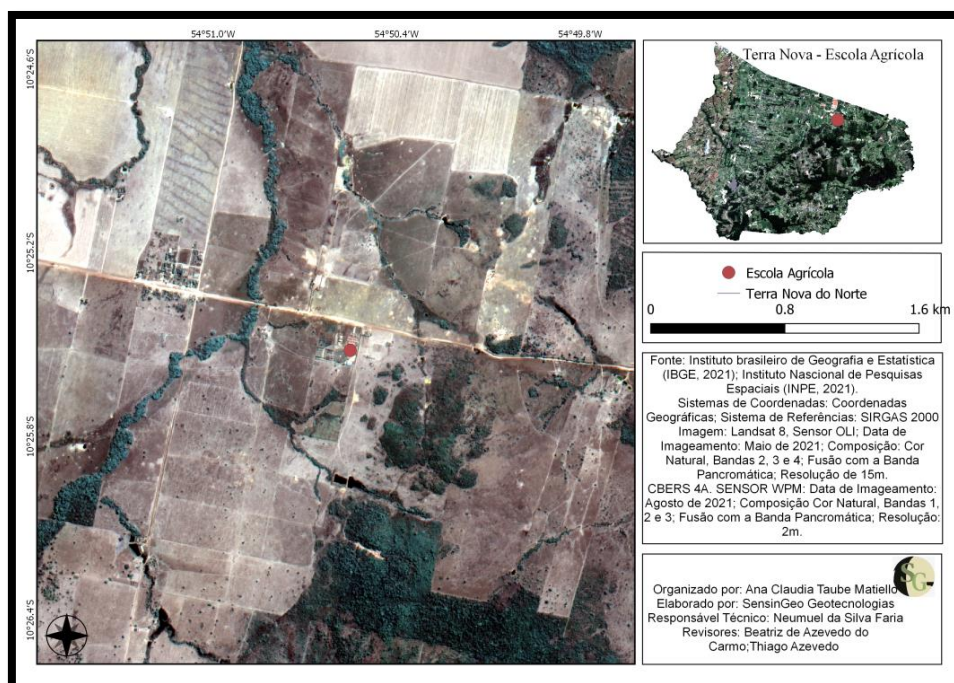
Para iniciarmos esta discussão, faremos uma breve caracterização da Escola Estadual Terra Nova, conhecida popularmente como Escola Agrícola. Para dimensionar sua importância na participação nesta pesquisa, temos que compreender sua localização no município de Terra Nova do Norte-MT. Na

---

<sup>27</sup> Entrevista professor 1 na Escola Estadual Terra Nova, Terra Nova do Norte, 05-03-2023.

Figura 33, é possível observar o mapa de localização dessa escola dentro da comunidade Ribeirão Bonito e/ou Décima Agrovila no município de Terra Nova do Norte. Essa instituição escolar está situada bem próxima a uma comunidade terra-novense; situa-se a alguns quilômetros após, para facilitar o acesso ao postinho de saúde, posto de gasolina e à veterinária disponível na comunidade, facilitando várias situações que possam ocorrer em momentos de urgência.

Figura 33: Imagem orbital da localização da Escola Estadual Terra Nova na comunidade Décima Agrovila ou Ribeirão Bonito



Fonte: Organizado pela autora e elaborado por Sensigeo (2022)

A Escola Estadual Terra Nova, que surgiu em 2010, está situada na comunidade Décima Agrovila, a aproximadamente 50 quilômetros do núcleo urbano do município de Terra Nova do Norte com aproximadamente 20 hectares em produção para os trabalhos desenvolvidos pelos estudantes na escola. Iniciaram-se os trabalhos no ano de 2010, atualmente possui 260 estudantes de 15 municípios, quais sejam: Nova Guarita, Peixoto de Azevedo, União do Norte, distrito de Peixoto de Azevedo, Matupá, Garantã do Norte, Novo Mundo, Colíder, Nova Santa Helena, Itaúba, Tabaporã, Marcelândia, Cláudia, Nova Canaã do Norte, Terra Nova do Norte, Altamira e Novo Progresso no Sul do Pará.

Para uma melhor compreensão, apresentamos uma das falas da

entrevista semiestruturada com o Professor 1, quando ele foi questionado a respeito da rotina na Escola e sobre a importância dessa escola estar no meio rural:

Esse modelo de escola é sim importante estar no meio rural, porque se trata de um curso técnico e você ter o contato direto com o meio rural é muito importante, porque muitas vezes você acabou de sair da sala de aula por mais que você não vá para a atividade do campo, mais pelo simples pelo fato de você estar no meio já faz com que você se interaja, você sai já vê um bovino pastando, tem o confinamento do vizinho do lado, tem os cães e os gatos, interaja uma coisa com a outra. Sobre a rotina é uma pergunta bem ampla, porque tem profissionais só vêm e faz uma atividade e vai para casa, tem os estudantes que intercalam durante a semana, conosco professores e gestores que ficam a semana toda, agora minha rotina como professor, minha situação é importante ressaltar que eu tenho uma esposa e nenhum filho, é uma dificuldade a menos, mas é ruim, o fato de não estar em casa, é uma rotina e de muito sacrifício e doação, nunca é somente pelo dinheiro, claro que o dinheiro faz parte, ninguém trabalha de graça, mas se for considerar somente salário nenhum de nós estaríamos aqui, até pelo tempo de qualidade também, às vezes a gente poderia estar trabalhando com mais comodidade de tempo, ganharia menos, mas estaria em casa, é um formato de rotina, por um tempo e construtiva, pois você abre mão da sua privacidade, a todo momento e professor é professor, pedindo alguma, por um tempo agrega muito, depois de um tempo se torna uma situação pesada, tem que trabalhar muito o psicológico (Informação Verbal<sup>28</sup>).

Em relação ao surgimento da Escola, o Professor 1, explicou:

Eu sou do projeto Viver do Campo da onde surgiu fazer a Escola Agrícola, eu tiro como exemplo assim as grandes universidades renomadas demoraram séculos para ser o que são hoje, em relação à posição e estrutura, pegamos uma USP da vida né, então assim a escola agrícola não é diferente, pelo pouco tempo que tem apenas 13 anos a evolução foi muito grande de quando a gente iniciou em 2010 num barracão de madeira praticamente do zero em equipamentos como trator, grade essas coisas, para o que temos hoje é uma evolução muito grande e se continuar no ritmo que está, na minha visão logo teremos nível superior e os alojamentos vão ajudar muito, a princípio o primeiro contato com a pedagogia da alternância foi na Escola São Pedro, na comunidade São Pedro, estudei meu Ensino Fundamental lá e o Ensino Médio, aí o L..., V... pensaram nesse modelo de escola e implantaram em 2010, estudei e participei da construção das regras e tudo mais, aí depois formei, trabalhei um tempo aqui

---

<sup>28</sup> Entrevista professor 1 na Escola Estadual Terra Nova, Terra Nova do Norte, 05-03-2023.

como técnico também, trabalhei no apoio administrativo da escola e depois técnico agrícola, aí sai fui estudar na Universidade do Estado de Mato (UNEMAT) Grosso e voltei agora como professor (Informação Verbal <sup>29</sup>).

A escola nem sempre esteve localizada na comunidade Décima Agrovila (Figura 33). Antes, ela se localizava na comunidade São Pedro, com o projeto Viver do Campo, onde hoje funciona a Associação AMAFPA, como já foi mencionado anteriormente.

É importante dizer que o Professor 1 é da comunidade, de modo que construiu vínculos com as associadas da AMAFPA. As famílias produzem pães, bolachas e cucas para a escola através do Programa Nacional de Alimentação Escolar, o que demonstra a relação entre a agricultura familiar e a dependência mútua necessária para a sua existência.

A Escola Estadual Terra Nova está situada no meio rural, em uma comunidade, essa é uma das suas características relevantes para a formação dos estudantes, de ter instalada na comunidade uma escola no/do campo. Como Caldart (2003) salienta, o povo do campo tem o direito de ser educado no lugar onde vive, uma educação pensada sobre o seu lugar de vivência, vinculada à sua cultura e as suas necessidades humanas. Por ser uma escola rural e no campo, tem uma grande área de aprendizado, além de ser um local amplo e organizado (Figura 34).

A Figura 34, tirada por um professor da escola, revelou que a escola é ampla, organizada e acolhedora. Esse espaço cria um ambiente propício para o ensino aprendizagem das questões do campo.

Durante as observações, houve uma boa recepção por parte de todos, sejam estudantes, professores, coordenadores ou funcionários. A primeira visita foi extremamente importante, ficamos atentas ao relato da história e da funcionalidade da instituição. Recebemos o convite para dormir na escola, para ter uma melhor compreensão da rotina da instituição. Um professor foi designado para apresentar todos os locais e áreas de trabalho desenvolvidos, além de abrir espaços de interação com os estudantes, que nos receberam com grande hospitalidade.

---

<sup>29</sup> Entrevista professor 1 na Escola Estadual Terra Nova, Terra Nova do Norte, 05-03-2023.



Figura 34: Imagem área da Escola Estadual Terra Nova



Fonte: Acervo dos Agricolinos (2022)<sup>30</sup>

Em relação ao modelo de organização curricular da educação técnica e de nível médio, o Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Terra Nova (PPP) (2019) afirma que o currículo é organizado por áreas e disciplinas da Base Nacional Comum, diversificando o modelo de vida dos estudantes e garantindo uma formação integral. Ele também considera o desenvolvimento sustentável e solidário do meio comunitário e socioprofissional, no qual o jovem, na continuidade dos seus estudos, tem uma base profissional para serem protagonistas na sociedade.

O conjunto de atividades está organizado em uma dinâmica de tempo e espaço chamada de Tempo Escolar e Tempo Comunidade. As atividades são protegidas de acordo com uma lógica de supervisão, o ciclo de desenvolvimento dos alunos e os requisitos necessários para a educação dos alunos. Os dois tempos de estudo são combinados, comunicando o que aprenderam via atividades e exercícios, aplicando o que aprenderam na escola em suas casas e comunidades, reforçando o ensino e o vínculo familiar.

Já a educação profissional técnica, de nível médio com habilitação em agroecologia, pelo Curso Técnico em Agroecologia, fornecido pela escola, tem a duração de quatro anos, devido ao Ensino Médio integrado ao curso, que tem

---

<sup>30</sup> Fotografia fornecida por um professor da escola, que realiza com drones aéreos trabalhos de campo com os estudantes.

como perfil habilitar os jovens para desempenhar atividades voltadas para a produção de alimentos de qualidade, saudáveis e sem agrotóxicos, respeitando o meio ambiente e valorizando o homem e o seu trabalho no campo.

Segundo Brasil (2016), o técnico em agroecologia tem como perfil profissional implantar sistemas de produção na agropecuária e agroextrativista com técnicas em sistemas orgânicos, realizando procedimentos de conservação dos solos e da água, com a organização voltada para a agricultura familiar, desenvolvendo ações de conservação e armazenamento de matéria-prima em produtos agroecológicos, operando máquinas e equipamentos agrícolas que sejam voltados ao meio rural agroecológico.

Esse tipo de curso tem como vertente a valorização da agricultura familiar. Sobre isso, o Professor 1 foi questionado: Qual o impacto da agricultura familiar no ensino da Escola? Um trecho da sua resposta:

Primeiramente que o modelo de curso daqui é voltado para a agricultura familiar, para pequenas propriedades, pequenas famílias que sobrevivem da produção que tem, seja ela leiteira, agrícola, a escola existe por conta das famílias né da agricultura familiar, se fosse uma região de predominância agrícola talvez não seria esse curso, seria outro, talvez nem existiria, aqui é mais que somente o título de técnico em agroecologia né e a formação que recebe que é muito mais forte, essa interação é muito importante e o coração do curso, se tirar a agricultura familiar o curso acaba (Informação Verbal<sup>31</sup>).

A agricultura familiar é a base do ensino aplicado nessa escola, pois o técnico em agroecologia volta-se para esta área, além da escola prezar pela integração dos estudantes com as famílias, como apresentado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9394/1996 (LDB), em seu artigo 12, Inciso VI, que diz: “[...] articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola.” A escola percebe a necessidade da aproximação com as famílias dos estudantes, através das atividades do tempo comunidade, para que os pais possam participar do processo de formação dos estudantes, auxiliando nas atividades, seja na manutenção dos trabalhos práticos em que o estudante está na escola e traz para o tempo comunidade.

---

<sup>31</sup> Entrevista professor 1 na Escola Estadual Terra Nova, Terra Nova do Norte, 05-03-2023.

Já em relação ao modelo de ensino aplicado na escola, temos a dinâmica da pedagogia da alternância, considerado um dos principais pilares da escola. Segundo Rodrigues (2020), a pedagogia da alternância se apresenta como uma possibilidade de formação escolar e humana, de acordo com as especificidades do campo. Destacamos, porém, que não é em toda organização escolar que os estudos acontecem em tempo diferenciado do ensino regular, em que os alunos vivenciam o tempo escola e o tempo no seio familiar, considerando a alternância. Esse modelo de pedagogia, defende a formação global de alternante, respeitando as vivências dos alunos nos diferentes espaços.

Conforme Queiroz (2004), há três tipos de Alternância nos CEFFA (Unidades de ensino que utilizam a Pedagogia da Alternância): a *justapositiva*, que se caracteriza pela sucessão dos tempos e períodos consagrados ao trabalho e ao estudo, sem uma relação entre eles; a *associativa*, quando ocorre uma associação entre a formação geral e a formação profissional, verificando a existência da relação entre a atividade escolar e a atividade profissional, mas ainda como simples adição; e a *integrativa* ou *copulativa*, com a compenetração efetiva de meios de vida socioprofissional e escolar.

A alternância implica em uma conexão estreita entre as duas fases de atividades em todos os níveis - individuais, interpessoais, didáticos e institucionais. A ligação permanente entre eles é dinâmica e se efetua em um movimento contínuo de ir e retornar. Embora seja a forma mais complexa da alternância, seu dinamismo permite constante evolução. Em alguns centros, a integração é feita por meio de um sistema educativo, em que o aluno alterna períodos de aprendizado na família e no seu próprio meio, com períodos que estão interligados por meio de instrumentos pedagógicos específicos, pela associação harmoniosa entre família e comunidade e por uma ação pedagógica que pretende a formação integral com a profissionalização (Queiroz, 2004).

Ainda Rodrigues (2020, p. 10) trata do seguinte em relação à pedagogia da alternância:

A Pedagogia da Alternância é uma proposta destinada aos sujeitos do campo com o intuito de garantir o direito à educação dos camponeses, bem como a oferta de condições para que esses se desenvolvam como sujeitos críticos e participativos em suas comunidades sem a necessidade de migrarem para centros urbanos em busca de melhores condições de vida.

Sendo assim, a pedagogia da alternância tenta valorizar a vivência dos jovens do campo, como é o caso apresentado na escola agrícola, que busca essa integração dos estudantes com suas famílias e comunidade, respeitando sua realidade, vivências e experiências. O Projeto Político Pedagógico (PPP) (2019, p.21) da escola trata da seguinte maneira a pedagogia da alternância:

Promover a formação integral da pessoa buscando o desenvolvimento rural, através da aplicação da Pedagogia da Alternância, como processo educativo entrelaçado com a participação do estudante, família, comunidade e educador, não desvinculando o jovem do meio rural, do seu ambiente familiar e comunitário.

Dessa forma, a pedagogia da alternância é uma maneira de promover aos estudantes uma relação íntima com o meio rural e sua realidade. Ao Professor 1, foi perguntado o seguinte: O modelo de ensino e aprendizagem aplicado na escola influencia de alguma maneira na vida dos estudantes? Comente. Ele respondeu o seguinte:

O modelo de ensino mistura a teoria e a prática com a convivência, então ao mesmo tempo que você está passando a teoria está na prática, e ainda está tendo que interagir com pessoas que você não conhece que vêm de outras regiões que você não conhece e literalmente tem que conviver 24 horas com essas pessoas seja em sala, refeitório, alojamento, corredores, a lidar um com os outros, relevar muita coisa, aprender um com o outro (Informação Verbal<sup>32</sup>).

Em relação ao que disse o professor, observamos a rotina que a escola estabelece com os estudantes, em estabelecer articulação entre a teoria e a prática, de modo que o estudante é conduzido para as áreas de trabalho, neste caso os grupos, para desempenharem atividades de cuidar dos animais, horta, lavoura, afazeres de jardinagem, alimentação, limpeza, organização, entre outros, sempre sob a supervisão de um ou mais professor responsável. Esses trabalhos são desenvolvidos no meio rural e depois os alunos vão para a sala de aula aprender a teoria. Além da questão humana, a escola desenvolve o cooperativismo entre os estudantes, bem como a socialização e a convivência diária, procurando estabelecer vínculos e aprendizado mútuo.

---

<sup>32</sup> Entrevista professor 1 na Escola Estadual Terra Nova, Terra Nova do Norte, 05-03-2023.

Em relação à entrevista semiestruturada realizada com a Estudante 1, esclarecemos que ela é uma jovem de 18 anos, que mora no município vizinho chamado de Nova Santa Helena. Ela encontra-se no último ano da escola na fase final do curso técnico em Agroecologia. A estudante participou da II Mostra Científica e I Olimpíada Nacional de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas, como bolsista de Iniciação Científica Junior do CNPq, desde o ano de 2022, quando o projeto iniciou. Esses projetos são desenvolvidos por um grupo de pesquisadores, na qual também fazemos parte. Atualmente essa aluna não pode ser mais bolsista, tendo em vista estar no seu último ano na escola, no entanto está auxiliando, como voluntária, com os outros estudantes que irão participar na próxima edição.

Quando a Estudante 1 foi questionada acerca do impacto da escola na sua vida de estudante, Ela respondeu:

Em questão da escola é mais o curso técnico né, porque ele auxilia bastante a gente para conseguir ajudar na família e em casa e também por questão de se a gente precisar fora no trabalho, porque pessoas não querem fazer faculdade, porém para mim o que vejo já como no meu último ano eu percebo que o maior impacto é questão da formação humana, porque aqui dentro tem um jeito diferente de outras escolas, entende? Tanto a questão do trabalho prático e o teórico, ajuda bastante, a formação humana ajuda a gente se desenvolver melhor na questão do cooperativismo com as pessoas, de socializar melhor e oratória, abre muitas outras portas de experiências (Informação Verbal<sup>33</sup>).

A questão da formação humana levantada pela Estudante 1 está no fato da escola valorizar a convivência amigável entre os estudantes, professores, técnicos, gestores e visitantes, para que eles consigam aprender a trabalhar em equipe. Assim, ao estar na escola, as pessoas percebem a boa recepção e a comunicação por parte de todos que se disponibilizam a mostrar a escola e as atividades desenvolvidas, auxiliando no ensino-aprendizagem de todos.

Em outra pergunta, foi questionado o seguinte: Você é da área rural? Se sim, sua família pertence à agricultura familiar? Comente sobre a importância da agricultura familiar na sua vida. Ao que ela respondeu:

Sim sou da área rural. Sim e a gente em casa a gente faz tudo com o pessoal da família, todo mundo trabalha junto, todo

---

<sup>33</sup> Entrevista estudante 1 na Escola Estadual Terra Nova, Terra Nova do Norte, 05-03-2023.

mundo tem um desenvolvimento e toda renda e das coisas que nós produzimos é para nós mesmos, tem galinha, ovos, faz queijo, gado, horta. Bom e a questão da união porque o que acontece a gente que trabalha com a agricultura familiar, a gente aprende de uma forma diferente e passado de geração em geração o que cada um faz, o que meu avô ensinou para o meu pai vai passar para a gente e estar sempre presente, não é cada um por si e estar sempre junto um com o outro (Informação Verbal<sup>34</sup>).

A escola Estadual Terra Nova visa matricular estudantes da área rural ou que tenham contato com esse ambiente, principalmente, no familiar, tendo em vista que o objetivo da escola é que os alunos tenham contato para a prática na área rural e venham ajudar a família. O Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), por exemplo, que se inicia no segundo semestre do terceiro ano, os alunos precisam desenvolver uma atividade na propriedade da família. Além da experiência da prática desenvolvida com a família, que pode gerar renda, também implica a atividade de pesquisa, de produção de conhecimento, sob a perspectiva da agricultura familiar e, se possível, agroecológica.

A importância da valorização da agricultura familiar através dos jovens é um incentivo para a permanência deles no campo. Atualmente ocorre muito a evasão da população do campo para a cidade, principalmente, dos jovens que procuram por outras oportunidades. Conforme Troian e Machado (2019), dentre as principais implicações da perda da agricultura familiar nos últimos anos está na sucessão da agricultura, que acontece quando uma nova geração de agricultores perde a naturalidade com que era vivida até então com a família e pelos indivíduos da comunidade. Isso ocorre quanto a permanência dos jovens na propriedade familiar e, conseqüentemente, a continuidade dos afazeres da família ou o abandono da propriedade rural familiar e com a mudança do modo de vida pela cidade.

Escolas como a apresentada nesta pesquisa são fontes de inspiração para a permanência desses jovens no campo visto que eles conseguem se enxergar como protagonistas de suas histórias, comunidade e famílias. A maioria dos jovens não permanece nas propriedades rurais da família devido à falta de acesso à educação procurando fora da área rural o acesso, dificultando a permanência dos povos do campo e seus saberes.

---

<sup>34</sup> Entrevista estudante 1 na Escola Estadual Terra Nova, Terra Nova do Norte, 05-03-2023.



Para melhor compreensão deste estudo, relatamos a nossa experiência como professora voluntária na II Mostra Científica e I Olimpíada Nacional de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas, realizada no estado do Mato Grosso, em Cuiabá, ocorrido na Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), que contou com a participação de estudantes de diversas escolas tanto públicas como privadas, para divulgação de trabalhos sobre a experiências nesses locais.

A Figura 35 traz a imagem dos trabalhos expostos durante a Olimpíada pelos estudantes da escola, vejamos:

Figura 35: Trabalhos expostos na Olimpíada da Escola Estadual Terra Nova



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022)

Consideramos importante para as nossas reflexões aqui implementadas, uma breve caracterização do voluntariado nesse evento, já que contribuimos na elaboração dos 16 trabalhos realizados pelos estudantes da Escola Estadual Terra Nova. Não sendo docente da escola Estadual Terra Nova, tivemos como função ajudar no apoio aos professores dispostos a participar da Olimpíada. Assim, desenvolvemos um trabalho de orientação na escrita dos alunos, da melhor forma possível, bem como na organização de reuniões para explicar como funcionaria o trabalho. Esse trabalho foi realizado juntamente com uma professora de português, em foi oferecida uma oficina de leitura e escrita do artigo. Também realizamos reuniões via Google Meet nas semanas que não acontecia as aulas presenciais, uma vez que a escola trabalha com pedagogia

da alternância.

Segundo Brasil (2020), a pedagogia da alternância é um método que busca a interação entre os estudantes do campo e sua realidade no cotidiano, pois o que se aprende na escola pode ser compartilhado com a sua vivência e vice-versa. O Projeto Político Pedagógico (2019) da escola agrícola trata deste mesmo assunto, salientando a importância da sua aplicação para os conhecimentos adquiridos na vida escolar do estudante.

O tema dos artigos apresentados e escolhidos pelos alunos da escola foi referente aos grupos de trabalhos desenvolvidos na escola, como método de prática no campo. Após uma visita da organizadora do Evento na escola, ela propôs a participação dos estudantes, partindo deles a proposta de trabalhar os doze grupos de trabalho do campo, sendo eles: bovinos; aves; suínos; lavoura; fruticultura; jardinagem; organização; construção; ferramentas; mídias sociais; processamento; horta e com quatro trabalhos com os temas diversos: tempo comunidade; importância da escola para o município; metodologia aplicada e caderno campo. Assim, participaram dos eventos cerca de 40 estudantes, das turmas do Segundo Ano “A” e “B”

Os alunos que participaram da Olimpíada, principalmente os da escola agrícola, bem como do grupo dos povos tradicionais, tiveram uma experiência única, pois alguns nunca saíram para a capital, além de conhecerem outras histórias de vida, puderam compartilhar a sua. Os jovens de áreas rurais, como é o caso da Escola Estadual Terra Nova, puderam se sentir parte de um evento que valoriza seus saberes. A esse respeito, Castro *et al.* (2013) tece contundentes considerações ao aludir que dar oportunidades de estudo aos jovens rurais é uma forma de incentivá-los a permanecerem no campo, visto que a falta de oportunidades para estudar é umas das principais razões para deixar o campo.

Os autores Pereira e Reck *et. al* (2023), ao discorrem sobre este assunto, dizem que o projeto é comprometido com a preservação do meio ambiente e com a inclusão de comunidades indígenas, Quilombolas e Comunidade Tradicionais em espaços acadêmicos articulados ao ensino, pesquisa e extensão da Unemat. Os círculos de cultura, de uma educação decolonial, ajudam a nos refazer como pessoa, a transformar a nossa própria vida e das outras pessoas que nos rodeiam.



Como discorrem os autores Arroyo e Fernandes (1999, p. 21), “A escola do campo é a que defende os interesses, a política, a cultura e a economia da agricultura camponesa [...]”, sendo assim é a escola do campo que mantém viva a experiência e vivência dos povos do campo em meio aos desafios atuais que suprimem esses conhecimentos essenciais. Por isso, torna-se essencial a participação desses povos em eventos que possam valorizar seus saberes.

Em suma, entendemos que esse evento proporcionou importantes conhecimentos aos alunos que dele participaram, pois além de concorrerem a uma bolsa científica, conseguem dar visibilidade a sua escola, mostrando os saberes e fazeres escolares. Os professores também são beneficiados com isso, além de ensinarem a produzir um artigo científico, dão oportunidades para que esses alunos se preparem para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), com a possibilidade de tirarem boas notas, bem como oportunizaram percepções de como esses alunos enxergam seu espaço de vivência.

Durante esse período de preparação para a Olimpíada, ocorreu uma imersão, em que pudemos acompanhar a rotina da escola, o que nos permitiu compreender um pouco da experiência desses estudantes e professores em seu cotidiano. A observação participante foi extremamente importante durante esse processo, pois, de acordo com Lima e Almeida (1999), a observação participante proporciona um maior contato pessoal com o objeto de investigação, permitindo acompanhar as experiências diárias dos sujeitos e compreender a sua realidade. Na visita, conseguimos estar mais próximo dos alunos e acompanhar as atividades desenvolvidas, como café da manhã, atividade a campo, almoço, período de aula, descanso, jantar e momento de reflexão.

A escola tem um sistema de ensino que valoriza o meio rural, e os estudantes têm grupos de trabalho para a prática, tudo o que é aprendido em sala de aula é aplicado no campo. No total, são 14 grupos: Grupo da Administração; Grupo dos Animais 01 (suínos, abelhas, coelhos e minhocas); Grupo dos Animais 02 (bovinos e ovinos); Grupo dos Animais 03 (aves); Grupo das Construções; Grupo das Ferramentas; Grupo da Fruticultura; Grupo da Horta; Grupo da Lavoura; Grupo das Mídias; Grupo da Organização; Grupo do Processamento; Grupo do Viveiro e Tempo Comunidade. Cada um tem a sua função, a divisão do número de estudantes, o planejamento das atividades e a supervisão de um ou mais professores responsáveis.

A experiência e o contato direto com a escola e com a Olimpíada permitiram-nos obter dados relevantes para esta pesquisa, que prosseguiu seu curso até chegarmos à conclusão de que a Escola Estadual Terra Nova é crucial para a manutenção da agricultura familiar no município e na região, formando, estudantes que garantirão a permanência dos povos do campo, pois é a juventude que pode garantir o futuro da agricultura familiar e a manutenção dos saberes e fazeres tradicionais dessa população, que necessitam de mais atenção por parte das políticas públicas.

Assim, a pesquisa revelou que a agricultura familiar está diretamente ligada aos povos do campo, ligados ao trabalho em conjunto. Desde a formação do município, percebemos essa forte ligação, até concluirmos que a Escola Estadual Terra Nova oferece um ensino adequado para a população, para poder permanecer e ajudar no meio rural, mantendo vivas e fortes as raízes da população.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões aqui implementadas, compreendemos a formação e a transformação do território de Terra Nova do Norte, com especial atenção à dinâmica da agricultura familiar existente entre os diversos eventos e sujeitos que compõem este lugar. Ao analisarmos a formação inicial de Terra Nova do Norte, é possível compreender que esse território foi marcado por lutas e conflitos entre os colonos que ali lutaram por sua posição de agentes transformadores e presentes nesse espaço de luta. Consideramos este evento crucial para o desenvolvimento atual do município e de seus sujeitos na agricultura familiar.

A pesquisa está fundamentada na dialética e nas diversas formas de buscar informações ao longo da construção do conhecimento. Para realização da pesquisa, utilizamos as ferramentas adequadas, visando privilegiar os sujeitos em seus locais de fala. Dessa forma, a pesquisa concentra-se no que os povos do campo têm a oferecer em relação à agricultura familiar, com suas vivências e experiências, o que contribui para a compreensão das ligações entre os povos do campo e suas contribuições no/para município, na constituição territorial e no seu lugar social.

As observações e as entrevistas semiestruturadas permitiram-nos um maior alcance à pesquisa e às informações necessárias sobre a agricultura familiar e seus sujeitos, o que nos possibilitou compreender melhor como a dinâmica deste território está presente nessa área de estudo, auxiliando na sua formação e no que é hoje esse espaço.

Ao estabelecer uma conexão com as populações do campo, pudemos acompanhar a rotina e a relevância de fazer parte de uma história de construção e pertencimento ao território. Notamos que as associadas da AMAFPA, as duas produtoras, a Coopernova e a Escola Estadual Terra Nova têm um vínculo, o que demonstra que a agricultura familiar é um ramo que valoriza o cooperativismo e a parceria entre os indivíduos, valorizando o trabalho cooperativo entre eles, contribuindo para o crescimento pessoal e social.

Dessa forma, compreendemos que a agricultura familiar estudada nesta pesquisa não pode ser desvinculada do município, uma vez que ela é o fundamento necessário para a construção e transformação deste território, bem

como das pessoas que habitam este local, o que leva à necessidade de fortalecer estudos nesse campo.

Quando nos referimos à necessidade de estudos nesse campo, estamos nos referindo aos povos do campo, como observamos, juntamente com as políticas públicas, que devem contribuir para a permanência dos sujeitos do campo em seus locais de fala ou, até mesmo, para o retorno social deles. Um exemplo disso é o fato de autora desta pesquisa ser uma resposta social de seu povo. A partir dessa pesquisa, percebemos a importância de colaborar com a formação dos camponeses. Afinal: Como podemos falar deles sem que eles próprios estejam envolvidos?

Ao depararmos com as mulheres do campo em busca de sua formação, qualificação e independência em relação ao seu papel social, pudemos ver que essas mulheres, nascidas e criadas na agricultura familiar, são as guardiãs de suas famílias e dos saberes e ofícios do camponês, sendo responsáveis por manter a economia, cultura e até mesmo o conhecimento. Muitas pessoas não estudaram ou não puderam estudar, mas quando olhamos para suas histórias, percebemos que elas possuem conhecimento, mas ainda têm muito a aprender e contribuir com a vida das pessoas do campo.

Quando nos referimos ao meio educacional, estamos acenando ao modelo de ensino da Escola Estadual Terra Nova. Não é de hoje que modelos de ensino que visam o local de permanência são considerados extremamente importantes. Como podemos deixar de falar de um modelo assim, que visa ensinar esse conhecimento, o pertencimento? Modelo que traz um retorno social tão expressivo às populações do campo.

Ademais, é apresentado um projeto como a Mostra Científica e a Olimpíada Nacional de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas, que valoriza a persistência, valoriza o poder da fala, proporciona aos jovens a chance de se expressarem e se sentirem parte deste mundo, que cria condições para que os alunos reflitam sobre o que vem por aí. Isso se reflete em publicações, livros, projetos e, até mesmo, no crescimento desses jovens, sobretudo meninas, que são reflexos de suas comunidades. Uma das bolsistas já disse: “Sou um exemplo em minha comunidade por meio do projeto, minha mãe faz parte da associação AGRIPAC. Pois sou a futura coordenadora, já estudo para isso.”

(*informação verbal*)<sup>35</sup> Sonhos como o desta menina são investimentos no sujeito do campo.

É possível concluirmos que as pesquisas apresentadas aqui não se limitam a apresentar dados, histórias ou reflexões sobre um passado, mas sim um retorno social sobre o impacto da educação na vida de quem realmente deseja transformar a vida. Terra Nova do Norte, quando foi descoberta, enfrentou diversos obstáculos, mas resistiu contra eles através da agricultura familiar tão presente.

As pesquisas que apresentam esse tipo de estudo são de extrema relevância, uma vez que há um distanciamento dos conhecimentos tradicionais. A abertura para os sujeitos que foram apresentados nesta pesquisa demonstra a riqueza de dados e informações que têm um impacto direto nas questões sociais que norteiam nossa sociedade. Esses sujeitos, às vezes, passam despercebidos, mas que carregam conhecimentos e histórias de todo um contexto cultural marcante.

Dessa forma, concluímos apontando para a necessidade de se abrir, cada vez mais, espaços para as populações tradicionais em toda a esfera da sociedade, como espaços para os alunos apresentem seus conhecimentos e histórias, contribuindo para o crescimento social e, conseqüentemente, para a melhoria das políticas públicas voltadas para esse tipo de área, contribuindo para o progresso social.

---

<sup>35</sup> Fala de uma das bolsistas do projeto Mostra Científica e Olimpíada Nacional de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDOUS, J. O intercâmbio entre Durkheim e Tönnies quanto à natureza das relações sociais. In: MIRANDA, O. de. (Org.). **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: Edusp, 1995.

ALMEIDA, Semíramis Pedrosa de. SILVA, José Antônio da. **PIQUI E BURITI – Importância alimentar para a população dos Cerrados**. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1994.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. – 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ARMANDO, M. S. **Agrodiversidade: Ferramenta a Serviço de uma Agricultura Sustentável**. Série Documentos – Embrapa, 2002.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Políticas de formação de educadores (as) de campo. In **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago., 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 01 de out. 2022.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BEAUVIOR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Cartilha Nacional da Alimentação Escolar**. Brasília, DF, 2014.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico, 2010**. Os indígenas no Censo Demográfico 2010 primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena\\_censo2010.pdf](https://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf). Acesso em: 04 de set. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Resolução CNE/CEB 1/2020**. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de novembro de 2020, Seção 1, p. 61. Disponível em: [https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE\\_RES\\_CNECEBN1\\_2020.pdf](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECEBN1_2020.pdf). Acesso em: 18 de janeiro de 2024.

BRASIL. Brasil agroecológico: Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica – Planapo: 216-2019 / **Câmara Interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica**. – Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2016.

BREMM, Cristina. **As políticas educacionais de nucleação das escolas**

**rurais/do campo no município de São Paulo das Missões/RS.** Artigo apresentado como requisito para a aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II sob a orientação do Prof. Dr. Everton Lazzaretti Picolotto. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2622/cristina\\_bremm\\_tcc2.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2622/cristina_bremm_tcc2.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em: 01 ago. 2022.

CALDART, Roseli Salete. A escola do campo em movimento. In **Currículo sem Fronteiras**. Jan/Jun, v.3, n.1, pg.60-81, 2003.

CAPORAL, Francisco Roberto. COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. 24 p. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CARLOTTO, I. FILIPPI, J. A.; MARCELLO, I. E. Estudo da viabilidade da produção de leite em uma propriedade familiar rural do município de Francisco Beltrão-PR. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, v. 12, n. 1, p. 95-109, 2011.

CASTRO, Antônio Maria Gomes *et al.* **Juventude rural, agricultura familiar e políticas de acesso à terra no Brasil**. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2013.

CLAVAL, P. C. C. Geografia Cultural: um balanço. In: **Geografia**. (Londrina), v. 20, n. 3, p. 005-024, set./dez/ 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/6727236/GEOGRAFIA\\_CULTURAL\\_UM\\_BALANÇO.pdf](https://www.academia.edu/6727236/GEOGRAFIA_CULTURAL_UM_BALANÇO.pdf) Acesso em: 29 mai. 2022.

**COOPERNOVA: História da Coopernova**. 2013. Disponível em: <https://www.coopernova.com/institucional/?pg=institucional>. Acesso em: 06 maio de 2023.

CORREIA, F. C. S.; FRANCISCO, R. S.; SOUZA, V.; RIBEIRO, V. M. F.; GOMES, F. A. Criação de pacas (*Cuniculus paca*) como alternativa de diversificação de produção e renda em Rio Branco – Acre. **Arq. Ciênc. Vet. Zool. UNIPAR**, Umuarama, v. 19, n. 2, p. 81-89, abr./jun. 2016.

CORREA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de e outros (org.). **Geografia: conceitos e temas**. 14.ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CUNHA, J. M. P. Dinâmica migratória e o processo de ocupação do Centro-Oeste brasileiro: o caso de Mato Grosso. **Revista Brasileira de Estudo de População**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 87-107, 2006.

CUNHA, Teresa. Mulheres, identidades e territórios: as experiências e conhecimentos delas. In: Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira; Beleni Saléte Grando; Lisani da Conceição Patrocínio Pereira; Teresa Cunha. (Org.). **Epistemologias do Sul: Mulheres & Identidades**. 1ed.Curitiba: CRV, v. 3, p.

207-219, 2019.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Panorama da história kaingang. **Portal Kaingang**. 2010. Disponível em: [http://www.portalkaingang.org/index\\_home.html](http://www.portalkaingang.org/index_home.html). Acesso em: 22 de set. 2022.

DAVID, A. **Competitividade das cooperativas do sistema de cooperativas de leite da agricultura familiar – SISCLAF**. 2009. 73f. Monografia (Especialista) – Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Gestão do Cooperativismo Solidário. UNIOESTE, Francisco Beltrão, 2009.

DELGADO, Guilherme Costa. BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira (Orgs.) **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017.

DURHAM, E. R. Comunidade. In: Omar Ribeiro Thomaz. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, p. 221-225, 2004.

ESCOLA ESTADUAL TERRA NOVA. **Projeto político-pedagógico (PPP) curso técnico em agroecologia**. Secretaria de Estado de educação: SEDUC, Terra Nova do Norte, 2019.

FAMATO. FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO ESTADO DO MATO GROSSO. **Diagnóstico da cadeia produtiva do leite no Estado de Mato Grosso: relatório de pesquisa**. – Sebastião Teixeira Gomes e Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (IMEA) – Cuiabá: FAMATO, 2011. 93 p.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Questão Agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: **Luta pela Terra, Reforma Agrária e Gestão de Conflitos no Brasil**. Antônio Márcio Buainain (Editor). Editora da Unicamp, 2005.

FERNANDES, F. Título do capítulo do Fernandes. In: FERNANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1973, p. 587.

FERRO, Almir de Souza. VECHI, João Batista de, (Orgs). **Contextualização da agricultura familiar em Mato Grosso: 2ª oficina de concertação estadual de Mato Grosso**. 2. Ed. Sinop: Embrapa Agrossilvipastoril, p. 1-30, 2014.

FICHTER, J. H. Definições para o uso didático. In: FERNANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Nacional EDUSP, 1973. p. 153-155.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNAI. Fundação Nacional dos Povos Indígenas. **Povos e etnias**. (Dados IBGE 2010). Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/o-brasil-indigena-ibge-1>. Acesso em: 22 de set. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo:



Atlas, 2002.

GOMES, P. C. C. Cultura ou civilização: a renovação de um importante debate. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1999. p. 99-122. (Série Geografia Cultural).

GUILHOTO, Joaquim José Martins *et al.* A importância da agricultura familiar no Brasil e em seus estados (2007). **Anais**. São Paulo: ANPEC, 2007. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001633567>. Acesso em: 18 jan. 2024.

GUIMARÃES, Gislene Margaret Avelar. RIBEIRO, Francis Lee. ECHEVERRÍA, Agustina Rosa. Importância da agricultura familiar para o desenvolvimento sustentável de municípios com predominância do agronegócio. **Revista Brasileira de Agropecuária Sustentável**. v. 1, n. 2, 2011. DOI: 10.21206/rbas.v1i2.31. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/rbas/article/view/2630>. Acesso em: 22 jan. 2024.

GURAN, Milton. “Considerações sobre a constituição e utilização do corpus fotográfico na pesquisa antropológica”, In: **Discursos fotográficos**, Londrina, v.7, n.10, p.77-106, 2011.

HAESBART, Rogério. LIMONAD, Ester. **O território em tempos de globalização**. Etc., espaço, tempo e crítica, n.2 (4), v.1, ago.2007.

HERRERA, Karolyna Marin. Uma análise do trabalho da mulher rural através da perspectiva da multifuncionalidade agrícola. **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012. Disponível em: [www.fg2013.wwc2017.eventosdype.com.br](http://www.fg2013.wwc2017.eventosdype.com.br). Acesso em: 20 agosto de 2022.

IBAMA. **Portaria Ibama nº 117/97**, de 15 de outubro de 1997. Dispões sobre a comercialização de animais vivos, abatidos, partes e produtos da fauna silvestre. Brasília: DOU Diário Oficial da União. Publicado no D.O.U. de 15 de outubro de 1997.

IBGE (2006) **Censo Agropecuário 2006**: Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Rio de Janeiro, IBGE. 777p.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção da Pecuária Municipal – PPM**. 2016. Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/media/com\\_materialdeapoio/arquivos/ea77821e06cad1457f9b35c1abe2137f.pdf](https://www.ibge.gov.br/media/com_materialdeapoio/arquivos/ea77821e06cad1457f9b35c1abe2137f.pdf). Acesso em 14 de fev. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário de 2017**. (Resultados preliminares). Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Os indígenas no Censo Demográfico em 2010 primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena\\_censo2010.pdf](https://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf). Acesso em: 22 set.

2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades 2021**. Panorama dos dados do município de Terra Nova do Norte, Mato Grosso. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/terra-nova-do-norte/panorama>. Acesso: 20 nov. 2022.

IMEA. Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária. **Diagnóstico da cadeia produtiva do leite no Estado de Mato Grosso**: relatório de pesquisa. Cuiabá - MT, 2012. Disponível em: Acesso em: 14 fev. 2023.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Educação no meio rural: diferenciais entre o rural e o urbano**. Ministério da Economia, Brasília, 2021.

KUJAWA, Henrique Aniceto. Conflitos envolvendo indígenas e agricultores no Rio Grande do Sul: dilemas de políticas públicas contraditórias. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, Vol. 51, N. 1, p. 72-82, jan/abr, 2015.

LEITE, S. C. Urbanização do processo escolar rural. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 10, n. 20, p. 297, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/961>. Acesso em: 17 jan. 2024.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva. ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de. LIMA, Cristiane Cauduro. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem. **Revista gaúcha de enfermagem**, Porto Alegre, vol. 20, n. especial, pág. 130-142, 1999.

LOVATO, Deonice Maria Castanha. Análise da abordagem territorial rural no Território Portal da Amazônia: exemplo de Terra Nova do Norte, Mato Grosso. **Revista Política e Planejamento Regional**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, janeiro/junho 2017, p. 31 a 51.

LOVATO, Deonice Maria Castanha. Análise da configuração sociocultural e produtiva no espaço rural do município de Terra Nova do Norte. **IV Ciclo de Palestras em Ciências Sociais Aplicadas**. UNEMAT: Sinop – MT, 2010.

LOVATO, Deonice Maria Castanha. Configuração de cooperativas na agricultura familiar no município de Terra Nova do Norte-MT. In: VI Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional, 2013, Santa Cruz do Sul-RS. **Anais do VI Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2013. v. 1. p. 01-20.

LUI, J. F.; NETO, A. C. Conservação e uso de animais silvestres. In: Severino Gonzaga Neto. **Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Zootecnia e X Congresso Internacional de Zootecnia**. 10 ed. João Pessoa PB: Zootec, v. 18, p. 1-10, 2008.

MACLAVER, R. M.; PAGE, C. H. Comunidade e sociedade como níveis de organização da vida social. In: FERNANDES, F. (Org.). Comunidade e

sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: **Editora da Universidade de São Paulo**, 1973. p. 117-131.

MAIA, Guilherme Baptista da Silva *et al.* **Pronaf**: evolução do programa e participação do BNDES. Informativo Técnico SEAGRI, Rio de Janeiro, n. 2, p. 1-16, abr. 2011. Disponível em: [https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/2536?&locale=pt\\_BR](https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/2536?&locale=pt_BR). Acesso em: 18 de janeiro de 2024.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo**. Maringá: Eduem, 2008.

MARION, J. C. **Contabilidade rural**: contabilidade agrícola, contabilidade da pecuária, imposto de renda – pessoa jurídica. 14. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

MENDONÇA, R. de. **História de Mato Grosso**. Revista e atualizada. 3 ed. São Paulo, 1981.

MESQUITA, L. A. P. de. **Agricultura familiar e estratégias de produção**: a comunidade Varão, município de Davinópolis (GO). 2011. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Campus Catalão, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2011.

MINAYO, M. C. de L. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, J. L. A. SCHWAB, P. I. O papel do cooperativismo no fortalecimento da agricultura familiar. **Estudos do CEPE**, n. 49, p. 67-79, 5 jan. 2019.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A FRONTEIRA AMAZÔNICA MATO-GROSSENSE: Grilagem, Corrupção e Violência**. São Paulo: landé Editorial, 2016, 530 p.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007.

OLIVEIRA, Elizabeth de Souza. LUCINI, Marizete. O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência. **Boletim Historiar**, [S. l.], v. 8, n. 01, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/15456>. Acesso em: 24 jan. 2024.

PALÁCIOS, M. O medo do vazio: comunicação, socialidade e novas tribos. In: RUBIM, A. A. (Org.). **Idade média**. Salvador: UFBA, 2001.

PATEMAM, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Guerra, 1993.

PEREIRA, Lisanil da Conceição Patrocínio. “A expansão da fronteira agrícola e as transformações no norte mato-grossense: O Caso de Lucas do Rio Verde”. Dissertação de Mestrado em Geografia, área de concentração em Desenvolvimento Regional e Urbano. Departamento de Geociências do Centro

de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC. Florianópolis, p. 1-113, 2000.

PEREIRA, Lisanil da Conceição Patrocínio. RECK, Jair. JÚNIOR, Miguel Castilho. CUNHA, Teresa Cunha. (Org.). **Iniciação científica e construção de conhecimentos emancipatórios na Escola Agrícola de Terra Nova do Norte? MT / Brasil**. 1. ed. São Paulo: Literando Editora, 2023.

PERUZZO, C. M. K. Comunidades em tempo de redes. Comunicação e movimentos populares: quais redes? Vol. 1, n. 2, p. 275-298, São Leopoldo: **Unisinos**, 2002.

PERUZZO, C. M. K. Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. São Paulo: **Líbero**, 2009.

PROJETO TERRANOVA I. **Cooperativa Agropecuária Mista Canarana** Limitada. Mato Grosso, 1978.

PRONACAMPO. Programa Nacional de Educação do Campo. **Documento Orientador**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão/SECADI Diretoria de Políticas de Educação do Campo, Indígena e para as Relações Étnico-Raciais/DPECIRER Coordenação Geral de Políticas de Educação do Campo/CGPEC. Ministério da Educação, 2012. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13214-documento-orientador-do-pronacampo-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13214-documento-orientador-do-pronacampo-pdf&Itemid=30192) Acesso em: 10 jan. 2023.

PUNTEL, J. A. PAIVA, C. Á. RAMOS, M. P. Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo. IPEA. **Anais do I - Circuito de Debates Acadêmicos**. Code, 2011. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area3/area3-artigo20.pdf>. Acesso em: 18 de janeiro de 2024.

QUEIROZ, João Batista P. de. **Construção das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil: Ensino Médio e Educação Profissional**. 2004. 210 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós - graduação em Sociologia da Universidade de Brasília - UnB. Brasília. 2004.

QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, p. 117-142, 2005.

RAMOS, Crystiane Pontes. Mulheres rurais atuando no fortalecimento da agricultura familiar local. Nitéroí: **Gênero**, v.15, n.1, p. 29-46, 2014.

RODRIGUES, Ana Cláudia da Silva *et al.* **Nucleação de Escolas no Campo: conflitos entre formação e desenraizamento**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, 151p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. MENEZES, Maria Paula. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SANTOS, Estêvão Luiz Santoro dos. **Sabores e saberes do pequi – caryocar brasiliense cambes., (CARYOCARACEAE) - e os valores culturais do Cerrado**. 2015, 175 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) Programa de Pós-graduação Pesquisa e Extensão e Ação Comunitária da Uni Evangélica – Centro Universitário de Anápolis – Goiás, 2015.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Matuchos: exclusão e luta: do Sul para a Amazônia**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. In: OSAL: **Observatorio Social de América Latina**. Año 6 no. 16 (jun. 2005- ). Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>. Acesso em: 20 de jan de 2024.

SANTOS, M. Educação do Campo no Plano Nacional de Educação: tensões entre a garantia e a negação do direito à educação. **Ensaio: aval**. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 26, n. 98, p. 185-212, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/QZR6mRFKcL7NLtLVr3DhQhb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 jan. 2024.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. 2ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SAVOLDI, A.; CUNHA, L. A. Uma abordagem sobre a agricultura familiar, Pronaf e a modernização da agricultura no sudoeste do Paraná na década de 1970. **Revista Geografar**, Curitiba: Universidade Federal do Paraná - UFPR, Programa de Pós-Graduação em Geografia, v. 5, n. 1, p. 25-45, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/geografar.v5i1.17780>. Acesso em: 03 de out. 2022.

SCHNEIDER, S. A pluriatividade e o desenvolvimento rural brasileiro. In: BOTELHO FILHO, F. B. **Agricultura Familiar e Desenvolvimento Territorial -**

**contribuições ao debate.** Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Núcleo de Estudos Avançados, v. 5. n. 17, 2005.

SCHWANTES, Norberto. **Uma cruz em Terranova.** 2ª ed. Brasília: Edição do Autor, 2008.

SEBRAE, Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas em Mato Grosso. **Terra Nova do Norte em números.** Sebrae - Cuiabá: 2019. Disponível em: [https://www.terravadonorte.mt.gov.br/fotos\\_secretarias\\_downloads/7.pdf](https://www.terravadonorte.mt.gov.br/fotos_secretarias_downloads/7.pdf). Acesso em: 22 jan. 2023.

SILVA, Fernando Teixeira. Queijo mussarela. Rio de Janeiro: **Embrapa Agroindústria de Alimentos**, 2005.

SILVA, Juniele Martins. HESPANHOL, Rosangela Aparecida de Medeiros. Discussão sobre comunidade e características das comunidades rurais no município de Catalão (GO). **Soc. & Nat.**, Uberlândia, n.º 28, n.º 3, p. 361-374, dez, 2016.

SILVA, M. A. D. O projeto Terranova - colonização recente na fronteira amazônica. **Revista Outras Fronteiras**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 94–115, 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/491>. Acesso em: 18 jan. 2024.

SILVA, R. de O. P. e. Comportamento do mercado de leite em 2021 e expectativa para 2022. **Análises e Indicadores do Agronegócio**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 1-8, jan. 2022. Disponível em: <http://www.iea.agricultura.sp.gov.br/ftpiea/AIA/AIA-02-2022.pdf>. Acesso em: 22 de janeiro de 2024.

SOUZA, Edison Antônio. **O poder da fronteira: hegemonia, conflitos e cultura no norte de Mato Grosso**, 2008. Dissertação (Tese Doutorado do Departamento de História). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O Território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E; GOMES, P.C.C; CORRÊA, R, L. **Geografia Conceito e Temas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia**. São Paulo: Ed. UNESP, 2012. Capítulo 3 – Geografia e Filosofia: Conceitos.

TÖNNIES, F. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973. p. 96-116.

TROIAN, A.; MACHADO, E. T. L. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar no Brasil: análise da evolução e distribuição entre 1999 e 2017. **Desenvolvimento em Questão**, [S. l.], v. 18, n. 50, p. 109–128, 2020.

DOI: 10.21527/2237-6453.2020.50.109-128. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/8489>. Acesso em: 2 ago. 2023.

TUAN, Y.-F. Lugar: uma perspectiva experiencial / Place: an experiential perspective. **Geograficidade**, v. 8, n. 1, p. 4-15, 28 out. 2018.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. New Jersey: DIFEL (Difusão Editorial), 1930.

WIRTH, L. Delineamento e problemas de comunidade. In: FERNANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973. p. 83-95.

ZOCCAL, R; PEREIRA, V. F.; OLIVEIRA, O. C.; ALMEIDA, M. M. T. B. A pecuária de leite no Brasil: quantificação e caracterização dos produtores. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 53., 2015, João Pessoa. **Agropecuária, meio ambiente e desenvolvimento: Anais**. João Pessoa: Sober, 2015.

## **APÊNDICE A – Roteiro observação participante**

Data: 20 de agosto de 2022 a 30 de Março de 2023

Locais: Associação AMAFPA; Escola Estadual Terra Nova; Propriedades das produtoras 1 e 2

Observações: do local, das vivências, das atividades, relações entre os sujeitos em estudo.

Primeiro contato: apresentação da pesquisadora, da Universidade e conversas para se ambientar com os sujeitos.

Próximos contatos: observação com participação em atividades de trabalho, como a colheita do pequi, Olimpíada com a escola e ajuda no trabalho do dia a dia.



**APÊNDICE B - Roteiro de entrevista Associação AMAFPA**

## Roteiro de Entrevista Semiestruturada

- 1) Qual a maior dificuldade na Associação?
- 2) A Associação é importante tanto para vocês como para a comunidade?  
Por quê?
- 3) Quais os principais recursos recebidos pela Associação?
- 4) O pequi recebido de onde é sua origem?
- 5) Fale sobre a criação e o histórico da Associação.
- 6) Qual o nível de escolarização das associadas?
- 7) Vocês sofrem discriminação ou preconceito por serem mulheres no empreendimento?
- 8) Você se considera parte da agricultura familiar?

**APÊNDICE C - Roteiro de entrevista com as produtoras da comunidade  
Oitava Agrovila**

Roteiro de Entrevista semiestruturada

- 1) Qual o ano que você chegou em Mato Grosso? E quantos anos tinha na época?
- 2) Qual foi o impacto da sua chegada no Mato Grosso? Comente uma experiência.
- 3) Qual era a fonte de renda da família antes de vir ao Mato Grosso? E por que veio para cá?
- 4) Qual a importância da agricultura familiar para você e sua família?
- 5) Você teve alguma experiência de dificuldade como produtora rural? Quais as principais dificuldades como produtora rural? Exemplifique.

**APÊNDICE D - Roteiro de entrevista Escola Estadual Terra Nova  
(Professores)**

Roteiro de Entrevista semiestruturada

- 1) Como professor qual a importância da Escola para sua vida?
- 2) Como é a rotina na Escola? É importante essa escola estar no meio rural?
- 3) Conte sobre o surgimento da Escola? Exemplifique.
- 4) Qual o impacto da agricultura familiar no ensino da Escola? Comente.
- 5) O modelo de ensino e aprendizagem aplicado na escola influência de alguma maneira na vida dos estudantes? Comente.

## **APÊNDICE E - Roteiro de entrevista Escola Estadual Terra Nova (Estudantes)**

### Roteiro de Entrevista Semiestruturada

- 1) Como estudante qual o impacto da escola em sua vida?
- 2) Você é da área rural? Se sim, sua família pertence à agricultura familiar?  
Comente sobre a importância da agricultura familiar na sua vida.
- 3) Por que você estuda na escola agrícola? Isso impacta no seu aprendizado dentro e fora da escola. Exemplifique.
- 4) Sua família dá suporte à esse modelo de escola? E por quê? Exemplifique.

## **APÊNDICE F - Roteiro de entrevista Coopernova**

### Roteiro de Entrevista Semiestruturada

- 1) Qual a importância da Coopernova para o município?
- 2) Como a Cooperativa funciona? Quantos associados possui?
- 3) Há quantos anos o senhor (a) é produtor (a) da Coopernova? E o quanto ela ajuda na economia familiar?
- 4) Quais os incentivos da Coopernova para o município na área da Agricultura familiar?
- 5) Fale sobre a criação e o histórico da Coopernova?